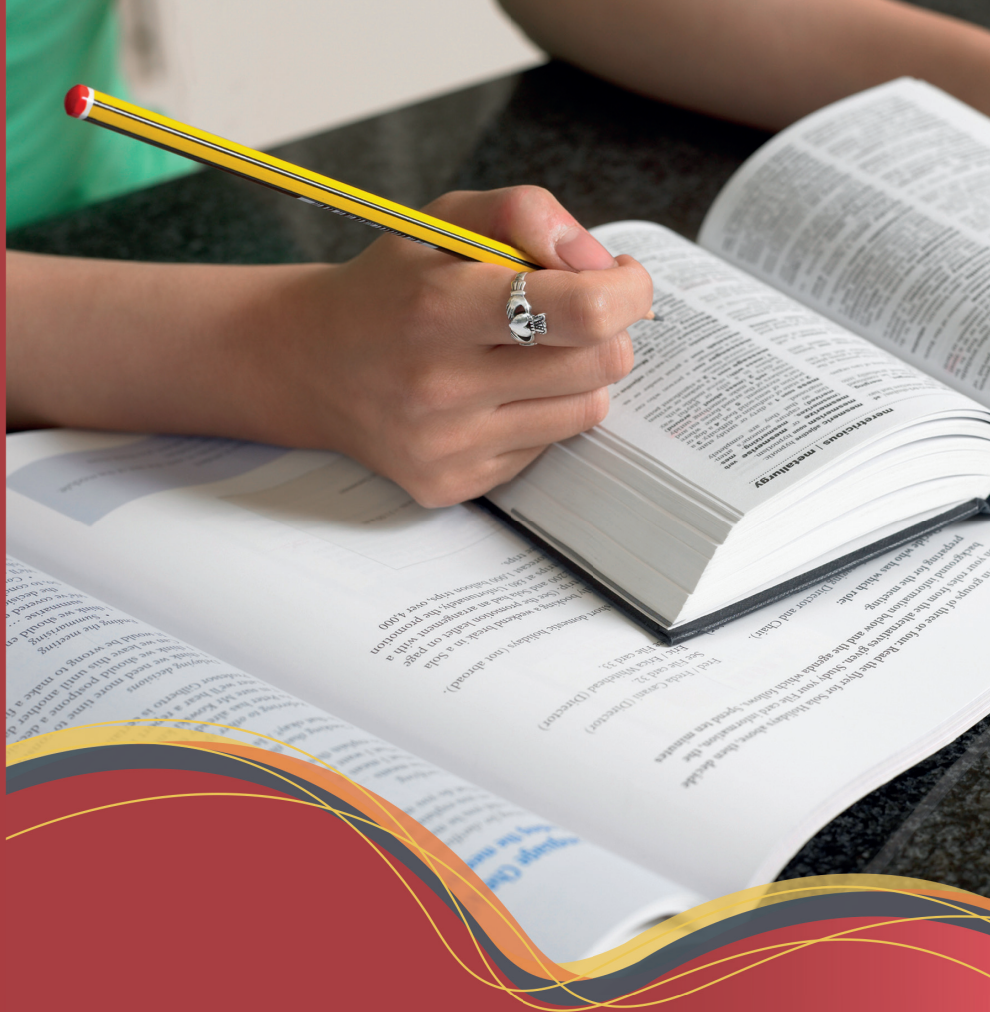




Introdução aos estudos linguísticos

Introdução aos estudos linguísticos

Beatriz de Oliveira Salgado
Paula Marques

© 2017 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente

Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação

Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico

Alberto S. Santana

Ana Lucia Jankovic Barduchi

Camila Cardoso Rotella

Cristiane Lisandra Danna

Danielly Nunes Andrade Noé

Emanuel Santana

Grasiele Aparecida Lourenço

Lidiane Cristina Vivaldini Olo

Paulo Heraldo Costa do Valle

Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

Revisão Técnica

Danusa Lopes Bertagnoli

Editorial

Adilson Braga Fontes

André Augusto de Andrade Ramos

Cristiane Lisandra Danna

Diogo Ribeiro Garcia

Emanuel Santana

Erick Silva Griep

Lidiane Cristina Vivaldini Olo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S164i Salgado, Beatriz de Oliveira
Introdução aos estudos linguísticos / Beatriz de Oliveira
Salgado, Paula Marques. – Londrina : Editora e
Distribuidora Educacional S.A., 2017.
208 p.

ISBN 978-85-8482-905-7

1. Linguagem e línguas. 2. Linguística. I. Marques, Paula.
II. Título.

CDD 410

2017

Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza
CEP: 86041-100 – Londrina – PR
e-mail: editora.educacional@kroton.com.br
Homepage: <http://www.kroton.com.br/>

Sumário

Unidade 1 A Linguística como estudo científico	7
Seção 1.1 - A Linguística como estudo científico	9
Seção 1.2 - A natureza da linguagem humana	24
Seção 1.3 - Usos e funções da linguagem humana	35
Unidade 2 Ferdinand de Saussure: o pai da Linguística Moderna	53
Seção 2.1 - Saussure e o curso de Linguística Geral	55
Seção 2.2 - Níveis de análise linguística	72
Seção 2.3 - Estruturalismo	88
Unidade 3 Abordagens teórico-metodológicas de estudo da língua	107
Seção 3.1 - Gerativismo	109
Seção 3.2 - Funcionalismo	126
Seção 3.3 - Sociointeracionismo	141
Unidade 4 Algumas áreas da Linguística	159
Seção 4.1 - Psicolinguística	161
Seção 4.2 - Neurolinguística	176
Seção 4.3 - Pragmática	190

Palavras do autor

Este é o início de seus estudos linguísticos. Neste momento, podemos nos perguntar: o que significa exatamente estudar a linguagem e o seu funcionamento? Para profissionais da área da educação, pode significar, por exemplo, o estudo de idiomas, de regras, ou até mesmo de transtornos de aprendizagem. Por sua vez, para os da área da saúde, pode significar a compreensão do funcionamento do cérebro e sua relação com distúrbios de linguagem. Já para outros profissionais, significaria o estudo de culturas, de História, de leis, de documentação, dentre várias outras atuações.

Como estudante de Letras, pode até parecer evidente a importância de tal estudo. Mas o que poucos sabem é que o estudo da linguagem (inerentemente humana, como veremos nesta disciplina) tem a característica de nos fazer refletir, a todo instante, sobre nossas palavras, nossas interações sociais e também nosso pensamento: “o que estou dizendo quando digo ‘isso’ e não ‘aquilo?’”, “o que é da língua e o que é da linguagem?”. Ao final desta disciplina, você deverá poder responder a essas e outras questões à luz de diversas áreas de estudo da Linguística.

Em nosso trajeto de estudo, cada unidade terá um foco diferente, priorizando, quando possível, uma ordem cronológica do desenvolvimento das áreas e teorias apresentadas. Na primeira unidade (“A Linguística como estudo científico”), vamos conhecer os precursores dos estudos linguísticos, desde a Antiguidade até o século XIX, quando a Linguística começa a assumir um caráter mais científico e passamos a estudar a natureza da linguagem humana e suas funções. Na segunda unidade (“Ferdinand de Saussure: o pai da Linguística moderna”), estudaremos a valiosa contribuição de Saussure para a Linguística como a conhecemos hoje, além de abordarmos os níveis de análise linguística e o Estruturalismo. Na terceira unidade (“Abordagens teórico-metodológicas de estudo da língua”), analisaremos os diferentes modos de pensar a linguagem sob as perspectivas do gerativismo, do funcionalismo e do sociointeracionismo. Por fim, na quarta e última unidade (“Algumas

áreas da Linguística”), conheceremos certos conceitos e aplicações de três grandes áreas de estudo da Linguística: psicolinguística, neurolinguística e pragmática.

Esperamos que esta disciplina possa ser a base de seus estudos linguísticos, despertando uma curiosidade pela constante pesquisa e reflexão não só sobre a linguagem, mas também sobre teorias, metodologias, experimentação e aplicação de conceitos. Aprofundar-se em ciências humanas, como a Linguística, contribui não só para sua formação profissional, como também para sua formação pessoal. Saiba, então, que seu percurso de estudos não termina por aqui. Pelo contrário, ele está só começando.

A Linguística como estudo científico

Convite ao estudo

Compreender como um indivíduo internaliza a língua de determinada região e, conseqüentemente, a cultura desse local sempre foi um mistério para a humanidade. Você já parou para pensar por que domina tão bem a forma de se comunicar do seu grupo? Por que não é tão fácil começar a aprender uma língua estrangeira ou até mesmo uma variedade da sua própria língua? Por que temos que aprender uma língua que falamos desde que nascemos? Todas essas dúvidas motivaram os primeiros estudos linguísticos, que você vai conhecer nesta unidade. Para isso, verá os precursores desses estudos, a natureza da linguagem humana, bem como seu uso e suas funções. Será um momento rico de compreensão desse mistério, pois é claro que, formando profissionais que compreendam a natureza da linguagem, formaremos uma sociedade em que todos os usos linguísticos serão respeitados e, como consequência, não afastaremos das escolas os alunos que não dominam o uso oficial de uma língua.

O objetivo desta disciplina é formar um aluno que conceba a língua como algo vivo e em constante mudança. Para atingir essa competência, inicialmente, nesta unidade, você conhecerá a constituição da Linguística como ciência e os principais aspectos da natureza da língua e da linguagem.

Para tanto, propomos o seguinte contexto de aprendizagem: Henrique é um aluno do curso de Letras que quer fazer a diferença na educação. Ele quer aprender por que ainda estudamos Língua Portuguesa e, mais do que isso, compreender como esse ensino deve ser realizado a partir dos avanços históricos pelos quais passou a língua. Para isso, ele se matriculou em uma disciplina

optativa do curso, cujo foco é o estudo da natureza da língua e da constituição dos estudos linguísticos como ciência. Vamos ajudar Henrique a alcançar seu objetivo?

Para ajudar Henrique nesse trajeto de aprendizagem, devemos pensar nas seguintes questões: por que a noção de erro persiste? Como é a natureza da linguagem humana? Como e para que a humanidade se comunica? Quais são as diferentes funções da linguagem, essa capacidade humana que nos diferencia e nos ajuda a nos transformar? Essas e outras questões poderão ser resolvidas ao longo das seções desta unidade.

Seção 1.1

Precursos dos estudos linguísticos

Diálogo aberto

Diante do fascínio que a linguagem humana sempre despertou, vamos conhecer a história de seus estudos. Para isso, conhecemos Henrique, no início desta unidade, um estudante de Letras que deseja conhecer mais sobre a língua e os estudos linguísticos, razão pela qual se matriculou em uma disciplina optativa com esse foco.

Antes de começar a discutir a natureza da língua e da linguagem, o professor da disciplina faz um apanhado histórico dos estudos linguísticos, desde a Antiguidade até o século XIX. Para que os alunos possam entender como a língua foi percebida e estudada em diferentes momentos da história, o professor pede que eles façam um quadro comparativo contendo as informações sobre como a língua era estudada na Antiguidade, durante a Idade Média, e nos séculos XVII, XVIII e XIX. Vamos ajudar Henrique a construir esse quadro?

Para resolver essa situação-problema, você deve refletir sobre: o princípio dos estudos linguísticos a partir dos hindus, gregos e romanos; a importância das gramáticas para os latinos; a concepção de que a língua não é particular e que, portanto, seus princípios de análise servem para qualquer língua, iniciando, pois, o estudo comparatista no século XVIII, até que, no século XIX, se iniciam os estudos das chamadas línguas vivas.

Não pode faltar

Percorso histórico dos estudos linguísticos

Você deve saber ou imaginar quão antiga é a linguagem humana, mas já parou para pensar quando o homem começou a se debruçar sobre o seu estudo, ou seja, quando o homem passou a ter a necessidade de sistematizar e compreender o funcionamento dela? O início dos estudos sobre a linguagem não é tão antigo quanto o

aparecimento dela, mas se deu ainda na Antiguidade.

Os primeiros estudos linguísticos nasceram da necessidade de registrar os usos da língua hindu nos textos religiosos. Essa sistematização permitiu que, em diferentes épocas, esses textos fossem pronunciados da mesma forma, uma vez que os hindus, crentes de que a leitura do texto sagrado só surtiria efeito desejado se este fosse recitado segundo a tradição. Esse modo de sistematizar a língua hindu deu início aos estudos da prosódia e da ortoépia, ciências que estudam as pronúncias e as entonações.

O estudo fonético realizado pelos hindus foi o estudo mais detalhado entre aqueles até o fim do século XVIII. Os gramáticos hindus baseavam-se na observação e na experiência para classificar os sons das palavras. Preocupavam-se com o valor e o emprego, sem nenhuma preocupação de análise, realizando apenas de um estudo descritivo e classificatório. Panini (século IV a. C.) é um dos gramáticos mais representativos dessa época. Ele fez uma descrição detalhada do sânscrito, e sua obra consistiu num tratado em quatro mil regras. Foi ele e o também gramático Patañjali (século II a. C.) que estabeleceram as bases da gramática normativa do sânscrito. Tudo o que foi produzido depois desses estudos eram apenas comentários das regras de Panini.

Com forte preocupação filosófica e não mais religiosa, mas carregando ainda a ideia de purismo presente na sistematização linguística hindu, os gregos passaram a se concentrar em outro aspecto do funcionamento linguístico: a relação entre a coisa e a palavra que a representa seria natural ou convencional? De um lado, os **convencionalistas** acreditavam que **a palavra seguia uma convenção** humana e que, por essa razão, poderia ser mudada pelos humanos também (como se pode notar nos trabalhos de Aristóteles acerca do tema); de outro lado, os **naturalistas** acreditavam que **as palavras nasciam com as coisas** e que, portanto, não cabia às pessoas modificá-las (o que é afirmado por Platão no *Crátilo*).



Assimile

Crátilo é um diálogo sobre os aspectos da linguagem. Trata-se de um dos diálogos mais conhecidos e discutidos de Platão. Nele, Platão dá

voz a três personagens: Hermógenes e Crátilo, que discutem a origem dos nomes, e Sócrates, a quem os dois procuram para mediar essa discussão. No *Crátilo*, assistimos ao uso do método dialético, em que, por meio do diálogo, busca-se o convencimento. Você pode conhecer mais a Voce pode conhecer mais a respeito, ao ler o seguinte artigo: "Linguagem e realidade: uma análise do Cratilo de Platao". Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19050/12355>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

Dessa dualidade entre naturalistas e convencionalistas nasce a ideia de irregularidades e regularidades linguísticas. Para os gregos, quem sustentava que a **língua era sistemática e regular** era chamado de **analogista**. Isso porque os que acreditavam no convencionalismo da linguagem agrupavam conjugações e declinações semelhantes, com o mesmo modelo. Concebiam o uso linguístico como um instrumento fabricado que, como em uma montagem, poderia ser organizado em padrões, por meio de relações analógicas. Por sua vez, quem sustentava que a **língua era irregular, não sistemática**, era chamado de **anomalista**. Para esse grupo, importavam mais as irregularidades da língua, uma vez que estas seriam mais frequentes que as regularidades e fariam parte da natureza da língua, considerada perfeita e superior. Atualmente, apesar dos avanços nos estudos linguísticos, ainda é muito presente a ideia de irregularidade como anomalia, algo fora do normal ou do padrão.

Aristóteles foi o primeiro grego a fazer uma distinção entre classes ou categorias gramaticais ao tratar de "substantivos", o que se definia como o sujeito de um predicado, e de "verbos", palavras que indicavam ações ou confirmavam qualidades. Protágoras criou as noções de gênero (masculino, feminino e neutro) e de tempos verbais. É interessante, no entanto, observar que foram os estoicos, em sua maioria anomalistas, que desenvolveram as pesquisas gregas. Mas foram os alexandrinos, analogistas, que criaram a primeira gramática grega a partir de observação das regularidades nos textos dos antigos poetas, ou seja, na linguagem literária (erudita), e não na linguagem cotidiana (popular).

Você percebe que essa ideia de que o uso modelo e regular da língua está nos textos literários perdura até hoje quando, em uma gramática, se estudam exemplos da literatura como um objeto possível de analisar e de regular? Tente se lembrar das gramáticas que você usou na escola para o estudo de português. Elas costumavam trazer textos da literatura como exemplo do tópico gramatical estudado, certo?



Exemplificando

Observe a definição da gramática de Cunha e Cintra (2007) de um tempo verbal da língua portuguesa, o pretérito mais-que-perfeito:

O pretérito mais-que-perfeito indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada:

O monólogo tornara-se tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.

F. Namora, TJ, 193.

Casara, tivera filhos, mas nada disso o tocara por dentro.

M. Torga, NCM, 55.

(CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. p. 456-457.)

Veja que a gramática traz como exemplo de uso do verbo dois excertos de textos literários. Pense: você falaria dessa forma nas interações cotidianas? Provavelmente não, pois o texto, por usar o mencionado tempo verbal, acaba tendo uma conotação formal, até mesmo arcaica. Certamente, você diria, no primeiro caso, *tinha se tornado*, e, no segundo caso, *tinha casado e tido filhos*. É muito raro ouvir o uso desse tempo verbal no cotidiano. Este exemplo ilustra as mudanças que a língua sofre ao longo do tempo.

No período da Antiguidade grega, essa prática servia para tentar livrar a língua grega das “invasões” das línguas estrangeiras, que poderiam ocorrer no contato cotidiano entre os falantes. Procurando preservar a ideia de que a língua era uma só, unificada e regular, buscava-se evitar qualquer invasão dos “iletrados”. Essa necessidade de preservação da língua também permitiu o surgimento da Filologia, pois, uma vez que na Grécia havia vários dialetos, era preciso criar uma ciência que recuperasse nos textos clássicos exemplos da língua grega e a “purificasse” de qualquer outro modo de usar a língua.



Pesquise mais

Leia este artigo para conhecer as diferenças entre esses dois modos de estudar a língua, a Linguística e a Filologia, e compreender como uma pode complementar a outra.

SWIGGERS, Pierre. Filologia e Linguística: enlace, divórcio e reconciliação. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 5-18, 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59656/62752>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

Na Roma antiga, os estudos gregos foram aplicados ao latim. Mantendo a busca de pureza linguística empreendida pelos gregos que concentraram seus estudos nos textos literários, os romanos privilegiaram a ideia de “certo” e “errado”. Voltados ao uso clássico da língua latina, não se preocupavam em analisar a língua em uso pelo povo, mas apenas aquela eternizada pela literatura. Dessa forma, a linguística para os romanos está voltada para o estudo das regularidades, e não das anomalias.

Por essa razão, as gramáticas romanas são mais normativas. Marcos Terêncio Varrão (século II a.C.), por exemplo, foi autor de um compêndio formado por vinte e quatro livros intitulados *De Língua Latina*, em que divide os estudos linguísticos em etimologia, morfologia e sintaxe. Apesar de pertencer a uma época em que a discussão sobre anomalias e analogias ainda estava viva, afirmava a forte tendência de a língua ser regularizada. O retórico Quintiliano (século I a.C.), outro gramático importante da época, era advogado

e professor de retórica. Escreveu um livro sobre Retórica, no qual podemos ver vários capítulos sobre a gramática, mostrando que, para ele, este era um conhecimento básico para a disciplina que ministrava.



Reflita

Ainda hoje se faz necessária a pronúncia correta das palavras? Falar “rúbrica” ou “rubrica”, muitas vezes, determina o conhecimento de uma pessoa, pois há quem ironize as diferentes pronúncias e acredite que usar uma variante divergente da variante culta demonstra falta de conhecimento e até mesmo de inteligência. Inclusive, há quem considera o uso fora do padrão da gramática normativa como uma irregularidade inaceitável. Seria correto esse tipo de atitude? O que ela diz sobre a percepção de língua de nossa sociedade? Retorne o que você estudou nos diferentes períodos da história da linguagem e reflita sobre essa questão.

Com a queda do Império Romano e a ascensão do período medieval, o latim ganhou ainda mais destaque, uma vez que era a língua da Igreja Católica, instituição dominante na época. A Igreja, durante a Idade Média, controlava todas as esferas da sociedade, desde a orientação religiosa até a produção de conhecimento, e os estudos linguísticos não fugiram dessa influência. Durante esse período, passou-se a valorizar ainda mais a língua escrita, especialmente aquela presente nos textos considerados clássicos e religiosos, que eram transcritos pelos copistas com o objetivo de serem preservados.

Os estudos da língua se envolveram com a questão religiosa, uma vez que o ensino de latim, para que as pessoas pudessem assistir às missas, era importante. É, portanto, dessa necessidade que as gramáticas passam a ser elaboradas com mais afinco, tornando-se, inclusive, uma das disciplinas do *Trivium*: gramática, lógica e retórica.

Conhecer a língua latina era uma distinção. Falada em todo o Lácio, região central da Itália, a língua se diferenciava em duas variantes: a clássica e a popular. Mais do que laços de sangue, o que unia as pessoas era o conhecimento. Por isso, era importante conservá-la pura e correta, diferenciando aqueles que conheciam a

vertente clássica daqueles que não a conheciam. O latim falado pelos camponeses era chamado de vulgar, popular, e, nas universidades e igrejas, estudava-se o latim clássico.



Assimile

O *Trivium* era a primeira parte do ensino nas faculdades de artes. Todos os alunos faziam as primeiras disciplinas do *Trivium* (gramática, lógica e retórica) para, posteriormente, realizarem o *Quadrivium*, que contemplava aritmética, geometria, música e astronomia. O *Trivium*, junto ao *Quadrivium*, formava o que os gregos chamavam de as sete artes liberais.

Como você pode perceber, desde a Antiguidade, o que vemos são linhas de estudo que, de certa forma, abriram caminho para um estudo prescritivo e analítico da língua, ou seja, feito sob um viés de norma e de correção. Estudar essa história serve-nos, portanto, para compreender que o que vemos ou fazemos, muitas vezes, está pautado no que acontecia no passado.



Pesquise mais

Neste artigo, o autor discorre sobre a importância de estudar a história da Linguística para que se possa compreender o ensino nos dias atuais. Reflexivo e atual, o texto faz uma descrição breve da história para que possam ser discutidos outros assuntos caros à Linguística.

BORGES NETO, José. História da linguística no Brasil. **Estudos Linguísticos**, 34. ed., p. 4-13, 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/1-convidado-borges.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2016.

As línguas são instrumentos históricos, razão pela qual você precisa sempre relacionar o que está estudando com o que aconteceu na História da humanidade. O latim, por exemplo, começou a perder

seu poder quando a Igreja também começou a perder o dela. No declínio da Idade Média, ao contrário das ideias religiosas que concebiam Deus como o centro do universo, a sociedade que se formava defendia a razão e o humano como aspectos centrais. O monge Martinho Lutero rejeitou, por exemplo, o celibato e o latim nos cultos religiosos a fim de aproximar o povo da igreja, utilizando, assim, o vernáculo. Excomungado por essas atitudes, Lutero queimou a carta de excomunhão e precisou fugir. Refugiado, traduziu a Bíblia do latim para o alemão. Essa visão antropocêntrica do mundo, isto é, menos centrada em Deus e mais no humano, provocou uma volta aos estudos dos exemplos gregos e de outras línguas. Além disso, a ação de traduzir a Bíblia para diferentes línguas foi uma tendência no período da Reforma Protestante e também contribuiu para o crescente interesse por outras línguas.

No século XVII, os estudiosos, fundamentados na razão, perceberam que a língua não era um objeto particular de cada sociedade, uma vez que a análise desse objeto poderia ser ampliada e mostrar aspectos universais a todas as línguas, que estariam ligados ao pensamento. A publicação da Gramática de *Port-Royal*, de Lancelot e Arnoud, nesse século, confirma essa tendência racional ao conceber a linguagem como reflexo do pensamento. Para essa forma de conceber a língua, as análises se prendiam não mais a uma língua particular, mas a qualquer uma, demonstrando, assim, o caráter universal das línguas.

Graças a essa ideia de universalidade das línguas, foram descobertas as semelhanças genealógicas entre diferentes línguas, sobretudo, entre o sânscrito, o grego e o latim, promovendo, assim, o início do estudo comparativo entre as línguas. As pesquisas subsequentes perceberam também afinidades fonéticas e morfológicas entre o sânscrito, o persa, o grego, o latim e o alemão. Isso acabou por levar os estudiosos a perceberem a existência de um tronco linguístico anterior a essas línguas: o indo-europeu. Todos esses novos pensamentos deram origem à gramática comparatista.

A gramática comparatista buscava estabelecer relações entre as línguas para definir relações de parentesco entre elas. Não importava a esse tipo de estudo como as línguas evoluem, mas sim como elas se assemelham em determinadas regularidades. Foi com o livro *Sobre*

o sistema de conjugação da língua sânscrita, em confronto com o das línguas grega, latina, persa e germânica, na busca da protolíngua, que Franz Bopp deu origem ao método comparatista. Mais tarde, Jacob Grimm introduziu um viés histórico à comparação entre as línguas ao perceber que havia diferenças fonéticas entre as línguas de uma época a outra.

Nos anos de 1836 e 1844, Friedrich Diez, o pai da Filologia Românica, com um exemplo de rigor científico, deu início aos estudos histórico-comparativos entre as línguas românicas, chegando à conclusão de que elas se originam do latim vulgar. Bopp, Grimm e, mais tarde, Diez deram aos estudos linguísticos um caráter genético, com a preocupação de realizar a reconstituição histórica do indo-europeu.



Assimile

Chama-se *protolíngua* a língua ancestral que deu origem a outras línguas ou a famílias linguísticas. Esse conceito nasce da busca dos estudiosos comparatistas por uma língua-mãe.

Mais tarde, sob influência das ciências naturais e do darwinismo, surgiu uma nova linha de pesquisa linguística, cujos principais expoentes foram Brugmann, Leskien e Osthohh. Conhecidos como neogramáticos, esses estudiosos, ao contrário dos gramáticos comparatistas, defendiam o estudo das línguas vivas, pois, por meio dele, o processo de evolução poderia ser observado em ação, em uso. Nessa atividade, poderiam ser analisadas as forças psicológicas que estão na base do funcionamento e da evolução das línguas.

O percurso histórico dos estudos linguísticos apresentado aqui é fundamental para que você possa compreender não só o que motivou o homem a tomar a língua como objeto de estudo, mas também, e principalmente, a maneira pela qual a Linguística surgiu e se consolidou como ciência. Nesse percurso, os neogramáticos foram fundamentais, pois imprimiram rigor aos estudos sobre a língua e definiram como objeto de estudo as línguas que estavam em uso. Identificamos aí um dos elementos que permitiram o estabelecimento da dicotomia diacronia versus sincronia no estudo da língua, por

Saussure, que, a propósito, era neogramático de formação. Veremos a importância desse estudioso mais à frente.



Pesquise mais

Neste livro, o linguista Joaquim Mattoso Camara Jr. aborda desde os primeiros estudos sobre a linguagem até a consolidação da Linguística como uma ciência, apresentando a descrição das linhas de estudo de forma didática e prazerosa.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

Sem medo de errar

Como você viu, Henrique e seus colegas precisam construir um quadro comparativo sobre como a língua tem sido estudada desde a Antiguidade até o século XIX. O seguinte quadro vai ajudá-lo a sistematizar o percurso dos estudos linguísticos, podendo ser, inclusive, um material de consulta rápida. Vamos ver como ele pode ser construído?

Quadro comparativo – percurso dos estudos linguísticos

Antiguidade	Hindus	• Objetivo: registrar os usos da língua hindu nos textos religiosos (preservação da pronúncia tradicional). • Deu início aos estudos da prosódia e da ortoépia.
	Gregos	• Preocupação com a relação entre a coisa e a palavra: convencional versus natural. • Percepção da língua: analogista (a língua é sistemática e regular) versus anomalista (a língua é irregular, não sistemática). • Estruturação da gramática a partir de categorias. • Alexandrinos: primeira gramática produzida com exemplos de textos literários. • Busca pelo purismo da língua grega (contra as invasões estrangeiras/populares).
	Romanos	• Aplicaram os estudos gregos ao latim, concentrando-se nos textos literários. • Privilegiaram a relação entre "certo" e "errado". • A linguística está voltada para o estudo das regularidades.
Idade Média		• Forte presença da Igreja Católica e valorização do latim como a língua da religião e da cultura (ensino do latim). • Maior valorização da escrita. • Aumento da produção de gramáticas, bem como de seu ensino.

Século XVII e XVIII	• Declínio da influência religiosa e ascensão do racionalismo. • Reforma protestante: a tradução da Bíblia para diferentes línguas provoca o interesse em estudá-las. • Gramática de Port Royal (1660). • Descobertas de princípios comuns a diferentes línguas (universalidade).
Século XIX	• Gramáticos comparatistas: comparação da gramática de línguas clássicas com o objetivo de chegar à língua-mãe (preocupação genética e histórica – mostrar a evolução das línguas). • Neogramáticos: comparação das línguas vivas para se compreender o funcionamento linguístico em processo. • O rigor dos gramáticos comparatistas e dos neogramáticos possibilitou a constituição da Linguística como ciência, posteriormente, com os estudos de Saussure, que teve formação como neogramático.

Avançando na prática

Sala de aula

Descrição da situação-problema

Ana, uma professora de Língua Portuguesa no ensino médio, foi convidada para fazer uma apresentação sobre o ensino da gramática na sala de aula em um simpósio que será realizado na escola em que trabalha. Ao iniciar a preparação do trabalho, ela percebeu que muitas das aulas de Língua Portuguesa que tinha dado nesses anos iniciais de atividade ainda estavam baseadas nos estudos linguísticos da Idade Média e dos séculos XVII e XVIII. Diante dessa constatação, Ana se questionou: quais concepções de gramática podem embasar o trabalho dos professores? Vamos ajudá-la a responder a esse

questionamento e aprimorar suas aulas? Faça uma breve análise do seguinte trecho do livro *Fábulas*, de Monteiro Lobato, sistematizando a tese que Ana vai apresentar no simpósio.

"Erro" de gramática

"Pilhei a senhora num erro!", gritou Narizinho. "A senhora disse: 'Deixe estar que já te curo!' Começou com o Você e acabou com o Tu, coisa que os gramáticos não admitem. O 'te' é do 'Tu', não é do 'Você'..."

"E como queria que eu dissesse, minha filha?"

"Para estar bem com a gramática, a senhora devia dizer: 'Deixa estar que já te curo'."

"Muito bem. Gramaticalmente é assim, mas na prática não é. Quando falamos naturalmente, o que nos sai da boca é ora o você, ora o tu; e as frases ficam muito mais jeitosinhas quando há essa combinação do você e do tu. Não acha?"

"Acho, sim, vovó, e é como falo. Mas a gramática..."

"A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo; e a gramática – o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática. Se todos nós começarmos a usar o tu e o você misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer..."

(LOBATO, Monteiro. Obra Completa. **Fábulas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2012. p. 35.)

Resolução da situação-problema

Com base no trecho do livro de Monteiro Lobato e do questionamento que se colocou, Ana poderia sistematizar a sua tese da seguinte forma:

No ensino regular de língua portuguesa, o que se observa é o ensino da gramática considerada correta, ou seja, da gramática normativa, fundamentada em exemplos literários, distantes, muitas vezes, da língua usada no cotidiano. O trecho do livro de Monteiro

Lobato mostra este conflito entre o que prescreve a gramática e o que parece mais correto ou harmonioso ao falante, neste caso, o uso da terceira pessoa do singular do verbo para se dirigir à segunda pessoa. O diálogo entre Narizinho e sua avó demonstra a necessidade de os professores trabalharem a gramática de forma contextualizada e em relação com a língua em uso.

Faça valer a pena

1. Há um jornalista brasileiro, José Simão, que criou uma seção no jornal Folha de S.Paulo chamada “Os predestinados”. Segundo a brincadeira criada por esse jornalista, os nomes das pessoas as transformariam no que elas são efetivamente. Observe:

Gustavo Coelho – só poderia se tornar um veterinário.

José Carlos Velho – só poderia ser médico geriatria.

Carlos Redondo – só poderia ser chefe da Pirelli, empresa de pneus.

Podemos dizer que a brincadeira desse jornalista se baseia na visão dos:

- a) Convencionalistas, que compreendiam que a palavra nasce da sua essência e que, portanto, o nome informa a essência da pessoa.
- b) Naturalistas, que entendiam que a palavra nasce com um sentido, mas que este pode ser mudado pela sociedade.

2. A fala apresenta características típicas de uma variedade regional da língua, como podemos observar no seguinte trecho:

Trabalhava duas, três horas por dia só catando café, e catei café até que **deu pra mim comprar uma bicicleta**. (Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/a-vida-da-gente-teve-muitas-passagens-96858>>. Acesso em: 25 jan. 2016. Adaptado.)

Muitas pessoas corrigem ou acham engraçado usos como os que aparecem nesse trecho de fala, pois, assim como os romanos, elas:

- a) Não aceitam a ideia de “certo e errado”, acreditando que só há uma forma de usar a língua, a do povo romano.
- b) Acreditam que a língua correta é aquela usada na literatura, que acaba se tornando um modelo de análise, principalmente por figurarem nas gramáticas.

- c) Veem as interferências de outras formas de falar como um problema, pois só valorizam a sua própria variante, considerando as demais erradas.
- d) Pensam na língua como uma convenção que se ajusta à situação e, portanto, pode ser usada de qualquer forma.
- e) Concebem a língua como um instrumento vivo que não se regula, ou seja, que só se analisa pelas suas irregularidades.

3. Leia o seguinte excerto:

O teórico Almeida (2003) apontou em seus estudos um breve panorama do percurso da Linguística. De acordo com ele, da origem grega, Antiguidade clássica, passando pela Idade Média, até o Renascimento, o que predomina como núcleo do interesse linguístico são, por exemplo, problemas de descrição e de definição referentes à essência da linguagem e às categorias das línguas. (ARAÚJO, Daniela. A linguística ontem e hoje. **Revista Transdisciplinar de Letras, Educação e Cultura da UNIGRAN**, Dourados, v. 1, n. 6, jan./jul. 2008. Disponível em: <http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n6_n7/textos/linguistica_ontem.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2016.)

Esse trecho sintetiza o percurso realizado nesta seção. Assinale a alternativa que apresenta um enunciado que sintetizaria ainda mais o mencionado fragmento:

- a) O percurso histórico da Antiguidade ao Renascimento mostra que os estudos linguísticos nesse período tiveram como foco o uso da língua.
- b) Da Antiguidade ao Renascimento, a preocupação dos estudiosos era analisar as regras da língua.
- c) O percurso histórico da Antiguidade ao Renascimento mostra que as línguas eram faladas da mesma forma, sem nenhuma interferência.
- d) O percurso histórico da Antiguidade ao Renascimento mostra que os estudos linguísticos sempre focaram o interesse religioso.
- e) O percurso histórico da Antiguidade ao Renascimento mostra que a língua sempre foi descrita a partir de textos literários, sem uma preocupação com seu uso social.

Seção 1.2

A natureza da linguagem humana

Diálogo aberto

Você já deve ter parado para pensar por que existem livros sobre a linguagem dos bebês, das flores, dos animais etc., ou ainda por que o nome do livro que se usa na escola sempre gira em torno de algo como *Gramática da Língua Portuguesa*. Aliás, por que a matéria que se tem nas escolas é chamada Língua Portuguesa e não de Linguagens? Esses questionamentos motivaram muitos pesquisadores a se debruçarem sobre o tema, e não foi diferente com Henrique, nosso personagem do contexto de aprendizagem desta unidade.

Na seção anterior, você conheceu a história dele, um estudante do curso de Letras que tem se encantado com as pesquisas sobre a língua. No primeiro trabalho da disciplina, Henrique teve que construir um quadro comparativo que indicasse como a língua foi estudada desde a Antiguidade até o século XVIII. Agora, Henrique deverá fazer um novo trabalho, com um foco diferente. Vamos conhecê-lo?

No decorrer da disciplina, o professor começou a discutir a natureza da linguagem, questionando ideias que, à primeira vista, parecem óbvias, mas que, depois de analisadas, provocam certas dúvidas, como a diferença entre os conceitos de **língua** e **linguagem**. Para que os alunos possam desenvolver esse conhecimento, o professor solicitou que eles fizessem uma apresentação oral que aborde os seguintes tópicos: a diferença entre língua e linguagem e as características que fazem da linguagem humana uma linguagem em vez de um simples código de comunicação. Para isso, Henrique e seus colegas deverão se basear em algum autor estudado na disciplina e em elementos do cotidiano.

Para resolver essa situação-problema, estudaremos os seguintes conteúdos: os conceitos de língua e linguagem, as características da linguagem humana, as características da comunicação animal e as diferenças entre a linguagem humana e a comunicação animal.

Certamente, estudando esses conteúdos, muitas perguntas serão respondidas. Henrique e você darão início a esse estudo e sairão dele com outra visão de mundo, que é o objetivo da aprendizagem. Vamos começar?

Não pode faltar

Língua e linguagem são, para os estudos linguísticos, dois conceitos fundamentais que, muitas vezes, são tratados como uma coisa só, além de abarcarem diferentes ideias, especialmente no senso comum. Embora você, com certeza, conheça esses conceitos, para um estudante de Letras, como você, é essencial compreendê-los sob a ótica científica da Linguística. Para tratarmos desse assunto, vamos trabalhar com o autor que é considerado o pai da Linguística enquanto ciência, Ferdinand de Saussure.

Para Saussure, a dificuldade de se definir o objeto de estudo da linguagem (ou mesmo a distinção entre língua e linguagem) ocorre porque o fenômeno linguístico apresenta sempre duas faces, que constituem as famosas dicotomias saussurianas. Pense um pouco: quando falamos uma palavra, podemos dizer que há um som e uma ideia que estão associados a ela, certo? Ou seja, a palavra se caracteriza por ter uma dupla natureza: fônica e conceitual. Nesse sentido, a linguagem precisa ser entendida justamente a partir dessa natureza dividida, pois, de acordo com Saussure (2006), ela é, ao mesmo tempo, individual e social, pressupõe a associação de um som a uma ideia, e é um sistema estabelecido e uma evolução.

Para entendermos o que é linguagem e o que é língua, podemos tomar como exemplo o nome da área que agrupa algumas disciplinas do ensino básico no Brasil: Linguagens e seus códigos, que abarca disciplinas como Língua Portuguesa, Artes e Educação Física. Com base nesse exemplo, podemos perceber que não é possível estabelecer uma equivalência entre língua e linguagem, uma vez que não há línguas artísticas, mas sim linguagens artísticas. O que se pode perceber neste primeiro momento? Que linguagem é um conceito mais amplo que o conceito de língua, uma vez que abarca diferentes sistemas. Essa é uma primeira diferença, que fica clara na seguinte definição de Saussure (2006, p. 17):



Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Essa diferenciação que faz Saussure foi essencial para que a Linguística se constituísse como uma ciência autônoma, na medida em que ela esclarece que a língua é um produto social; e a linguagem, a faculdade que possibilita a existência desse produto. Considerando, então, que a linguagem é uma faculdade, de acordo com Saussure, ela seria heterogênea, uma vez que envolveria aspectos de diferentes naturezas: físicos, fisiológicos e psíquicos. Nesse sentido, seria bastante difícil determinar uma unidade de estudo da linguagem, em razão dessa heterogeneidade, pois teríamos que mobilizar mais de uma área de estudo para conseguir explicar esse objeto.



Pesquise mais

Para saber mais sobre a constituição da Linguística como ciência a partir do trabalho de Saussure, leia o seguinte artigo:

RODRIGUES, R. S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**, edição especial n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2016.

A partir disso, Saussure demonstra que a língua, diferentemente da linguagem, é um todo em si mesma, um sistema que tem uma unidade própria de estudo, que é o signo linguístico. Embora esse seja um tópico que será abordado mais à frente, importa aqui que você entenda que, tendo a língua uma unidade própria, que é o signo, ela demanda também uma ciência que lhe seja própria, ou seja, que possa explicar os fenômenos que caracterizam as línguas ou uma língua específica.



Assimile

"F. de Saussure faz distinção entre símbolo e signo (tomado agora com o sentido de signo linguístico): ele pensa, com efeito, que existem inconvenientes em admitir que se possa utilizar a palavra símbolo para designar o signo linguístico. O símbolo, ao contrário do signo, tem por característica jamais ser arbitrário, isto é, existe um laço natural rudimentar entre significante e significado. O símbolo de justiça, por exemplo, não poderia jamais ser substituído por um carro. Com F. de Saussure, o signo linguístico foi instaurado como unidade de língua." (DUBOIS et al., 2014, p. 507-508)

A partir disso, Saussure demonstra que a língua, diferentemente da linguagem, é um todo em si mesma, um sistema que tem uma unidade própria de estudo, que é o signo linguístico. Embora esse seja um tópico que será abordado mais à frente, importa aqui que você entenda que, tendo a língua uma unidade própria, que é o signo, ela demanda também uma ciência que lhe seja própria, ou seja, que possa explicar os fenômenos que caracterizam as línguas ou uma língua específica.



Reflita

Uma pessoa privada de qualquer convívio social seria capaz de aprender uma língua sozinha? Será que ela seria capaz de desenvolver algum tipo de linguagem?

Outro aspecto que aparece na definição e que é fundamental para entendermos o conceito de língua e linguagem é a dicotomia individual versus social, uma vez que Saussure (2006) afirma que a língua é o conjunto de convenções definidas socialmente que permite o exercício individual da faculdade de linguagem. Assim, a língua se destacaria em relação à linguagem por ser eminentemente social. Estar em sociedade é apreender a língua daquela sociedade. Por isso, somente mergulhados em uma cultura é que podemos nos apoderar, ter o poder de interagir com os outros e nos comunicar.

A língua, por sua vez, é um elemento individual e social também. Isso quer dizer que, na comunicação entre duas pessoas, por exemplo, há uma ideia na cabeça de uma delas que precisa ser transmitida para a outra. A primeira transforma os conceitos em representações linguísticas e os comunica por meio de um processo fisiológico: o cérebro envia aos órgãos de fonação um impulso relacionado à imagem que quer transmitir. Depois, em um processo físico, esse som é levado até o ouvido do ouvinte que recebe o som e o transforma em imagem novamente. A imagem acústica, no entanto, precisa encontrar uma associação entre a imagem e o conceito correspondente.

A capacidade de associar o que se ouviu ou leu a uma ideia só acontece porque a língua é um sistema social. Isso quer dizer que todos os cidadãos envolvidos pela linguagem saberão associar o som ao mesmo conceito. Mais uma vez, imagine-se conversando com uma pessoa que fala uma língua diferente da sua: os sons que ela reproduzir não encontrarão os conceitos que eles representam em seu cérebro, uma vez que você não conhece aquela língua. Certamente, vocês se comunicarão, mas por meio de outros acordos.

A exteriorização do conceito ocorre de forma individual, que é a fala. O falante até usa a língua do seu grupo social, mas a fala o particulariza. Os falantes vão construindo seus dizeres e deixando marcas nessa língua social, por exemplo: a língua portuguesa não será a mesma em todos os grupos por causa da fala de determinadas regiões. Essa particularidade entre língua e fala é que dá ao indivíduo certo poder sobre os fenômenos linguísticos, permitindo que eles realizem variações possíveis nas línguas que usam.

Saussure (2006, p. 21) afirma que a língua é um “tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade”. Lembre-se de que a língua é social e individual quando se realiza na fala. Todavia, é preciso atentar para o fato de que a língua é necessária para que a fala seja entendida e produzida. A fala, por sua vez, estabelece uma língua. Pense, por exemplo, no bebê que aprende uma língua ouvindo a fala de seus familiares.

É da natureza humana constituir uma língua, ou seja, um sistema de signos capaz de representar diferentes ideias. A língua é, em síntese,

a parte social da linguagem, um conjunto de signos estabelecidos por um grupo. Por isso, para conhecê-la, é preciso que o indivíduo passe por um processo de aprendizagem. Nenhum falante pode criar a sua própria língua, ao menos se quiser ser compreendido por seus interlocutores, e, para que ele possa aprender qualquer língua, é preciso que ele esteja inserido em uma sociedade e se aproprie do modo como esses signos se organizam.

Assim, se quisermos comunicar a alguém que estamos com fome, devemos usar as palavras e expressões da língua compartilhada por nosso interlocutor para que ele não só entenda que temos fome, mas também nos ajude a resolvê-la, seja oferecendo-nos algo para comer ou propondo a ida a algum restaurante. É importante, no entanto, compreender que, se não utilizarmos os signos adequados, talvez o outro não entenda que o que queremos comunicar é nossa fome. Isso ocorre porque a linguagem é social, os signos são definidos convencionalmente pelo grupo, e não pelo indivíduo, o que significa dizer que, se queremos interagir com o outro, não podemos inventar um signo, o qual deve ter sido criado e dividido no grupo social do qual fazemos parte.

Além de nos permitir o estabelecimento do diálogo e da comunicação com os outros, a linguagem tem um papel ainda mais essencial na nossa condição de seres humanos: é por meio dela que simbolizamos nossos pensamentos e desejos e compreendemos o mundo à nossa volta. Assim, podemos dizer que todo conhecimento é social e transmitido por meio da linguagem. Isso significa que, em situações diversas, o sujeito constrói um conjunto de representações variáveis dos usos que fará da língua e da linguagem.



Pesquise mais

Para se aprofundar na conceituação de língua e linguagem proposta por Saussure e conhecer outras perspectivas sobre o tema, leia o seguinte artigo:

MACEDO, W. K. L. Por Saussure e Bakhtin: concepções sobre língua/linguagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES: LINGUAGENS E LEITURAS, 1., Ilhéus, **Anais...** 2009.

Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/iconlireanaais/iconlire_anais/anais-53.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2016.

Depois de apresentarmos os conceitos de língua e de linguagem e entendermos em que medida eles se diferenciam, precisamos compreender o que faz da linguagem algo tipicamente humano, diferente da comunicação que percebemos entre os animais. Como vimos, se a linguagem se realiza na fala, a primeira característica é a sua realização vocal. Desta decorre uma segunda característica: ela não depende de um meio visual para se realizar. As abelhas, como veremos, conseguem uma comunicação rudimentar por meio de gestos, o que garante que elas se entendam apenas em um ambiente com luz, o que diferencia, portanto, a comunicação animal da linguagem humana.

Os animais, por sua vez, não apresentam uma linguagem como a que estamos estudando. Karl Von Frisch (LOPES, 1995) apresentou, por exemplo, resultados interessantes sobre como as abelhas se comunicam. Segundo sua pesquisa, as abelhas obreiras, quando encontram alimento, voltam à colmeia e fazem uma dança que apresenta às demais a quantos quilômetros e em que direção está o alimento. Foi descoberto que elas fazem uma dança circular se o alimento está próximo e, se este estiver longe, fazem uma dança cujo movimento tem a forma de um oito (8), passando pelo meio dos círculos a quantidade de vezes correspondente à distância em que se encontra o alimento. Se estiver a 100 metros de distância, a abelha corre cerca de 10 vezes a linha reta, e as demais saem em busca do alimento sabendo onde ele está. Entretanto, por mais curiosa que seja a comunicação entre esses animais, não podemos chamá-la de linguagem, uma vez que essas abelhas não transmitem às menores como se faz essa dança, nem ensinam que ela é a forma de avisar as colegas sobre o alimento.

Os animais usam a linguagem meramente para comunicar, enquanto nós a utilizamos para agir sobre os outros: nós podemos fazer o outro chorar, comprar, rir, falar, aquietar-se etc. Nossa linguagem provoca uma resposta e uma ação no ambiente. A

“linguagem” das abelhas, entretanto, provoca apenas uma resposta. Quando dialogamos, usamos a linguagem e somos afetados pela linguagem do outro. Construímos uma mensagem a partir da mensagem recebida. Nenhum animal é capaz de fazer isso. A capacidade de construir diálogos, portanto, é a diferença capital da nossa capacidade linguística.



Exemplificando

Nossa capacidade dialógica é uma das características que nos diferencia. Todas as vezes que ouvimos ou lemos um assunto que não nos agrada, nossa primeira atitude é a contestação. Por isso, são inúmeros os canais para que as pessoas comuniquem suas insatisfações, suas opiniões. Os jornais, por exemplo, têm uma seção de cartas dos leitores. Nela qualquer leitor pode escrever para expressar o que pensou de um outro texto. Essa capacidade de estabelecer diálogos, inclusive entre textos, é exclusivamente humana.

As línguas (manifestação da linguagem humana), por meio de signos menores, conseguem diferenciar duas palavras, por exemplo, ‘sorte’ de ‘morte’, em português, apenas pela distinção dos fonemas *s* e *m*, mostrando, assim, que as línguas podem ser decompostas em unidades menores, o que não ocorre com o código utilizado na comunicação animal. As abelhas, por exemplo, quando dançam, informam um sentido global, impossível de ser decomposto em partes menores significativas: uma asa virada, por exemplo, no universo geral da dança, não significa absolutamente nada. Eis aí uma diferença crucial da linguagem humana: a língua pode ser analisada em unidades menores. Cada enunciado pode ser decomposto em unidades menores, que se organizam e se relacionam a outras unidades, criando novos significados.

Dessa forma, podemos dizer que a comunicação animal não pode ser tratada como linguagem, tal como no sentido atribuído por Saussure (2006), mas apenas como um código de sinais. Como vimos, o que esses animais produzem não varia com o tempo, é indecomponível e sua transmissão é unilateral, diferenciando-se, assim, da linguagem.

Sem medo de errar

Na situação-problema desta seção, Henrique deve elaborar uma apresentação oral sobre a concepção científica de língua, abordando a diferença entre os conceitos de língua e linguagem. Para isso, Henrique e seus colegas deverão se basear em algum autor estudado na disciplina. Essa atividade precisa ser feita em linguagem formal, contemplando o seguinte contexto:

- Os interlocutores serão os alunos e os professores do curso.
- O trabalho deve ser baseado em algum autor estudado na disciplina e em elementos do cotidiano.
- Ainda que não seja necessário produzir um texto escrito, já que se trata de uma apresentação oral, Henrique deverá realizar um planejamento de sua fala por meio de tópicos organizados em uma sequência lógica. Vamos ver um exemplo de como Henrique poderia estruturar sua apresentação.

Língua e linguagem: conceituação

Introdução:

No senso comum, a palavra *linguagem* é utilizada de forma indiscriminada para designar qualquer código ou sistema de elementos que compartilham de uma mesma característica, porém, quando se trata dos estudos linguísticos, é importante conceituar esse termo corretamente.

Desenvolvimento:

Características da linguagem: faculdade humana que possibilita a constituição de uma língua; é física, fisiológica e psíquica; heterogênea; não tem uma unidade de estudo; tem uma face individual e social.

Características da língua: é um sistema de signos; é um objeto bem definido nos fatos da linguagem; é a face social da linguagem; é homogênea; tem natureza concreta; tem uma unidade de estudo (o signo).

Faça valer a pena

1. Há muitas confusões entre os conceitos de linguagem e de língua. No senso geral, linguagem é comunicação, mas, para Saussure, o pai da Linguística, enquanto ciência, linguagem é uma faculdade humana, e a língua é aquilo que permite o exercício da linguagem.

Sabendo disso, assinale a alternativa que traz uma informação correta sobre o conceito de língua:

- a) A língua é natural e adquirida pelo convívio com os indivíduos de uma sociedade.
- b) A língua é social e convencional, sendo preciso estar imerso em uma cultura para aprendê-la.
- c) A língua é o reflexo do pensamento, razão pela qual nascemos com essa faculdade.
- d) A língua é uma faculdade cujas regras não precisamos ter ciência para conhecê-la.
- e) A língua é individual, cada um usa a que a família ou o grupo usa.

2. “A palavra tem uma posição funcional intermediária que se prende à sua dupla natureza. Por um lado, decompõe-se em unidades fonemáticas que são de nível inferior; por outro, entra, a título de unidade significativa e com outras unidades significantes, numa unidade de nível superior.” (BENVENISTE, 2005 p. 131.)

Nesse trecho de Benveniste, encontramos uma importante característica da linguagem humana que a diferencia da comunicação animal. Qual é ela?

- a) Capacidade de produzir referênciação.
- b) Possibilidade de dialogia.
- c) Variabilidade de mensagens.
- d) Dependência de um meio visual para ser realizada.
- e) Capacidade de decomposição em unidades menores significativas.

3. Julgue as afirmativas a seguir sobre a comunicação animal:

- I. O sinal pode ser decomposto em unidades significativas menores.
- II. O código utilizado pelos animais possui infinitas possibilidades de articulação de mensagens.
- III. O conteúdo é fixo e faz referência a uma única situação.
- IV. Ela prevê apenas um tipo de resposta.

Estão corretos apenas os itens:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) III e IV.
- e) I e IV.

Seção 1.3

Usos e funções da linguagem humana

Diálogo aberto

Você já deve ter ouvido falar em sistemas, não é? Sistema reprodutivo, sistema nervoso, sistema solar? Pois é, a ideia de sistema existe em várias esferas da nossa vida, o que exige que entendamos esse conceito. É sobre isso que vamos tratar nesta seção. Discutiremos o conceito de língua como sistema, além de apresentar os princípios norteadores dos estudos linguísticos e as funções da linguagem.

Para trabalhar esses tópicos, vamos propor uma nova situação-problema a ser resolvida por você. No entanto, antes vamos retomar o contexto de aprendizagem desta unidade. Henrique é um aluno do curso de Letras que quer se destacar como educador, razão pela qual tem se dedicado muito ao seu curso. No momento, ele está cursando uma disciplina optativa do curso, cujo foco é o estudo da natureza da língua e da constituição dos estudos linguísticos como ciência. Até agora, ele realizou dois trabalhos para a disciplina: um quadro comparativo com as informações sobre como a língua era estudada da Antiguidade até o século XIX e uma apresentação oral dos conceitos de língua e linguagem.

Agora, ao final da disciplina de Henrique, chegou a hora de sintetizar o conteúdo: o estudante terá que produzir um resumo a ser enviado para participação em um congresso de estudantes de Letras, considerando os seguintes tópicos: o que significa compreender a língua como sistema, quais são os princípios norteadores do estudo da língua e quais são as funções da linguagem.

Para ajudar Henrique a enfrentar esse novo desafio, você deverá mobilizar os seguintes conceitos: a concepção de língua como sistema, os princípios norteadores dos estudos linguísticos (arbitrariedade e linearidade) e as funções da linguagem.

A língua como sistema e os princípios para estudá-la

Há certas ideias e conceitos que, por serem muito utilizados nas nossas práticas sociais cotidianas, acabam sendo banalizados, simplificados ou até mesmo incompreendidos em razão desse uso constante. O conceito de **sistema** parece ser um desses casos. Por isso, para iniciarmos a discussão a ser feita nesta seção, vamos retomar a primeira acepção da definição do dicionário Aulete Digital para a palavra **sistema**: “1. **Conjunto** de elementos (concretos ou abstratos) interligados e que funciona como um todo **estruturalmente** constituído (sistema digestivo; sistema eleitoral).” (AULETE DIGITAL, 2016, [s.p.] grifos nossos)

Nessa definição, observamos que uma série de fatos humanos podem ser classificados e organizados em sistemas, o que com a língua não seria diferente. Por exemplo, em uma conversa informal, se alguém lhe pedisse que dissesse o que é uma língua, é possível que, de maneira rápida e sem qualquer pesquisa, você respondesse algo como “é um conjunto de palavras de determinada sociedade”. Embora uma língua, de fato, abrigue palavras, só essa definição seria suficiente para caracterizá-la como sistema? O dialeto gay, por exemplo, é também uma lista de palavras de determinada sociedade, ou de um grupo social que a compõe, mas nem por isso pode ser considerado uma língua, certo? O que, então, faz da língua um sistema?

A segunda palavra destacada na definição nos dá uma pista: a língua não é só um conjunto de palavras, mas sim um conjunto de elementos **estruturados** hierarquicamente. Ou seja, esses elementos que compõem a língua se relacionam de uma maneira específica, articulada ou estruturada. Nas palavras de Benveniste (2005, p. 22), a língua é um sistema estruturado por um “número reduzido de elementos de base que se prestam a um grande número de combinações”. É esse caráter econômico, inclusive, que permite o estudo da língua como um sistema, possibilitando a descrição das suas unidades e das relações que estabelecem entre si.

Essa é uma das grandes novidades do trabalho de Saussure que

possibilitam a fundação da Linguística como ciência, a visão de língua como um sistema estruturado, passível de ser descrito e analisado de maneira formal e com rigor, tal como outros objetos de estudo, como as espécies animais, por exemplo. Até então a preocupação dos estudos linguísticos tinha um caráter mais filosófico – uma vez que se perguntava sobre a natureza da linguagem – ou histórico, em que se descreviam as mudanças linguísticas. Nesse último caso, uma unidade linguística, como a palavra ou o som de uma língua, era estudada em si mesma e na relação com as formas que a precederam.

Com Saussure, isso muda: inaugura-se o método da observação, e o foco da análise passa a ser as relações entre os elementos do sistema. Isso ocorre porque, de acordo com o linguista, as unidades de um sistema se definem pelas relações que estabelecem com as demais unidades que constituem. Considerando que, para Saussure, a unidade da língua é o signo linguístico e que este se caracteriza por uma relação de valor, ou seja, um signo é aquilo que os outros não são, podemos dizer que a língua enquanto sistema se caracteriza por uma relação clara de distinção, que ocorre em todos os níveis linguísticos: dos lexemas, morfemas, fonemas e merismas.

Com base nessas características, Benveniste (2005) lembra que o sistema se caracteriza por relações de dependência e solidariedade. Dependência porque não é possível estudar a língua a partir de um único signo, mas sim apenas a partir da relação entre os signos. Solidariedade porque, para funcionar, o sistema precisa estar equilibrado. Assim, se ocorrer determinada alteração que desestabiliza uma língua, ocorre um rearranjo dos elementos desse sistema e das relações entre eles, de forma solidária, para que o sistema entre em equilíbrio novamente.

Sendo a língua um sistema de signos, para entender o que caracteriza esse sistema e os princípios que devem ser considerados para estudá-lo, é necessário apresentar alguns princípios que regem o signo linguístico. Você verá com mais detalhes o conceito de signo na próxima unidade. Por ora, apenas precisamos citar aqui algumas de suas características para que você entenda o conceito de língua como um sistema.

A primeira característica é que o signo é arbitrário, na medida em

que o significante (a imagem acústica) que o constitui é imotivado. Essa arbitrariedade do signo é um dos fatores que protege uma língua de mudanças, e dela decorre uma das leis que regem o sistema linguístico, a lei da tradição. De acordo com Saussure (2006, p. 85), “a língua aparece sempre como uma herança da época precedente”. Dessa forma, a ocorrência de mudanças no sistema linguístico não se dá de modo simples e corriqueiro, uma vez que exige sempre o rearranjo dos elementos e de suas relações a fim de alcançar um novo equilíbrio. Assim, a **arbitrariedade** e a **imutabilidade** do signo são alguns dos princípios que devem ser considerados no estudo de uma língua.

Porém, é importante destacar que o signo não é totalmente imutável, uma vez que a língua é um produto social e, por isso, é o tempo todo determinada pela sociedade de que faz parte. Assim como certas tradições culturais com o tempo sofrem mudanças e, muitas vezes, deixam de existir, a língua também é afetada e sofre transformações. No entanto, da mesma forma que as transformações sociais, as mudanças linguísticas são lentas e levam tempo para se impor ao sistema.

A infinitude dos signos é outra característica a ser considerada nesse tipo de estudo. Como você viu, os elementos que compõem o sistema linguístico são poucos, porém são capazes de produzir inúmeras combinações. Parece-nos impossível catalogar todas as combinações que podemos realizar, por exemplo, entre os fonemas, uma vez que temos inúmeras palavras na língua. Talvez a mudança mais frequente que podemos observar em uma língua diz respeito ao seu conjunto lexical, uma vez que, com certa frequência, novas palavras são criadas e incorporadas à língua, ainda que temporariamente. No entanto, mudanças de ordem sintática, ou seja, na ordem com que os elementos são dispostos em uma sentença, são mais incomuns e levam mais tempo para ocorrerem.

Daí decorre outro princípio a ser considerado nos estudos linguísticos: a língua é um sistema complexo que se organiza a partir de cadeias lineares, seja no tempo (fala), seja no espaço (escrita). Esse é outro princípio que dificulta a ocorrência de mudanças, pois, uma vez que as relações entre as unidades linguísticas são lineares, há uma hierarquia entre estas que precisa ser respeitada e que é difícil de ser

quebrada. Assim, a **linearidade** é outro princípio que rege as relações entre os signos de um sistema linguístico. Essas relações lineares são chamadas por Saussure (2006) de relações sintagmáticas. A língua também é regida por outro tipo de relações: as paradigmáticas ou associativas, que correspondem às associações que podemos fazer entre os signos linguísticos (de substituição, por exemplo), mas não abordaremos esse tópico aqui.

Sintetizando, tomando como base a linguística estruturalista inaugurada por Saussure (2006), podemos considerar como princípios norteadores do estudo da língua algumas características do signo, como a arbitrariedade, a imutabilidade e a capacidade de se produzir inúmeras combinações a partir de poucas unidades distintivas, bem como o princípio da linearidade. É importante também não se esquecer do conceito de estrutura, crucial para o entendimento da língua como um sistema.



Pesquise mais

Leia mais sobre isso em:

CHALHUB, Samira. **Funções da Linguagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

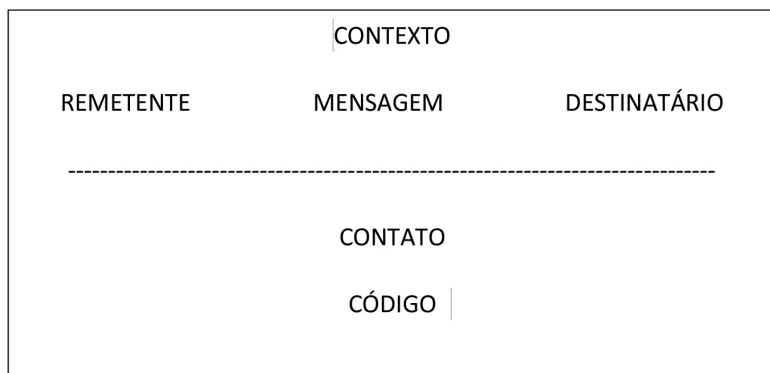
Linguagem e comunicação

Uma ideia bastante comum até hoje, que predomina no ensino escolar de línguas, é a de que a função da língua é permitir a comunicação entre nós, seres humanos. Nessa perspectiva, a língua seria mero instrumento de comunicação que nos permitiria trocar mensagens e nos relacionar. Porém, esse não é o único modo de tratar a língua. Há perspectivas que consideram a língua como o meio pelo qual nós constituímos o pensamento, e outras que tratam a língua como o meio pelo qual o homem apreende o mundo e o simboliza. Você verá essas diferentes perspectivas ao longo das próximas unidades. No entanto, nesta seção, vamos abordar apenas a perspectiva comunicativa da linguagem, uma vez que ela ainda é bastante trabalhada nos currículos escolares.

Jakobson foi um dos primeiros teóricos a pensar sobre o uso

da língua na comunicação. Interessado em estudar a mensagem verbal na obra de arte, o autor delineou um modelo comunicacional, definindo os seus principais elementos, a partir do qual definiu seis funções principais da linguagem. O propósito de Jakobson era, com essa classificação, poder isolar o estudo da função poética na literatura. Observe, a seguir, o modelo proposto pelo autor:

Quadro 1.1 | Esquema comunicacional de Jakobson



Fonte: Jakobson (2003, p. 23).

Vamos ver mais detalhadamente cada um desses elementos?

- a) O emissor (ou remetente) envia uma mensagem ao receptor (ou destinatário).
- b) O receptor recebe a mensagem.
- c) A mensagem é produzida em um contexto.
- d) A mensagem é transmitida por meio de um canal (contato).
- e) O emissor utiliza um código (a língua) para transmitir a mensagem.

A partir desse modelo, Jakobson (2003) consegue separar seis funções da linguagem, determinadas pelo elemento que é focalizado na comunicação. Vamos conhecê-las?

Começando pelo **emissor** (remetente), percebemos que nas mensagens centradas nessa figura predomina a **função emotiva** da

linguagem, ou seja, aquela que marca a subjetividade de quem fala. Trata-se de uma linguagem marcada pelo uso da primeira pessoa (eu/nós), pela presença de adjetivos que mostram o ponto de vista do emissor e pela pontuação: o uso dos sinais de exclamação e reticências, por exemplo, apresentam o pensamento de quem está emitindo a mensagem. A função emotiva é também chamada de **função expressiva**.

Já a comunicação, que é centrada no **receptor** (destinatário), tenta influenciá-lo através de ordem, exortação, invocação, saudação e, até mesmo, de súplica, razão pela qual nela predomina a chamada **função apelativa** da linguagem. Também é conhecida por **função conativa**, que vem do latim *conatum*, que significa "influenciar". Essa função se configura pelo uso do imperativo, do vocativo e pela presença da segunda pessoa (tu/você/vocês).

Desde que haja a intenção clara de convencer o outro, predomina a função conativa. Por essa razão, é possível encontrar traços argumentativos e persuasivos nos textos que focam nessa função. A propaganda é um exemplo desse tipo de texto, pois ela tenta seduzir o receptor para que ele aja, ou seja, compre o que ela vende. Vários outros textos recorrem a essa função a fim de que o leitor seja convencido ou envolvido.



Pesquise mais

É, de fato, possível, nas práticas discursivas cotidianas, fazer essa separação bem clara entre as funções da linguagem e eleger uma delas como predominante em cada texto? Para pensar sobre isso, reflita sobre a letra da música "Você", de Tim Maia. Disponível em: <<http://www.letras.com.br/Tim-Maia/voce>>. Acesso em: 8 dez. 2016. Não há mais do que uma função nesse texto? Alguma delas é predominante, ou elas têm a mesma importância?

Vamos passar, agora, aos elementos que constituem o eixo central do modelo. Começando pelo **contexto**, Jakobson (2003) mostra que, nas mensagens cujo objetivo é transmitir informações, ou seja, tratar do contexto (ou da realidade), predomina a **função referencial**. Essa função é também chamada de **função denotativa** e predomina nos

gêneros textuais tipicamente informativos, como a notícia de jornal, por exemplo.

Depois do contexto, podemos tratar da **mensagem**. Nas comunicações que focam nesse elemento, predomina a **função poética** da linguagem. Um texto em que predomina essa função tem como preocupação articular forma e conteúdo, procurando alcançar a melhor construção estética. São bons exemplos desse tipo de texto a poesia e a música, que têm preocupação, principalmente, com a rima e com a escolha das palavras. Diferentemente do que ocorre com a função referencial, nos textos em que predomina a função poética, há grande preocupação com a escolha das palavras para explorar diferentes sentidos, ou ainda múltiplos sentidos.



Exemplificando

Observe o poema a seguir. Nele, o trabalho com a linguagem não tem nenhuma função prática, direta.

Razão de ser
Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
Escrevo porque amanhece,
E as estrelas lá no céu
Lembram letras no papel,
Quando o poema me anoitece.
A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.
Eu escrevo apenas.
Tem que ter por quê?

(LEMINSKI, Paulo. **Poesia fora da estante**. 3. ed. São Paulo: Projeto, 2005. p. 31.)

Se o texto focar o funcionamento do canal de comunicação, isto é, o meio pelo qual as pessoas se comunicam, predominará nele a **função fática**. O objetivo dessa função é interromper ou prolongar a comunicação. Assim, quando na fala dizemos “não é?”, ou “certo?”, estamos procurando verificar se a comunicação está fluindo ou funcionando, garantindo, assim, o contato entre os interlocutores.

Os fatos linguísticos chamados fáticos são compulsivos e repetitivos. Quando, ao telefone, falamos “hum... hum...” repetidamente, estamos sinalizando ao nosso interlocutor que permanecemos ali ouvindo o que ele está dizendo. O traço mais característico da função fática é a tautologia, isto é, a redundância, repetições “não significativas” do tipo ah, é, uhum etc.

Por fim, quando o texto se centra no próprio **código**, ou seja, na língua, predomina nele a **função metalinguística**. A explicação de um conceito gramatical, por exemplo, é um texto em que predomina a função metalinguística, pois utiliza o código para falar do próprio código. Aprendemos a língua por meio dessa função. Quando um poeta escreve sobre o fazer poético, está usando o código para tratar do próprio fazer poético que se dá por meio do código. Observe:

[...] porque não tens mensagens
e teu conteúdo é tua forma
e porque és feita de palavras
e não sabes contar nenhuma estória
e por isso és poesia
como Cage dizia
ou como
há pouco
agosto
o agosto:
que a flor flore

o colibri colibrise

e a poesia poesia.

(CAMPOS, Haroldo. Ode (Explícita) em defesa da poesia no dia de São Lukács. In: CAMPOS, Haroldo. **A educação dos cinco sentidos**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 16-20

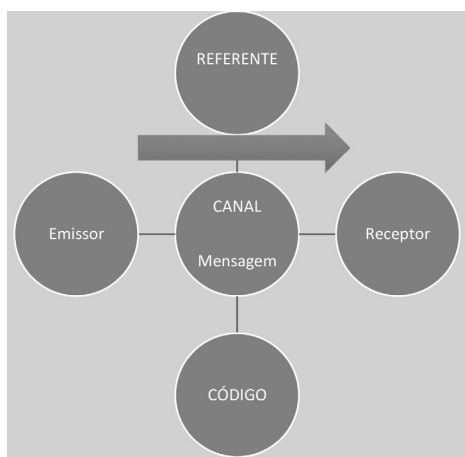


Assimile

A linguagem tem seis funções:

1. Metalinguística.
2. Fática.
3. Emotiva.
4. Poética.
5. Referencial.
6. Conativa.

Todas essas funções podem estar presentes em uma mesma mensagem. Na verdade, a linguagem se estrutura em função do fator para o qual está inclinada. Assim, observe a síntese:



Na situação-problema desta seção, Henrique precisava elaborar para um congresso um resumo que abordasse os seguintes conceitos: língua como sistema, os princípios norteadores de estudo da língua e as funções da linguagem.

Observe uma possibilidade de resumo para Henrique:

A língua é um sistema, isto é, é um conjunto de signos que exprimem ideias e que se relacionam entre si. Trata-se de perceber esse objeto de estudo como uma soma de informações que registramos no nosso cérebro e que permite que entendamos os demais usuários daquela língua, pois eles também têm essas informações registradas no cérebro deles. Por essa razão, a língua não está completa em um indivíduo, mas sim na relação entre os falantes daquela língua.

É pela língua que se exercita a faculdade da linguagem, ela é a parte social da linguagem e, por isso, deve ser estudada em relação a seus princípios: a arbitrariedade e a linearidade. Por arbitrariedade, devemos entender que a língua deve ser estudada como arbitrária, ou seja, não se justifica, por exemplo, a razão por que a palavra usada para representar o mar é “mar”. Não se tem uma explicação para isso, pois o signo é arbitrário. Podia ser “sea” em Língua Portuguesa também se assim a sociedade determinasse. Já por linearidade entendemos que existe uma cadeia linear de apresentação dos significantes.

Nesses dois princípios norteadores, vemos que a preocupação é o significado relacionado ao significante. Para a construção desses sentidos, é preciso considerar qual é o fator da comunicação que foi priorizado. Sendo assim, chegamos à ideia das funções da linguagem. São elas:

1. Função emotiva – linguagem centrada no emissor.
2. Função conativa – linguagem centrada no receptor.
3. Função poética – linguagem centrada na mensagem.

4. Função fática – linguagem centrada no canal.
5. Função referencial – linguagem centrada no referente.
6. Função metalinguística – linguagem centrada na mensagem.

Avançando na prática

Leitura prática

Descrição da situação-problema

Henrique precisa analisar um texto e sua construção do sentido. Para isso, é preciso que se analisem as funções da linguagem que podem ser percebidas nele. Essa análise será usada no mesmo congresso em que ele se apresentará. Vamos ajudá-lo em mais essa tarefa? O texto para análise é uma crônica publicada na revista Veja São Paulo, em 22 de julho de 2016. Os grifos são nossos e foram produzidos para a realização da análise apresentada posteriormente:

Querida leitora

"Querido cronista." (1) O e-mail começava assim, com polido carinho. (2) "Tenho gostado de suas colunas. (3) Mas não é sempre que concordo com você. Imagino que isso deva ser comum. As pessoas sempre discordaram, e isso não precisava acabar em guerra. Espero que nossas discordâncias permaneçam na linha da crítica construtiva (mas reconheço que só acha a crítica construtiva quem faz o comentário). Desvio do que quero dizer, esse é o meu maior defeito. Nunca consigo manter o foco, começo um assunto e logo emendo em outro, e depois em outro. Quem primeiro notou isso foi minha professora de português, na escola. Eu não mantinha o tema da redação, por mais que me esforçasse. Agora, por exemplo, desviei de novo. Retorno ao assunto. Sobre os pontos em que discordo de seus textos. (4)

A primeira ressalva é ao estilo supostamente bem-humorado. Não sei quem elogiou seu humor. Seja quem for, mentiu. Você é azedo. Ou será amargo? Não. É azedo mesmo. Sempre lança farpas contra o senso comum, como se o certo, o bacana, o moderninho fosse ser diferente. Admito que existe um charme no exotismo. Até eu mesma

me rendo a certas modinhas e confesso que me divirto. Como na vez em que todo mundo pôs tribo de índio no próprio nome nas redes sociais. Era protesto contra alguma matança de silvícolas em rincões inacessíveis até pro Waze, mas não sei se surtiu efeito. Depois de uns dois meses de codinome tupi-guarani, voltei ao normal. (5)

Ou quase. Logo começou a onda de colorir a fotinho no avatar — é assim que chamam o rostinho da gente nessas redes, avatar. Acho fofo. Tinha a ver com agressões a gays. Foi o Tony, meu cabeleireiro, que me explicou. Não que ele tenha sido agredido; graças a Deus, nunca foi. Tony é muito educado, sabe se comportar, não fica se exibindo pelas ruas, não provoca. Achei a causa justa e aderi. Mas não consegui me entusiasmar com a causa da modelo que denunciou o marido por agressão. Na verdade, nem marido é, parece que é só namorado. (5) E, vamos combinar, só deram trela porque a moça é famosa. Quantas anônimas a gente conhece que apanham quietinhas, não é mesmo?

Sou mulher, mas tenho consciência de quanto o sexo frágil anda agressivo. Nunca apanhei de marido nenhum. Quando a coisa saía do controle, eu me trancava no quarto e esperava a fera acalmar. Às vezes, demorava. Cheguei a ficar dois dias dentro de casa, sem comida nem telefone, nada. (5) Mas foram só dois dias. Sorte que era suite, tinha como ir ao banheiro. Ninguém percebeu nada. Para as amigas, contei que o celular tinha caído na privada.

Poderia ter pedido ajuda ao porteiro do prédio, mas quem é que guarda o nome deles? São tão parecidos naquele uniforme. Sempre que vou à aula de ioga, faço questão de cumprimentar, mas sem dizer o nome, para não criar constrangimento. Vai que eu digo Severino e é Raimundo? O coitado não vai poder me corrigir, é muito feio apontar o erro de quem paga o seu salário. (5)

Da mesma maneira, é muito deselegante o seu hábito de apontar o dedo para os leitores. (6) Não acho de bom-tom ficar nos cutucando, como se só a classe média fosse um poço de contradições. Pobres, por acaso, não são? Veja o caso da mocinha que trabalha em casa, a Natália. Não, é Zenália. Espera, Zenália era a irmã. A daqui de casa é a Natália mesmo. É uma moça muito esforçada. Acorda de madrugada, fica três horas dentro do ônibus para vir até minha casa, limpa tudo

direitinho, passa a roupa que é uma maravilha. Mas tem mania de fazer prestação. Perdi a conta das TVs que ela já comprou. Celular, vive trocando. Mas me pede sempre vale para a feira da semana. Por que você não aponta as contradições dela? (7) Pense nisso, cronista querido. Atenciosamente, sua Leitora.” (8)

(VIANA, Mário. Querida leitora. **Veja São Paulo**, 22 jul. 2016. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/cronica-querida-leitora>>. Acesso em: 12 out. 2016.)

Resolução da situação-problema

Henrique produziu a seguinte análise para ser apresentada no congresso:

(1) Função fática: usada para estabelecer contato via e-mail entre a leitora que escreve e o cronista que recebeu o e-mail e que o reproduz na crônica.

(2) Função metalinguística: o texto se refere a outro texto e o explica. A partir desse trecho, toda a crônica é a reprodução do e-mail recebido e, agora, usado como a própria mensagem.

(3) Função conativa: a autora do e-mail tenta convencer o cronista de que ele é bom, ela o valoriza, o seduz para depois introduzir o que realmente quer dizer.

(4) Função emotiva: a autora do e-mail se volta a ela, usando a primeira pessoa. A partir desse trecho, observa-se que ela introduz o assunto “eu” no meio do que aparentemente seria o assunto do e-mail, a crítica ao cronista.

(5) Função emotiva: todos os trechos marcados como (5) mostram a linguagem centrada no emissor.

(6) Função conativa: volta a priorizar o receptor.

(7) Função emotiva: quando volta a falar do emissor, ou seja, dela mesma./Função referencial: quando trata do referente, no caso, “os pobres”, exemplificado na ação da empregada.

(8) Função fática: serve para confirmar o diálogo e o papel de leitora, de interlocutora, do cronista.

Todo o texto deve ser lido como uma grande ironia e uma grande crítica à classe média brasileira, que apresenta valores invertidos. Na medida em que o autor da crônica escolhe reproduzir o e-mail da leitora, em vez de, com suas palavras, contar o que recebeu, nota-se que a intenção dele é mostrar quão absurdas são as afirmações da leitora. Em um jogo de linguagem entre eu versus você, a leitora se expõe como uma pessoa preconceituosa e mal-informada. Isso pode ser percebido na medida em que ela, usando a linguagem emotiva, coloca-se no centro e apresenta suas concepções de mundo. Ela se desnuda ao contar, valorizando a mensagem, quase como um poeta, o quanto é egocêntrica, afinal só fala dela mesma.

Assim, no jogo do dito e do não dito, fica claro que o cronista diz o quanto a leitora não é querida.

Faça valer a pena

1. Crianças de uma escola resolveram criar palavras para brincarem de comunicação. Para *mesa*, por exemplo, criaram o termo *asem*.

Quando a professora entrou na sala e uma das crianças disse “Seu material está na *asem*, professora”, ela:

- a) Entendeu a mensagem, pois a língua é viva e pode ser usada como os falantes quiserem, desde que siga um modelo.
- b) Não entendeu a mensagem, pois a língua é regida pelo princípio da linearidade, e os componentes do código não estavam na sequência correta.
- c) Entendeu a mensagem, pois a língua é regida pelo princípio da arbitrariedade, o que significa que podemos inventar palavras para o que quisermos.
- d) Não entendeu a mensagem, pois não usava a mesma língua que os alunos e, por isso, precisava aprendê-la.
- e) Entendeu a mensagem, pois a língua é um sistema que ela conhece, no qual se pode combinar as palavras como o falante bem entender, sem considerar o interlocutor.

2. Analise os excertos a seguir:

- (1) [...] o buraco do espelho está fechado
agora eu tenho que ficar agora
fui pelo abandono abandonado
aqui dentro do lado de fora
(ANTUNES, 2009)
- (2) O Museu da Língua Portuguesa, atingido por um incêndio há um ano, deve voltar a receber visitantes no primeiro semestre de 2019. O governo do estado de São Paulo anunciou a parceria "Aliança Solidária" nesta segunda-feira (12).
(G1, 2016).
- (3) Substantivo é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral.
(PEREIRA, 2016)

Assinale a alternativa que apresenta, na sequência respectiva (1-2-3), as funções da linguagem que predominam em cada um dos excertos:

- a) Poética – conativa – emotiva.
- b) Fática – conativa – metalinguística.
- c) Emotiva – referencial – conativa.
- d) Poética – referencial – metalinguística.
- e) Emotiva – fática – conativa.

3. O signo linguístico não pode ser entendido como uma espécie de "exercício de ligar os pontos", em que um significante se liga de forma direta a um significado. Existem significantes que mobilizam significados diferentes de determinado referente, assim como existem significantes que mobilizam apenas um significado.

Assinale a alternativa que apresenta um exemplo claro dessa ideia plurissignificativa dos significantes:

- a) O pé do atleta quebrou enquanto ele nadava no mar de Copacabana.
- b) O pé da mesa quebrou em uma época de um mar de problemas.
- c) Minha vizinha quebrou o pé ao cair no mar.

- d) O jogador tinha pé de atleta e procurou um médico.
- e) O mar estava revoltado e ninguém conseguia colocar o pé na água.

Referências

ANTUNES, Arnaldo. **Os buracos do espelho**. 2009. Disponível em: <http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_textos_list.php>. Acesso em: 12 dez. 2016.

AULETE DIGITAL. Sistema. 2016. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/sistema>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

BENVENISTE, E. Os níveis da análise linguística. In: _____. **Problemas de Linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005. p. 131.

BORGES NETO, José. História da linguística no Brasil. **Estudos Linguísticos**, 34. ed., p. 4-13, 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/1-convidado-borges.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2016.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. Signo. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

JAKOBSON, Roman. Poética e Linguística. In: _____. **Linguística e comunicação**. 19. ed. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 73-86.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Introdução à Linguística**. Lisboa: Gradiva, 1997.

PEREIRA, C. C. (Org.) **Gramática básica do português contemporâneo**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/gram/cap06-00-substantivo>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

RABAÇA, C. Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Campos, 1997.

ROBINS, R. H. **Pequena história da Linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997.

RODRIGUES, R. S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**, edição especial, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.revelinf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SP ANUNCIA parceria para restauração do Museu da Língua Portuguesa. G1, 12 dez. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/sp-anuncia-parceria-para-restauracao-do-museu-da-lingua-portuguesa.ghtml>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

SWIGGERS, Pierre. Filologia e Linguística: enlace, divórcio e reconciliação. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 5-18, 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59656/62752>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

Ferdinand de Saussure: o pai da Linguística Moderna

Convite ao estudo

Na unidade anterior, situamos, através dos séculos, os estudos que levaram até o estabelecimento da Linguística como ciência, passando pela reflexão sobre a natureza da linguagem, seus usos e suas funções. Daqui para frente, acompanharemos o começo da chamada Linguística moderna, a partir do início do século XX. Seu maior nome é Ferdinand de Saussure, com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, uma obra indispensável até os dias de hoje para a formação de qualquer profissional na área da linguagem. Veremos, então, que sua contribuição teórica permeará todo o nosso percurso nesta unidade. O legado de Saussure para a Linguística é inegável, tornando-se o foco de toda esta seção e também a base teórica para as seções futuras.

Saussure influenciou não só os estudos sobre os níveis de análise linguística, através da teoria de dupla articulação da linguagem de André Martinet, mas também a origem do chamado Estruturalismo linguístico, com contribuições do filósofo genebrino na Europa, além de Bloomfield e Sapir nos Estados Unidos. Aqui, o intuito é que você entenda a importância de definir o objeto de estudo da disciplina (Linguística) e as consequências da escolha de uma ou outra abordagem nos estudos linguísticos (por exemplo, se será um estudo sincrônico ou diacrônico da linguagem). Esse estudo contribuirá para sua formação como professor no sentido de fazê-lo compreender qual foi o percurso dos estudos linguísticos que permitiu que chegássemos à nossa atual abordagem do estudo da língua em sala de aula. Para auxiliá-lo nessa tarefa, você deverá resolver as situações-problema propostas nesta unidade.

Desta vez, propomos um novo contexto de aprendizagem:

Sofia é uma professora de inglês que está começando uma nova turma agora. Seus novos alunos são muito curiosos e constantemente perguntam-lhe sobre coisas que ela nunca tinha parado para pensar e que, muitas vezes, não sabe bem como responder. Isso a motivou a fazer um curso de especialização na área de Linguística para ajudá-la a sanar algumas dessas dúvidas de seus alunos sobre a linguagem. Como poderíamos ajudar Sofia nesse trajeto de aprendizagem?

Para repensarmos a linguagem, devemos refletir sobre as seguintes questões: o que é característica da língua e o que é da fala? Por que as coisas têm um nome e não outro? De que modo articulamos a linguagem? O que aprendemos quando estudamos a linguagem?

Nesta unidade, começaremos com um enfoque em Saussure e sua obra na Seção 2.1, passaremos, então, pelo estudo dos níveis de análise linguística na Seção 2.2 e finalizaremos com o estudo de algumas vertentes do Estruturalismo na Seção 2.3. Esperamos que, com o conteúdo apresentado nesta unidade, você possa não só responder às questões propostas como também ter a curiosidade despertada para que continue aprofundando seus estudos linguísticos.

Seção 2.1

Saussure e o curso de *Linguística Geral*

Diálogo aberto

Por acaso, alguma vez você já se fez perguntas sobre a língua que você fala? Por exemplo, por que, às vezes, não pronunciamos uma palavra do mesmo modo como ela é escrita? Ou, então, você já deve ter ouvido alguém dizer que “o português veio do latim”. Mas será que é isso mesmo? E quem define o nome das coisas numa língua? Nesta seção, estudaremos as contribuições de Ferdinand de Saussure para os estudos linguísticos, consideradas o marco do início da Linguística moderna, que nos ajudarão a entender a teoria por trás das explicações a essas e tantas outras dúvidas.

Conforme apresentado no Convite ao estudo, exploraremos as dúvidas de Sofia, nosso personagem do contexto de aprendizagem desta unidade, uma professora de inglês que decidiu complementar sua formação matriculando-se num curso de especialização em Linguística para professores, com enfoque em sala de aula. Com isso, ela pensou que poderia se aprofundar em alguns conceitos da área a fim de responder às incessantes dúvidas de seus alunos.

Numa das disciplinas do curso de especialização, o professor de Sofia atribuiu aos alunos a tarefa de realizar uma apresentação, para a aula seguinte, sobre um dos postulados de Saussure, com exemplos. Como o curso de Sofia tem como alvo professores como ela, o professor solicitou que os exemplos trazidos fossem de sala de aula, quando possível. Chegada a hora do sorteio dos temas, Sofia deparou-se com a responsabilidade de explicar o conceito de valor linguístico. Após reler a teoria da aula sobre Saussure e o *Curso de Linguística Geral*, especialmente o exemplo que dá Saussure utilizando a palavra francesa *mouton*, Sofia se lembrou de uma dúvida de um de seus alunos, que não conseguia entender por que, em inglês, ele deveria usar palavras diferentes (como *sheep* e *mutton*) para se referir ao

que, em português, ele usaria uma palavra só (carneiro). Então, Sofia logo teve uma ideia para sua apresentação, decidindo explorar os conceitos de significação e valor linguístico. Como você acha que Sofia poderia elaborar essa pequena apresentação? Vamos contribuir com essa tarefa?

Para ajudá-la com essas dúvidas, você deverá pensar sobre o conceito de valor linguístico e a ideia de oposição na língua. Com essas questões em mente, vamos iniciar nosso percurso sobre a Linguística Moderna e as contribuições de Ferdinand de Saussure?

Não pode faltar

Saussure e o Curso de Linguística Geral

Dando sequência ao nosso percurso sobre os estudos linguísticos a partir do século XX, podemos compreender que, à época, a grande tendência de pesquisa sobre a linguagem deixou de ser o estudo histórico-comparativo entre línguas, também chamado filologia comparada. Em seu lugar, entra o **estudo da língua em seu estado atual**, com o foco na língua falada (BLECUA, 1979).



Reflita

Quais poderiam ser as implicações dessa mudança de foco? Por exemplo, qual passa a ser o lugar da língua literária nos estudos linguísticos, que havia sido de destaque até então?

Um dos maiores expoentes dos estudos linguísticos nesse período foi Ferdinand de Saussure (1857-1913). Nascido em Genebra, em uma família de cientistas conhecidos, Saussure, que foi filósofo, ministrava cursos sobre linguística geral na Universidade de Genebra, tendo estudado sânscrito e linguística comparativa em Genebra, Paris e Leipzig. Com essa formação, fez parte de um grupo de jovens estudiosos chamados **neogramáticos** (KEMMER, 2009). Esse grupo, que surgiu na Universidade de Leipzig nas últimas três décadas do século XIX, representava uma ruptura das tradições comparativas nos estudos da linguagem até então, que buscavam encontrar uma origem comum às línguas modernas. Para os neogramáticos, a orientação era

estudar as línguas vivas, “onde os processos de evolução linguística poderiam ser vistos em ação [...]” (ILARI, 1999, p. 19), em detrimento de línguas antigas já não mais faladas, por exemplo. Como você pode perceber, essa ideia foi determinante para o desenvolvimento da teoria linguística de Saussure.

É impossível falar sobre Saussure sem dar um grande destaque ao livro *Curso de Linguística Geral* (1916), que foi o responsável por dar a ele a alcunha de “pai da Linguística moderna”. O *Curso*, como é comumente chamado na área de Linguística, é uma obra muito peculiar. Primeiro, porque o autor a que se atribui o livro não o escreveu. Como você pode ter percebido pela data de falecimento de Saussure, a publicação de sua obra mais famosa é póstuma. No entanto, o que a torna tão diferente é o fato de ser composta não por seus escritos diretos, mas pelas anotações de aula dos seus três cursos de Linguística geral (oferecidos em 1907, 1908-1909 e 1910-1911) por seus alunos, compiladas e editadas por dois deles, Charles Bally e Albert Sechehaye, com colaboração de A. Riedlinger.

Essa situação ocorreu porque, até então, Saussure aparentemente não havia tornado públicos seus manuscritos e suas anotações para que fosse publicado um livro sobre seus cursos de Linguística. Apesar do esforço de seus discípulos, devemos sempre ter em mente ao menos **três problemas críticos do *Curso***, que constam no prefácio à edição brasileira do *Curso de Linguística Geral* (2006), assinado por Isaac Nicolau Salum:

1. Saussure não estava satisfeito com suas aulas porque tinha que seguir o programa da disciplina na universidade e sentia-se compelido a adaptar as complexidades dos assuntos para os estudantes.
2. As notas de aula dos estudantes não, necessariamente, corresponderiam exatamente ao que ele gostaria de transmitir.
3. Dois de seus discípulos que organizaram a matéria declararam não ter frequentado esses cursos de Saussure, contribuindo para possíveis deformações do pensamento do mestre, além das próprias anotações dos alunos presentes nos cursos serem aproximadas.

Algumas décadas após a publicação do *Curso*, foram publicados alguns cadernos e escritos de Saussure. No entanto, somente na década de 1990 é que foram descobertos os manuscritos do próprio Saussure – até então desconhecidos – de um “livro sobre linguística geral” (mais tarde publicados com o nome de *Escritos de Linguística geral*), os quais, apesar de menos “homogêneos” do que o *Curso*, permitia supor, ajudaram os linguistas a compreender melhor algumas possíveis inconsistências em sua obra.

Enfim, são as ideias atribuídas a Saussure desde a publicação do *Curso de Linguística Geral* que vão nos guiar na compreensão da missão de estabelecer qual deve ser o objeto de estudo da Linguística a partir de então. E é por meio das chamadas **dicotomias linguísticas de Saussure** que podemos iniciar esse percurso.



Assimile

Ao estudar Linguística, devemos pensar a dicotomia como uma **oposição** entre dois conceitos. A ideia de oposição, vale ressaltar, nos será muito importante nesta seção. São exemplos de dicotomias saussurianas: língua e fala; diacronia e sincronia; sintagma e paradigma; e significante e significado; a ser explorados nesta seção.

Já sabemos que a contribuição de Saussure para o campo da Linguística, no início do século XX, configurou-se numa mudança de pensamento em relação aos estudos anteriormente em voga a respeito da linguagem. Parte disso se deveu à crítica do autor de que o **objeto de estudo da Linguística** não estava devidamente definido, tornando essa tarefa sua prioridade. Para isso, propôs a oposição entre **língua** e **fala**, tomando a primeira como objeto de estudo.

Para Saussure, a língua não se confunde com a linguagem, embora seja parte essencial desta. Ela se delimita em oposição à fala: a língua é considerada um sistema fechado, de certo modo “homogênea”, coletiva e tem concretude psíquica; a fala, por sua vez, é heterogênea, individual e tem concretude psicofísica, sendo a soma do que os falantes dizem. Veja nas fórmulas seguintes (Figura 2.1) como Saussure representaria língua e fala:

Figura 2.1 | Representação de Saussure para Língua e Fala

Língua	Fala
$1+1+1+1... = I$ (padrão coletivo)	$(1+1'+1''+1'''...)$

Fonte: adaptada de Saussure (2006, p. 27-28).

No entanto, isso não significa que o autor desconsidera completamente a fala, entendendo, inclusive, que ela é formada pelas realizações individuais e heterogêneas do sistema, ou seja, da língua, que é homogênea e coletiva. E são justamente essas características da língua que a elevam ao status de objeto da Linguística, ao permitir seu estudo e sua análise de forma científica. Desse modo, para Saussure, língua e fala estão estreitamente ligadas: se é ouvindo os outros que o sujeito aprende sua língua materna, é a própria fala que faz evoluir a língua.

E é exatamente a questão da evolução da língua que nos leva a apresentar outra dicotomia de Saussure: **sincronia** e **diacronia**. O primeiro termo refere-se à ideia de um recorte da língua, estudada em seu estado num ponto do tempo. Já o segundo termo refere-se a uma perspectiva dinâmica que considera a língua através do tempo e suas evoluções. Saussure (2006) afirma que a sincronia não exclui a diacronia, mas que é necessário separá-las.

Por exemplo, dizemos que estudamos a língua diacronicamente quando buscamos as origens de uma palavra qualquer, como o pronome pessoal de tratamento **você**, que deriva da expressão de tratamento **vossa mercê**, e analisamos a evolução de suas formas intermediárias (como **vosmecê**) através do tempo. Por outro lado, poderíamos estudar como, hoje em dia, usamos você, ocê e cê como diferentes formas de um mesmo pronome de tratamento, que representamos graficamente como você. Esse outro tipo de estudo, que considera um recorte da língua no tempo, chamamos de sincrônico.

Repare que, para um estudo ser sincrônico, não precisamos, necessariamente, que ele trate do estado atual da língua, ou seja, de hoje em dia; então, se você tiver interesse por estudar algum aspecto do português na década de 1920, ou no século XIX, por exemplo, também terá um recorte da língua no tempo e, portanto, seu estudo será sincrônico.

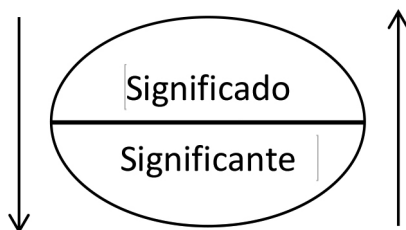
Saussure acreditava ser necessário delimitar o estudo da língua sob uma perspectiva sincrônica, ao contrário de estudos histórico-comparativos de línguas que precederam sua obra. Para ele, a Linguística sincrônica “se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva” (SAUSSURE, 2006, p. 116). É a noção de sistema, já mencionada na definição saussuriana para língua, que norteará nosso estudo sobre sua concepção.

Se, para Saussure, a Linguística deve ter a língua como objeto de estudo, o que significaria estudar a língua? Aqui, podemos retomar parte do conteúdo da unidade anterior para entender a língua como um **sistema de signos**. Você deve entender essa noção como a ideia de um sistema fechado; ou seja, um sistema que funciona por si mesmo, com seus elementos internos (no caso, os signos linguísticos) relacionando-se entre si. Por ser fechado, o sistema exclui o que não faz parte dele, como a fala, por exemplo. Essas características são importantes porque ajudam a delimitar a língua como uma unidade a ser estudada cientificamente, retomando a ideia da língua como objeto de estudo da Linguística. Mas, afinal, você sabe o que é o signo?

O signo linguístico deve ser entendido como uma unidade formada por duas partes associadas entre si: o **significado**, que é o conceito; e o **significante**, que é a imagem acústica. Para ajudá-lo a entender essa relação, vamos dar um exemplo com a palavra paz. Pensando a língua portuguesa como um sistema de signos, podemos entender paz como um signo, pois ele é composto de um conceito (nesse caso, algo como “uma sensação de tranquilidade”) e, também, uma imagem acústica. O que, no entanto, seria a imagem acústica? Pense numa espécie de “impressão mental” que essa palavra tem: quando alguém diz “paz”, em qualquer dialeto regional, temos mentalmente a mesma representação mental de paz, independentemente das diferentes articulações para essa palavra. Então, quando pensamos em signo linguístico, devemos pensar nessa noção de unidade, distinta de possíveis diferenças da fala.

O signo é, normalmente, representado de acordo com a imagem a seguir (Figura 2.2), em que as flechas indicam que um componente é contraparte do outro, sendo indissociáveis:

Figura 2.2 | Representação do signo linguístico



Fonte: adaptada de Saussure (2006, p. 133).



Assimile

Apesar de ser usado o termo **imagem acústica**, o significante não tem natureza física, como o som da voz de alguém que ouvimos ao nosso redor, por exemplo. A imagem acústica seria a representação mental desse som; as evidências de que ela existe estariam na observação de nossa própria linguagem quando falamos sozinhos ou recitamos um poema mentalmente (SAUSSURE, 2006).

Ou seja, o signo não deve ser entendido como uma palavra, pois é uma entidade psíquica com características próprias, diferentes do que entendemos simplesmente por “palavra”. Para compreender melhor o que é o signo, veja o exemplo a seguir, baseado no Capítulo 1 (“Natureza do signo linguístico”) da primeira parte do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure (2006): ao pensarmos no conceito (significado) de árvore, por exemplo, vem-nos à mente a imagem acústica (significante) de “árvore”. A recíproca é verdadeira: a imagem acústica de árvore faz com que pensemos automaticamente no conceito de árvore. Não importa se a árvore que uma pessoa imaginou era rasteira e frondosa, enquanto que a de outra pessoa era alta e sem folhas; o conceito de árvore é o mesmo e ambas têm a imagem acústica de árvore associada a esse conceito.

Agora que apresentamos o que é o signo linguístico, precisamos explorar suas características primordiais, chamadas de “princípios”. O 1º princípio é a **arbitrariedade do signo**. Quando dizemos que o signo é arbitrário, estamos afirmando que a relação entre seu significante

e seu significado é arbitrária ou imotivada. Ou seja, não existe uma relação que motive a união do conceito com a imagem acústica de um signo. Essa relação existe por conta do próprio funcionamento do sistema o qual é a língua, que independe da vontade do falante ou de regras externas à língua.

Saussure (2006) dá o exemplo de que a ideia de “mar” não tem qualquer relação interna com a sequência de sons “m-a-r” e poderia, originalmente, ser tão bem representada por qualquer outra sequência. Um exemplo disso é que, no português brasileiro, dependendo da região do Brasil, temos dois significantes, **mexerica** e **bergamota**, com o mesmo significado (conceito), quando se referem à mesma fruta. Com esse exemplo, você também pode reparar que não há nada que determine um signo, na língua, como representante de um objeto, na realidade. Isso é dizer que não há nenhuma parte da imagem acústica de **mexerica** ou **bergamota** que defina, por exemplo, as qualidades da fruta cítrica de cor alaranjada a que ambos os signos se referem. Por esse motivo, outras línguas podem ter outras palavras para se referir à mesma coisa na realidade: em português, dizemos “pássaros”; mas, em francês, “oiseaux”; em inglês, “birds” etc.

O 2º princípio do signo linguístico é a **linearidade** do **significante**. Já sabemos que o significante é a imagem acústica do signo e, ao dizer que ela é linear, estamos considerando que seus elementos sempre ocorrem seguindo uma ordem, sem se sobrepor uns aos outros, no decorrer do tempo. Isso é dizer que, no exemplo anterior, a imagem acústica de “mar” seria dada pela ordem de seus elementos “m-a-r”, quando pronunciados, por exemplo. O caráter da linearidade, segundo Saussure (2006), poderia ser ilustrado quando representamos, na escrita, o significante, em que escrevemos uma letra após a outra, por exemplo.

Ainda conforme a ideia de oposição apresentada anteriormente, outras duas características do signo linguístico são a **imutabilidade** e a **mutabilidade**. A primeira diz respeito à qualidade do signo de ser “fixo”, resultado da arbitrariedade do signo linguístico, que vimos acima. E o principal fator que contribui para isso é o fato de a língua ser falada em determinado momento do tempo por uma coletividade que impede que ela se renove a todo instante. Além disso, se essa renovação fosse constante, haveria a necessidade de uma grande quantidade de

signos para constituir a língua, que é um sistema complexo. Isso pode ser interpretado como uma espécie de rigidez no comportamento da língua, que resulta na tendência de manter a língua como ela é.

Por outro lado, falamos de mutabilidade da língua ao lembrarmos que esta não se mantém a mesma através do tempo, sofrendo evoluções naturalmente, independentemente de regras ou convenções externas a ela. Note que o estudo da evolução de uma língua é uma perspectiva diacrônica, em que as alterações nas formas exemplificadas afetam diferentes estados da língua.



Exemplificando

Temos vários exemplos de evolução linguística. Um deles é a palavra *aurum*, do latim, que sofreu mudanças com o tempo e veio a originar ouro, em português.

Outra importante contribuição de Saussure (2006) para os estudos linguísticos é a noção de **valor** linguístico. Aqui a ideia é a de que um signo só tem valor em relação aos outros signos do sistema, ou seja, ele não tem valor por si mesmo. Isso ocorre porque o signo é parte do sistema fechado que é a língua, dentro da qual ele tem o seu lugar, opondo-se aos outros signos. Saussure (2006, p. 136) afirma, sobre o signo, que “sua característica mais exata é ser o que os outros não são”, baseando-se na ideia de que a língua só funciona através de diferenças. Desse modo, não dizemos que a comparação entre signos é uma diferença; devemos, então, entendê-la como uma **oposição**. Enfim, é a relação de valor entre significado e significante, e também entre os signos em si, que garante a noção de sistema da língua.

Ao estudarmos as relações fundamentais entre os signos linguísticos, exploramos a quarta e última dicotomia de Saussure, **sintagma** e **paradigma**, cujos termos referem-se, respectivamente, ao que o autor chama de **relações sintagmáticas** e **relações associativas**. O primeiro tipo de relações também está ligado à linearidade do significante, pois diz respeito justamente à característica linear e ordenada da língua, em que um elemento (por exemplo: um som, uma palavra...) ocorre após o anterior, não se sobrepondo uns aos

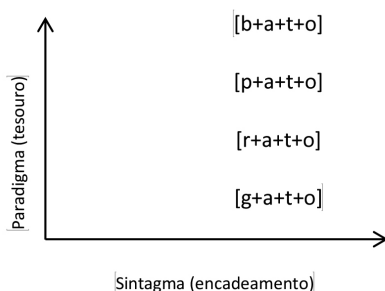
outros, o que poderia ser percebido na cadeia da fala. Segundo Saussure (2006), formariam, então, uma relação sintagmática entre si dois ou mais elementos consecutivos que adquirem seu valor porque se opõem ao(s) elemento(s) anterior(es) e/ou posterior(es) na cadeia. Para o autor, o sintagma deve ter um número definido de elementos e a ideia de ordem de sucessão.

Por sua vez, as relações associativas, que também podemos chamar de paradigmáticas, seriam todas as possibilidades de substituição dos elementos do sintagma. É exatamente isso que Saussure chama de “tesouro”, pois seria uma parte importante da memória do falante em que ele armazena todas as infinitas possibilidades de substituição dos elementos.

Tomemos como exemplo a relação sintagmática entre os elementos de gato, [g+a+t+o], dada por Blecua (1979). Além dela, há, por exemplo, a relação paradigmática (associativa) entre gato e todos os outros signos que podem se formar a partir da substituição do som que pode ocupar a posição inicial, como rato/pato/bato/nato, entre outras combinações possíveis na língua. Portanto, segundo Blecua (1979), um sistema linguístico seria formado tanto por relações sintagmáticas quanto por relações paradigmáticas, sendo a segunda um complexo mundo de associações que está fora do encadeamento linear.

Para melhor visualizar essa dicotomia, observemos o gráfico (Figura 2.3) a seguir, elaborado com base na ideia de **eixos paradigmáticos e sintagmáticos** citados por Orlandi (1986, p. 27) e no exemplo anterior de Blecua (1979, p. 75):

Figura 2.3 | Representação dos eixos sintagmáticos e paradigmáticos



Fonte: elaborada pela autora.

Apesar de os exemplos acima só mostrarem as possibilidades de substituição de um som na posição inicial de uma palavra, Saussure (2006) destaca que pode haver relações sintagmáticas pelo radical da palavra (**cozinha**, **cozinhar**, **cozimento**), pelo sufixo (**cozimento**, **engajamento**) e até mesmo pela analogia de significados (cozinha, comida, fome etc.).



Pesquise mais

Para explicações mais detalhadas sobre os conceitos saussurianos abordados nesta seção, com direito a exemplos do autor, recomendam-se a leitura e o estudo mais aprofundado dos livros a seguir:

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004. 296 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006. 280 p.

Reflexões sobre as contribuições de Saussure

Você pode estar se perguntando: como aplicar toda essa teoria em sala de aula? Será que ainda é possível trabalhar com esses pressupostos teóricos sendo eles tão antigos? A resposta é: sim. Como vimos nesta seção, a obra de Saussure pode ser aproveitada tanto para a reflexão sobre a pesquisa em linguagem quanto para possíveis questionamentos em sala de aula.

Em relação à dicotomia língua e fala, podemos usar as ideias básicas na distinção proposta por essa dicotomia (SAUSSURE, 2006) para que o professor faça com que o aluno reflita sobre o que ele mesmo escreve e como ele fala. Além disso, pode ser possível observar: i) como a escrita do aluno reflete sua fala; ii) se seus desvios da norma culta da língua podem indicar algum padrão que seja interessante analisar. Por isso é conveniente destacar que a língua, além de coletiva, é uma **convenção**; e a fala, uma realização individual dela.

Outra questão interessante levantada por Saussure (2004) é o fato de que uma língua não nasce e não morre naturalmente. Por um lado,

em relação à morte de uma língua, o autor afirma que ela só ocorreria de forma violenta – seja porque todos os seus falantes morreram dizimados e não a transmitiram a futuras gerações, seja porque eles sofreram uma invasão de outro povo que impôs sua língua. Por outro lado, tampouco já se observou o nascimento de uma língua, e os motivos para isso estão diretamente relacionados aos motivos que mantêm as línguas já existentes: um deles seria a falta de iniciativa – se já falo uma língua, para que eu iria abandoná-la completamente em favor de outra? Já o outro motivo seria o emprego da escrita, que serviria como instrumento de resistência a essa mudança. Por esses motivos, línguas artificiais, como o esperanto, nunca terão o mesmo status de uma língua natural.

Ademais, podemos ver a escrita como uma forma de **cristalização da língua**, pois as regras da escrita não acompanham o desenvolvimento natural da língua. Saussure (2004) apresenta exemplos do francês, em que muitas palavras são escritas com letras que, no momento da pronúncia destas na fala, não correspondem a nenhum som produzido. Um exemplo disso pode ser visto na palavra *oiseaux* (pássaros), pronunciada [wazo]. Com isso, ocorre um distanciamento entre as formas escrita e falada da palavra, que em algum momento de sua história, provavelmente, já apresentaram melhor correspondência. Em contrapartida, conforme vimos anteriormente, é a fala que impulsiona a mudança na língua, evidenciando a forte conexão entre elas.

Um instrumento importante para a cristalização da escrita das línguas é a gramática normativa, que, de acordo com Bechara (1998), é codificadora e fixadora do uso do idioma, assumindo, assim, um papel didático, de ensino da língua. Além disso, ela aspiraria a ser científica ao oferecer explicações sobre a língua. Aí você pode se perguntar: ela se confunde com a Linguística? A resposta é: não, pois ela tem a função de registrar o uso idiomático da modalidade padrão, ao contrário da Linguística, que estuda a linguagem em seus mais diversos aspectos e realizações. O autor também afirma que o prestígio dos escritores portugueses dos séculos XVI e XVII até hoje é fruto da ideia de que a forma atual da língua seria uma “corrupção” de sua forma anterior.

O objetivo desta seção foi fazer com que você conhecesse e assimilasse os principais conceitos e teorias apresentados na obra *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure. Esperamos que você tenha refletido sobre as questões e os problemas propostos, de modo a ter uma boa base para seus estudos linguísticos a partir da chamada Linguística moderna.



Pesquise mais

Para conhecer um pouco mais sobre a relação entre os postulados de Saussure e o ensino de língua materna, acesse o artigo indicado a seguir.

BECHARA, Evanildo. A linguística, a gramática escolar e o ensino da língua portuguesa. **Idioma**. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, ano XVII, p. 37-42 de 1998. Disponível em: <http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/20/idioma20_a05.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2017.

Sem medo de errar

Para que Sofia consiga explicar, em sua apresentação a seus colegas de especialização, o que acontece com os significados de *carneiro*, *sheep/mutton* e *mouton* em português, inglês e francês, respectivamente, ela deve focar sua explicação na questão do valor linguístico.

Vamos tentar esquematizar os pontos importantes da pequena apresentação de Sofia, utilizando como exemplo a dúvida levantada por um de seus alunos:

Introdução:

- As palavras do português e do francês têm a mesma significação que a do inglês *sheep*, porém não têm o mesmo valor.

- Motivo: no inglês, *sheep* tem o seu valor definido somente como o nome do animal justamente em oposição à existência da palavra *mutton*, que se refere à carne do animal servida à mesa, em inglês.

Consideração inicial:

- Só temos a palavra *carneiro*, em português, para dar conta desses dois sentidos. No entanto, ela não tem o mesmo valor de suas contrapartes do inglês.

Explicação de Saussure para o fenômeno:

- A língua é um “sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 2006, p. 133).

- Ideia de valor linguístico representada em esquema:



Fonte: adaptada de Saussure (2006, p. 133).

- Paradoxo da questão: por um lado, o conceito é a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, como representado acima. Mas, por outro lado, esse mesmo signo, ou seja, a mesma relação que une significado e significante é, da mesma forma, a contraparte de todos os outros signos da língua (SAUSSURE, 2006).

Considerações finais:

- Não podemos pensar num signo isoladamente; devemos, então, sempre pensá-lo em constante oposição a todos os outros signos da língua. No exemplo de Sofia, *carneiro*, em português, tem a mesma significação de *sheep* ou *mutton*, do inglês, e *mouton*, em francês. Porém, *carneiro* não tem o mesmo valor de *sheep* ou *mutton*, pois o **valor** de *sheep* (o animal carneiro), no inglês, é dado em oposição à existência de *mutton* (a carne do carneiro), oposição essa que não ocorre em português ou francês. Por esse motivo, diz-se que um signo é o que o outro não é.

Monitoria de Linguística

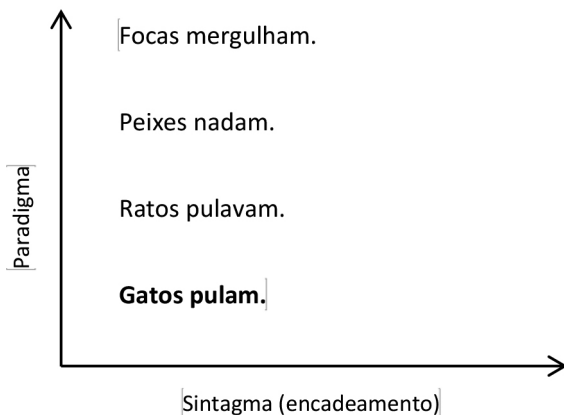
Descrição da situação-problema

Fernando é um aluno de mestrado em Linguística e também é monitor da disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos de sua faculdade. Durante uma viagem de seu professor orientador para um congresso em outro estado, foi combinado que Fernando o substituiria numa das aulas sobre Saussure e o *Curso de Linguística Geral* para a turma do primeiro ano de Letras. A aula em questão deveria explorar a dicotomia sintagma e paradigma. Desse modo, o orientador sugeriu que Fernando elaborasse um exemplo de sentença para ser aplicada num gráfico com os eixos sintagmático e paradigmático, explorando ambas as possibilidades de relações. A sentença que Fernando escolheu foi: "Gatos pulam". Colocando-se no lugar de Fernando, como você acha que poderia ser elaborado o gráfico para essa sentença?

Resolução da situação-problema

Para a resolução desta nova situação-problema, você deve retomar os conceitos de relações sintagmáticas e relações associativas (paradigmáticas) de Saussure. A primeira diz respeito à característica linear e ordenada da língua, ou seja, seria o motivo pelo qual importa a ordem dos elementos (sejam eles sons, palavras etc.), não podendo ocorrer ao mesmo tempo em que o outro, mas sempre o seguindo ou o antecedendo. Por outro lado, a relação associativa traz a ideia de substituição, de possibilidades, fora do encadeamento linear apresentado no sintagma.

Uma das infinitas possibilidades de elaboração do gráfico pedido poderia ser:



Podemos considerar, pela possibilidade de gráfico apresentada acima, que houve relação paradigmática, ou associativa, pelo radical da palavra (pulam-pulavam), pelo sufixo (pulam-nadam) e pela analogia de significados (gatos-ratos-peixes-focas, todos animais). Você concorda com essa análise? Consegue ver alguma outra relação?

Faça valer a pena

1. “Um excêntrico chamado Boguslawski anunciou, há pouco tempo, numa cidade da Rússia, a abertura de uma exposição de um novo gênero: eram 480 retratos fotográficos representando todos a mesma pessoa, ele, Boguslawski, exatamente na mesma pose. Durante vinte anos, com uma regularidade admirável, no primeiro e no décimo quinto dia de cada mês, esse homem devotado à ciência ia à casa de seu fotógrafo e, agora, ele podia fazer o público aproveitar o fruto acumulado de seus esforços. Eu não preciso lhes dizer que, nesta exposição, tomando-se duas fotografias contíguas quaisquer, tinha-se o mesmo Boguslawski, mas que, tomando-se a nº 480 e a nº 1, tinha-se dois Boguslawski.” (SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 137)

O trecho acima, retirado de *Escritos de Linguística Geral*, serve para Saussure fazer uma analogia entre a exposição fotográfica de Boguslawski e uma característica do signo linguístico que, consequentemente, também é uma característica da língua. Analise o excerto e responda: qual seria essa característica?

- a) Coletividade.
- b) Linearidade.
- c) Arbitrariedade.
- d) Imutabilidade.
- e) Mutabilidade.

2. “A _____ desta relação [entre significante e significado] permite que todas as línguas naturais baseiem a sua construção em poucos elementos fônicos (que costumam oscilar entre vinte e quarenta) que, nas suas múltiplas combinações possíveis em cada sistema, permitem a construção de todas as mensagens de uma língua.” (Adaptado de BLECUA, José Manuel. **Revolução na Linguística**. Tradução de: F. P. Marques. Rio de Janeiro: Salvat, 1979, p. 69. (Biblioteca Salvat de Grandes Temas))

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna.

- a) Arbitrariedade.
- b) Linearidade.
- c) Mutabilidade.
- d) Imutabilidade.
- e) Coletividade.

3. “[...] a tirania da língua _____, essa espécie de camisa-de-força que é o francês oficial, tem, certamente, o efeito de travar a sua marcha, mas é incapaz de detê-la completamente e, muitas vezes, nem desconfiamos da distância que já percorreu a língua verdadeira.” (SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 138.)

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna:

- a) Falada.
- b) Escrita.
- c) Popular.
- d) Artificial.
- e) Natural.

Seção 2.2

Níveis de análise linguística

Diálogo aberto

Você já se perguntou por que algumas palavras são pronunciadas de diferentes formas dependendo da região? Ou como nossa língua seria organizada, dividida em palavras ou outras unidades, se o que ouvimos é um **fluxo contínuo** da fala? Aliás, seria por isso que, de início, quando vamos aprender uma língua estrangeira, não sabemos distinguir onde começa e onde termina uma palavra ao ouvirmos uma frase? Com base na reflexão derivada dessas questões e de outras possíveis que você tenha, continuaremos nosso percurso de introdução aos estudos linguísticos nesta seção, vendo, agora, outras teorias que derivaram da obra de Ferdinand de Saussure para a Linguística, estudadas na seção anterior. Desta vez, o tema da seção é: Níveis de análise linguística. Para introduzirmos a nova situação-problema, vamos retomar o contexto de aprendizagem desta unidade?

Na Seção 2.1, conhecemos Sofia, uma professora de inglês que decidiu se matricular num curso de especialização em Linguística para professores. Ela o fez a fim de ter uma base melhor para responder às dúvidas de sua nova turma de alunos de inglês, que são muito curiosos. Sabemos que Sofia já realizou, numa de suas disciplinas da especialização, uma apresentação para seus colegas sobre o conceito saussuriano de valor linguístico, utilizando a dúvida de um de seus alunos como exemplo. Agora, a professora de inglês tem outro desafio.

Em outra disciplina de seu curso de especialização, Sofia começou a estudar alguns conceitos básicos de fonética e fonologia, como fonemas e traços distintivos. A prova final dessa disciplina é realizada com consulta ao material de apoio, como a tabela fonética internacional, por exemplo. Nessa prova, uma das questões consiste em escolher uma palavra qualquer para explicar a noção de que traços distintivos produzem fonemas diferentes. Com isso, nossa

personagem lembrou-se do questionamento de uma de suas alunas, Susana, num dia em que discutiam os diferentes sons da língua. Na ocasião, Susana perguntou à Sofia como é possível seu nome ser escrito duas vezes com a letra S e, numa delas, o som parecer o de S e, na outra, parecer o de Z.

Com base nesse questionamento, Sofia elaborou a resposta à questão de sua prova, mobilizando os conceitos de fonema e da segmentação em traços distintivos, ao usar o nome de Susana como exemplo. Vamos ajudar Sofia a elaborar a resposta para essa questão? Para conseguir representar os símbolos fonéticos necessários para a resolução da questão de Sofia, confira o alfabeto internacional de fonética apresentado em português em Cristófar-Silva (2007, p. 41), ou o *International Phonetic Alphabet* em inglês (disponível em: <<http://www.ipachart.com/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.) com tabelas interativas (com áudio).

Agora que temos uma missão a cumprir, vamos começar nossos estudos sobre os níveis de análise linguística e a dupla articulação da linguagem?

Não pode faltar

Níveis de análise linguística

Como vimos anteriormente, Ferdinand de Saussure deixou um importante legado para os estudos linguísticos a partir do século XX com a publicação, em 1916, do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006), propondo sua visão do que deveria ser o estudo científico da linguagem humana. Desde então, sua obra foi cada vez mais discutida, sendo, até hoje, alvo de estudo, além de base para muitas teorias.

Desde a publicação dessa obra, os estudiosos da linguagem se propuseram a discutir suas ideias. Como, no entanto, continuar essa discussão se seu autor já havia falecido? Tornou-se um desafio, então, para os linguistas da época, interpretar suas ideias e extrapolá-las para **análises linguísticas**. Com base nos conhecimentos já adquiridos nesta unidade, continuaremos nosso percurso de estudos sobre a consolidação da Linguística como uma ciência da linguagem.

Quando falamos sobre níveis de análise linguística, um dos principais nomes no assunto é André Martinet (1908-1999), linguista francês que, assim como Saussure, ressaltava a importância do estudo científico da linguagem. Em *Elementos de Linguística Geral* (1971), ele também diferenciou o estudo baseado na observação dos fatos da língua daquele que poderia ser um estudo meramente prescritivo, focado na determinação de comportamentos e do que é certo ou errado no uso da língua. Indo ao encontro da tendência cientificista da época, o autor opta pelo caráter científico da Linguística porque assim ele “se abstém de propor qualquer escolha entre tais fatos, em nome de certos princípios estéticos ou morais” (MARTINET, 1971, p. 3). Nesse sentido, o linguista francês acreditava ser necessário observar de modo imparcial o que realmente era dito, produzido na comunicação, o que poderia gerar uma dificuldade, pois, por ser uma ciência humana, a Linguística tenderia a ditar comportamentos linguísticos ideais, ou seja, prescrever uma forma correta de falar.

Ainda de acordo com Martinet (1971), a comunicação seria a função essencial da língua, uma vez que os falantes a utilizam para se relacionar uns com os outros. Essa necessidade de compreensão mútua seria a responsável por preservar determinado estágio das línguas, porém, isso não significa que elas sejam imutáveis, pois, segundo o linguista, podem ocorrer modificações através do tempo, as quais serviriam como adaptação “da maneira mais econômica à satisfação das necessidades comunicativas dos grupos que as falam.” (MARTINET, 1971, p. 6)

A partir dessas questões, ele introduz a teoria de **dupla articulação da linguagem**, sendo esta uma característica comum a todas as línguas do mundo. O conceito de articulação aqui nos remete à ideia de “formado por partes menores”. Para entender melhor, pense nas articulações do seu corpo, formadas pelos seus ossos, suas cartilagens etc. Dessa forma, entendemos que o corpo humano é formado por várias partes menores, relacionadas entre si, garantindo o bom funcionamento do corpo como um todo. Assim, podemos identificar a linguagem humana, formada por partes menores, articuladas. Essa ideia, por sua vez, está diretamente ligada à noção de economia na língua, que exploraremos ao longo desta seção.



Devemos observar que Martinet parece tratar língua e linguagem como sinônimos em alguns momentos, ainda que, assim como Saussure, caracterize a linguagem como uma faculdade humana. O autor francês até destaca que “a linguagem que o linguista estuda é a do homem [...]”. Na fala corrente, ‘linguagem’ designa propriamente a faculdade de que os homens dispõem para se compreenderem por meio de signos vocais” (MARTINET, 1971, p. 4). Com isso, podemos entender que há diferentes modos de tratar essa questão em Linguística; além disso, repare que, em algumas línguas, como o inglês, há somente uma palavra (*language*) para se referir aos dois sentidos em português (*língua ou linguagem*), o que torna esse mais um desafio para as traduções de algumas obras estrangeiras da área da Linguística.

Separar um conjunto em suas partes menores significa depreender da característica articulada da linguagem a ideia de **decomposição**, a partir da qual podemos extrapolar a análise linguística para partes cada vez menores. Inicialmente, vamos apresentar o “caminho” dessa decomposição, deixando para aprofundar os conceitos e, definições da teoria de Martinet, junto às contribuições de outros autores que o seguiram, ao longo da seção.

Trabalhando com a ideia de decomposição, podemos pensar a constituição da língua como resultado de uma sucessão de enunciados que, por sua vez, seriam compostos por unidades que têm, além de uma forma vocal, um sentido cada uma (MARTINET, 1971). Martinet chama essas unidades de signos ou **monemas**, uma distinção a ser feita quando falarmos sobre a primeira articulação da linguagem, a seguir. A maioria dos autores, como Benveniste (1976), chama essas unidades somente de signos. O signo, por sua vez, seria formado por **fonemas** – unidades mínimas do sistema fonológico de uma língua. Para Jakobson (2003) e outros autores, a partir de meados do século XX, cada fonema também seria divisível, sendo formado por uma combinação de traços **distintivos**.



Fonema: “1. Qualquer som elementar (vogal ou consoante) da linguagem articulada. 2. [Linguística] Unidade mínima do sistema fonológico de uma língua.” (FONEMA, 2008-2013)

A primeira articulação da linguagem

Como você viu anteriormente, para Martinet (1971), a linguagem se caracteriza por ter uma dupla articulação. A primeira articulação da linguagem, de acordo com o autor, ocorre quando os falantes organizam as experiências em uma série de unidades que, inicialmente, o autor definiu como tendo um sentido e uma forma vocal. Ainda segundo Martinet (1971), comunicamo-nos dentro dos limites da experiência comum a todos os membros de determinada comunidade linguística, sendo a primeira articulação o modo por que se ordena tal experiência, dado que a disposição inesperada dessas unidades é o modo por que se manifesta a originalidade do pensamento – do indivíduo (MARTINET, 1971, p. 11).



Refleta

Você consegue encontrar alguma diferença entre a definição inicial de Martinet para as unidades de primeira articulação e a definição saussuriana de signo linguístico? Se tiver dúvidas, volte à seção anterior para retomar esses conceitos, explorando a definição de significante.

O autor se refere à unidade da primeira articulação como uma unidade dotada de um significante e um significado. Ora, já sabemos que essa é a descrição dos signos linguísticos, que podem ser combinados de diversas formas para a formação de infinitos enunciados. Portanto, assumimos que as unidades da primeira articulação são os **signos**.

Segundo Martinet, tanto o próprio enunciado quanto suas partes seriam signos linguísticos ao caberem na definição de signo, sendo dotados, cada um, de um significante e um significado. Porém, o autor

francês parece ser o único que faz a distinção entre signos e signos mínimos, sendo estes os que não podem ser divididos em signos menores (ao contrário de um enunciado, que poderia ser dividido em signos menores, por exemplo, como vimos ser o caso da primeira articulação da linguagem). Como o autor sentiu a necessidade de fazer tal distinção e argumentou que não havia ainda um nome para essa unidade, de signos mínimos, decidiu chamá-la de **monema**. Para se lembrar desse termo, pense na ideia de “unicidade” que o afixo **mono** significa, como em **monóxido** (que seria o termo da Química para nos referirmos ao óxido com apenas um átomo de oxigênio por molécula). Dessa forma, alguns autores vão se referir aos signos como as unidades mínimas da primeira articulação, enquanto Martinet (1971) prefere chamar essas unidades de monemas, que seriam constituídas de um significante (forma vocal) e um significado (sentido).

A segunda articulação da linguagem

Para Martinet (1971), o que ele chama de forma vocal (das unidades da primeira articulação) pode ser analisada numa sucessão de unidades menores, com a função de distinguir um monema de outro, como *escola* de *escala*, por exemplo. Essa possibilidade de decomposição corresponde à segunda articulação da linguagem. No caso do monema escola, há seis unidades da segunda articulação, que podemos representar por e, s, k, ɔ, l, a, e que, por convenção fonológica, representamos entre barras oblíquas: /es'kola/ (na transcrição fonética ou na fonológica, o sinal ['] indica o início da sílaba que tem o acento primário da palavra). Não se preocupe se não conhecer todos os símbolos fonéticos apresentados nesta seção; tentaremos utilizá-los somente quando estritamente necessário, de modo a apresentar as distinções importantes na forma fonológica em questão.



Pesquise mais

Se você tiver interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre fonética e fonologia, recomendamos o estudo do seguinte livro:

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007. 275 p.

De acordo com Martinet (1971), uma das vantagens da segunda articulação é tornar a forma do significante independente do valor de seu significado correspondente, o que asseguraria uma estabilidade maior à forma linguística. Isso é dizer que, para Martinet (1971, p. 15), a segunda articulação liga cada componente do significado (de cada um dos fonemas /m/, /a/, /l/ de mal, por exemplo) não ao sentido do significado correspondente total (o monema “mal”), mas aos componentes de outros significantes da língua (na relação de oposição ao /m/ de mar, ao /a/ de gato etc., respectivamente). Podemos pensar, então, que os fonemas se distinguem uns em relação aos outros, dentro do que seria o sistema da língua, para Saussure. E é todo o conjunto de fonemas em /mal/, por exemplo, que estará ligado ao conceito de “mal”, sendo que cada fonema (/m/, /a/, /l/), por si mesmo, não tem qualquer ligação com o conceito de “mal”. Por exemplo, /m/ não está ligado ao conceito de “negativo” ou “dano” ou “prejuízo” ou qualquer outro sentido que mal possa ter. Retomaremos essa questão quando estudarmos o nível sintático-semântico de análise, ainda nesta seção (usando o exemplo do enunciado **Tenho uma dor de cabeça**). Essa proposta, de tornar a forma do significante independente do valor de seu significado correspondente, está alinhada com a ideia de Saussure sobre a arbitrariedade da língua.

Podemos dizer que a segunda articulação é econômica porque são necessárias somente algumas dezenas dessas unidades para obter a forma vocal das unidades da primeira articulação (os signos mínimos, ou monemas), que estão presentes em grande quantidade nas línguas. Martinet (1971) chama essas unidades da segunda articulação, que compõem o significante do monema, de **fonemas**.



Assimile

Para Martinet, todas as línguas do mundo se manifestam através de uma forma linear de enunciados, derivada do caráter vocal da linguagem. Aqui, podemos retomar a ideia de **linearidade do significante** de que falava Saussure, conforme estudamos na seção anterior. Com isso, a ideia de sucessão de monemas e fonemas é relevante, pois a sua ordem e a sua seleção definem o signo: murro /'muRu/ tem os mesmos fonemas que **rumo** /'Rumu/, mas são signos distintos, em razão da ordem com que se encadeiam os fonemas (MARTINET, 1971, p. 13-14).

Nível fonológico

Com relação ao nível fonológico da análise linguística, podemos ver a contribuição significativa de alguns linguistas, como o russo Roman Jakobson, ao interpretar os fonemas como constituídos por um conjunto específico de propriedades (CRISTÓFARO-SILVA, 2007). Repare aqui que isso significa dizer que o fonema não é mais considerado uma unidade mínima de análise da língua, como o seria para Martinet, no caso da segunda articulação da linguagem. Agora já podemos ver o fonema como constituído por unidades menores, os **traços distintivos**. Para ilustrar melhor essa característica intrínseca do fonema, vamos reproduzir aqui um trecho do comentário de Jakobson sobre uma passagem do livro *Alice no País das Maravilhas*:

“Você disse porco ou porto?” perguntou o Gato. ‘Eu disse porco’, respondeu Alice. Dentro deste enunciado específico, o destinatário felino se esforça por captar uma escolha linguística feita pelo remetente. No código comum do Gato e de Alice, em português corrente, a diferença entre uma oclusiva velar e uma oclusiva dental, mesmo se todo o restante for igual, pode modificar a significação da mensagem. (JAKOBSON, 2003, p. 37-38)

Segundo Jakobson (2003), Alice escolhe usar o traço distintivo velar/dental e opta pelo primeiro, produzindo **porco** e não **porto**, traço esse que diferencia esses dois signos na língua portuguesa. O autor ressalta que, no mesmo enunciado, Alice também acaba optando, por força da própria língua, por outros traços simultâneos, pois /k/ é não vozeado, opondo-se a /g/ que é vozeado, por exemplo. Essas nomenclaturas fonéticas que vemos aqui se referem aos **traços distintivos dos fonemas**: no caso de velar/dental, referem-se ao seu ponto de articulação, da língua na boca (no véu palatino ou atrás dos dentes, respectivamente). Os traços vozeado/não vozeado (que alguns autores chamam de sonoro/surdo), por sua vez, referem-se à presença ou à ausência de vibração na região das cordas vocais, respectivamente, em sua produção. Com isso, um mesmo fonema tem vários traços que o distinguem de outros fonemas, numa relação de oposição. Note que aqui continuamos com a noção de **oposição**

que pregava Saussure, mas, agora, utilizando-a na definição do próprio fonema.

O mesmo ocorre com os fonemas: /p/, /o/, /r/, utilizados na escolha de Alice ao dizer porco. Com isso, o autor considera: “Pode-se dizer que a concorrência de entidades simultâneas e a concatenação de entidades sucessivas são os dois modos segundo os quais nós, que falamos, combinamos os constituintes linguísticos” (JAKOBSON, 2003, p. 38).

Nível morfológico

Ao tratarmos o nível morfológico de análise, podemos pensar a relação da formação de palavras na língua. Aqui, nesta subseção, veremos a relação entre morfemas e signos ou monemas. Segundo Martinet (1971), não podemos dizer que o monema equivale à palavra. Por exemplo, na palavra comemos, haveria três monemas: com- / kom/, designando certo tipo de ação; -e- /e/, designando o modo verbal; e -mos /,mos/ indicando que a ação é praticada pelo locutor e mais alguém. Então, o autor faz a seguinte distinção: denomina **lexemas** os monemas que se situam no léxico (e não na gramática) e **morfemas** os monemas como -e ou -emos, que se situam na gramática.

Como apresentado no início desta seção, retomamos, aqui, o conceito de **economia**, que justifica a dupla articulação da linguagem. Como exemplo, podemos citar Martelotta (2011) ao falar sobre a formação de feminino por heteronímia no português (como em homem/mulher, boi/vaca etc.), que, ao contrário de substantivos biformes (como menino/menina ou gato/gata), apresentam vocábulos diferentes para designar o masculino e o feminino da espécie. Podemos facilmente notar que casos de heteronímia, como esses, são raros na língua, pois, de acordo com o autor, é um processo pouco prático, dado que a dupla articulação permite que se transmita mais informação com menos esforço.



Reflita

Você consegue imaginar de quanta memória um falante precisaria se, por exemplo, a regra de formação de feminino na língua fosse

majoritariamente por heteronímia? Reflita: exigiria mais da sua memória guardar pares do tipo menino/menina ou pares como homem/mulher?

Temos, também, outra definição de morfema em Martelotta (2011), que atribui ao fonema a função distintiva, pois a troca de um por outro acarretaria mudança de sentido da palavra. Por exemplo, no par tocavam/tomavam, existe a troca de /k/ por /m/, mas /k/ não é um morfema porque não indica informação alguma sobre sentido ou estrutura gramatical da palavra **tocavam**. Então, para esse autor, morfemas seriam elementos significativos que dão informação sobre a estrutura semântica ou gramatical dos vocábulos.

Nível sintático-semântico

Na análise linguística, também deve ser considerado o nível sintático-semântico, com relação às unidades de primeira articulação. Martinet (1971, p. 14) cita como exemplo os enunciados “O caçador matou o leão” e “O leão matou o caçador”, destacando que, apesar de apresentarem as mesmas unidades, seus sentidos não são os mesmos por conta da ordem de seus signos. Por outro lado, ele aponta que, no caso de enunciados como “Ele virá amanhã” e “Amanhã ele virá”, “não é raro poder-se deslocar um signo dum ponto para outro do enunciado sem que daí resulte apreciável modificação de sentido” (MARTINET, 1971, p. 14). Então, podemos concluir que a alteração da ordem dos signos num enunciado nem sempre altera seu sentido como ocorreria com a alteração da ordem de fonemas dentro de um signo, que o transformaria num signo diferente.

Outro ponto para o qual Martinet (1971) chama atenção é o fato de que, apesar de todas as línguas terem dupla articulação, elas não articulam enunciados e significantes da mesma maneira. Como exemplo, em português, diríamos “Tenho uma dor de cabeça”, ao passo que em francês se diria “J’ai mal à la tête”; e, em espanhol, “Me duele la cabeza”. Veja, a seguir, um esquema (Quadro 2.1) que apresenta algumas das diferenças entre as análises dessas línguas proposta por Martinet (1971):

Quadro 2.1 | Exemplos de diferentes articulações das línguas

Língua	Enunciado	Sujeito do enunciado	Expressão da dor
Português	Tenho uma dor de cabeça.	Locutor	Nominal
Francês	J'ai mal à la tête.	Locutor	Nominal
Espanhol	Me duele la cabeza.	É a cabeça que sofre a dor	Verbal

Fonte: adaptado de Martinet (1971, p. 15).

Dessa forma, em português, assim como em francês, o sujeito do enunciado é o locutor (em *tenho* e *j'ai*, respectivamente), assim como a expressão da dor é nominal em ambas as línguas nesses exemplos (*uma dor* e *mal*, respectivamente). Já no espanhol, é a cabeça que sofre a dor, e a expressão da dor é verbal (*me duele*). O autor ainda ressalta que, em cada uma dessas línguas, podemos ter outros enunciados com o mesmo sentido (“Dói-me a cabeça”, em português, ou “La tête me fait mal”, em francês), mas, em determinada situação, como nos casos do Quadro 2.1, essas três línguas podem recorrer a análises diferentes para expressar a mesma coisa.



Exemplificando

Um enunciado como **Tenho uma dor de cabeça** é composto de unidades sucessivas que, individualmente (*tenho*, *dor*, *cabeça*, *de*, *uma*), não correspondem ao que há de específico na minha dor. Além disso, essas unidades podem ocorrer em inúmeros outros tipos de contextos para, conjuntamente, revelar outro sentido. O autor dá os seguintes exemplos: “*tenho* em, por exemplo, *tenho muitos livros*, *dor* em *dor de cotovelo*, *cabeça* em *cabeça de prego*.” (MARTINET, 1971, p. 11)

A respeito do nível sintático-semântico, Jakobson (2003) expõe dois modos de arranjo de todo signo linguístico, que chama de “duas faces da mesma operação”: a **combinação**, em que o signo aparece em combinação a outros ou é composto de outros signos; e a **seleção**, que seria a possibilidade de um signo substituir outro.

Com isso, podemos traçar um paralelo com a dicotomia saussuriana de sintagma e paradigma, respectivamente: você deve se lembrar que, para Saussure (2006), temos o sintagma como a relação de encadeamento que os termos estabelecem entre si, no discurso. Tal encadeamento, por ser linear, excluiria a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Essa noção de linearidade também estaria presente na natureza do significante do signo linguístico. Para Saussure (2006, p. 84), “os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia”. Com isso, o autor genebrino ressalta o fato de que não haveria dois elementos ocorrendo simultaneamente na língua, do ponto de vista do significante.

No entanto, ao pregar o caráter linear do significante, impossibilitando a pronúncia de duas coisas ao mesmo tempo, Saussure (2006) não conseguiria explicar a seleção e a concorrência do fonema que apresenta mais de um traço distintivo concomitantemente, como vimos no exemplo do comentário de Jakobson sobre um trecho de *Alice no País das Maravilhas*. Isso ocorre porque, atualmente, passamos a considerar que um fonema é, simultaneamente, formado por mais de um traço distintivo (CRISTÓFARO-SILVA, 2007). Portanto, em termos de análises linguísticas, haveria mais de um elemento ocorrendo ao mesmo tempo na cadeia da fala.

Algumas considerações

Jakobson (2003) menciona uma “**escala ascendente de liberdade individual**” para descrever os níveis de análise linguística, na dupla articulação da linguagem, segundo a liberdade individual do falante. Ou seja, para combinar traços distintivos em fonemas, a liberdade do falante é nula, pois “o código já estabeleceu todas as possibilidades que podem ser utilizadas na língua em questão” – aqui, podemos imaginar o tal “código” como as regras da própria língua. Enfim, tal liberdade vai crescendo gradativamente para a formação dos signos e, eventualmente, a formação dos enunciados. E é aí, na formação de enunciados, que “[...] cessa a ação das regras coercivas da sintaxe, e a liberdade de qualquer indivíduo para criar novos contextos cresce substancialmente, embora não se deva subestimar o número de enunciados estereotipados.” (JAKOBSON, 2003, p. 39)

Martinet (1971) resume essa mesma escala ao comparar o inventário de fonemas de uma língua a uma lista fechada e os monemas de cada língua a uma lista aberta (com quantidade indeterminada, em que se criam novas designações dependendo da necessidade da língua). Ele também afirma que o número de enunciados em cada língua é infinito, sendo ilimitados os números de monemas sucessivos que um enunciado pode comportar.

Já uma das questões à margem da dupla articulação, levantada por Martinet (1971), seria a curva melódica da interrogação em francês (e em português) como um signo de significado “interrogação” e significante constituído pela mudança na altura voz (uma “subida”). De acordo com o linguista francês, ela não respeita a segunda articulação, pois não ocupa posição particular no enunciado (sobrepondo-se às unidades das duas articulações) e nem se deixa analisar numa sucessão de fonemas. Assim, tais fatos linguísticos que não respeitam a articulação em fonemas são chamados **suprasegmentais** (MARTINET, 1971, p. 19), formando o que chamamos de prosódia, que é distinta da fonologia, sendo a última a que trata das unidades da segunda articulação.

Finalmente, concluímos esta seção com uma reflexão de Martinet (1971, p. 17-18) sobre a língua, com o objetivo de sintetizar a ideia da decomposição na dupla articulação da linguagem:



Uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica – os monemas; esta expressão fônica articula-se por sua vez em unidades distintivas e sucessivas – os fonemas –, de número fixo em cada língua e cuja natureza e relações mútuas também diferem de língua para língua.



Pesquise mais

Caso tenha curiosidade de ver uma análise fonológica em que o autor realiza operações de segmentação e de substituição numa cadeia

de unidades mais extensa do que uma palavra, sugere-se a leitura do Capítulo 10, do livro *Problemas de Linguística Geral*, de Benveniste. Nas primeiras páginas, o autor apresenta a análise da cadeia *leaving things* [...], do inglês.

BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística. In: _____. **Problemas de Linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Néri. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. USP, 1976. Cap. 10, p. 127-140.

Sem medo de errar

Após consultar a tabela fonética internacional e analisar o nome Susana, a fim de dar um exemplo de fonemas e traços distintivos utilizando uma palavra, Sofia começou a elaborar sua resposta para a prova. Vamos apresentar, a seguir, os principais pontos que devem ser abordados por Sofia em sua resolução:

Palavra a ser analisada:

- Susana (nome próprio).

Objetivo:

- Explicar que a mesma letra S na grafia do nome em questão, na realidade, representa dois segmentos diferentes na articulação: /s/ e /z/.

Breve análise:

- Traços mobilizados: [fricativo], [alveolar], [vozeado].

- Tanto /s/ quanto /z/ são **fricativas alveolares**: a articulação delas ocorre no mesmo ponto do aparelho fonador, com parte da língua na região bucal chamada alvéolo e de modo fricativo (ocorrendo fricção na região articulada) (CRISTÓFARO-SILVA, 2007).

- A distinção entre esses segmentos é: /z/ é [+vozeado], enquanto /s/ é [-vozeado], com referência à característica de presença ou ausência de vibração na região das pregas vocais no momento de

sua articulação (CRISTÓFARO-SILVA, 2007).

Considerações:

- O **traço distintivo** entre esses dois segmentos é o traço [vozeado].
- Apesar de termos analisado um nome próprio, o mesmo processo ocorre em nomes comuns do português, como no nome da planta cujas fibras são muito usadas como cordas, o sisal. Tal fenômeno não é uma coincidência; repare que, em ambos os casos (Susana e sisal), o que representamos na grafia com um S na posição intervocálica é articulado, foneticamente, como [z].
- Representação gráfica da palavra analisada: Susana.
- Representação fonológica da palavra analisada: /su'zana/.

Faça valer a pena

1. “Falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade”. (JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In:_____. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 37).

Qual das alternativas a seguir apresenta a ordem de decomposição das unidades da primeira e da segunda articulações da linguagem, respectivamente?

- a) Signo – traços distintivos – fonema – enunciado.
- b) Enunciado – fonema – traços distintivos – signo.
- c) Signo – fonema – enunciado – traços distintivos.
- d) Traços distintivos – fonema – enunciado – signo.
- e) Enunciado – signo – fonema – traços distintivos.

2. Sobre o procedimento da análise linguística, Benveniste (1976) afirma ser necessário segmentar o texto considerado “em porções cada vez mais reduzidas até os elementos não decomponíveis. Paralelamente, identificam-se esses elementos por meio das substituições que admitem”. (BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e

Luiza Néri. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. USP, 1976, p. 128).

Com base no excerto anterior, podemos traçar um paralelo entre essas substituições citadas por Benveniste e um conceito apresentado por Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*, de 1916. Que conceito é esse?

- a) Paradigma.
- b) Sintagma.
- c) Linearidade.
- d) Sincronia.
- e) Diacronia.

3. “Para compreendermos melhor o que de econômico há nesta primeira articulação, bastará supor o que seria um sistema de comunicação em que a cada situação, a cada dado da experiência, correspondesse um grito próprio [...]”. (MARTINET, André. A Linguística, a Linguagem e a Língua. In:_____. **Elementos de Linguística Geral**. Tradução de Jorge Morais-Barbosa. 3. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1971. Cap. 1, p. 11.)

Segundo Martinet, por que seria um problema um sistema de comunicação constituído por um grito próprio para cada situação, em vez de ser duplamente articulado, como todas as línguas humanas são?

- a) Porque o ser humano não conseguiria ouvir o outro em meio a tantos gritos, como ele consegue atualmente sem os gritos, com a dupla articulação.
- b) Porque as línguas refletem o comportamento humano de nomear as pessoas com nomes repetidos, diferenciando-os por um complemento, como o sobrenome.
- c) Porque exigiria muito mais da nossa memória do que seria possível, pois as situações e os dados de experiência são praticamente infinitos.
- d) Porque, se houvesse um grito próprio para cada situação, as situações semelhantes não teriam mais, necessariamente, uma proximidade linguística.
- e) Porque um sistema com um grito para cada situação exige muita criatividade de cada ser humano para criar novos gritos diferentes.

Seção 2.3

Estruturalismo

Diálogo aberto

Estamos chegando ao final de mais uma unidade de estudo. Nesta unidade, começamos trabalhando com a apresentação de Saussure e dos principais conceitos propostos por ele no *Curso de Linguística Geral*, obra fundadora da Linguística moderna. Em seguida, apresentamos uma teoria importante que propiciou o surgimento de outra vertente de estudos na Linguística, a teoria da dupla articulação da linguagem. Para finalizar esse percurso, vamos introduzir, nesta seção, o Estruturalismo, enquanto uma vertente de estudos em mais de uma corrente teórica. Para trabalhar com esses novos conceitos, retomamos o nosso contexto de aprendizagem a seguir.

Você deve se lembrar de Sofia, nossa personagem do contexto de aprendizado desta unidade. Ela é uma professora de inglês com alunos muito curiosos, que a motivaram a se matricular num curso de especialização em Linguística para professores, o qual, por sua vez, vai ajudá-la a conseguir responder as dúvidas de seus alunos. Sofia chega ao final do semestre de seu curso, assim como chegamos ao final desta unidade. Para o trabalho final de uma de suas disciplinas, o professor de Sofia pediu que os alunos desenvolvessem uma atividade escolar utilizando algum conceito das teorias estruturalistas, Substituir por as quais tiveram grande contribuição na forma como ainda hoje podemos ver o ensino e as gramáticas escolares. Como tema de sua atividade escolar, Sofia pensou em trabalhar a ideia de par mínimo e a distinção entre palavras quase idênticas, pois pensou que, posteriormente, poderia aplicar esse conhecimento nas explicações a seus alunos de inglês.

Que tal ajudar Sofia a elaborar essa proposta? Para isso, você precisará pensar nos conceitos de fonema e traço distintivo, assim como na diferença entre as distinções que efetivamente têm uma função na língua e as que são apenas articulatórias. Vamos dar início aos estudos da teoria desta seção, que aborda esses e muitos outros conceitos igualmente importantes?

Não pode faltar

Estruturalismo de Saussure

Dedicamos grande parte de nosso percurso de estudos, até o momento, à obra de Ferdinand de Saussure (2006), razão pela qual, não à toa, ainda podemos ver sua influência direta nas teorias que seguiram a publicação do *Curso de Linguística Geral*, datado de 1916. Um exemplo de teoria influenciada pelos estudos de Saussure é o Estruturalismo em Linguística – nessa corrente teórica, o que o filósofo genebrino chamou de sistema, como estudamos, foi adaptado para o termo **estrutura**, com a ideia de analisar, em detalhes, como o sistema da língua se estrutura (COSTA, 2011).

No entanto, não foi só na Linguística que se desenvolveram as teorias estruturalistas: o princípio de **estrutura** foi propagado para além das disciplinas da linguagem, transpondo-se para outras ciências humanas, como afirma Benveniste (1976, p. 47): “Não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como ‘língua’”. É da seguinte forma que podemos entender a ligação entre o sistema de Saussure e a nova significação para o termo **estrutura**:

O estruturalismo, portanto, compreende que a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema. (COSTA, 2011, p. 114)



Pesquise mais

Se quiser conhecer um pouco mais a influência do Estruturalismo em outras disciplinas de humanidades, leia a matéria a seguir:

SALATIEL, José Renato. Estruturalismo: quais as origens desse método de análise? **UOL**, 11 ago. 2008. Educação. Disponível em: <<https://goo.gl/KZNjmc>>. Acesso em: 8 jan. 2017.

Historicamente, podemos afirmar, segundo Ducrot (1970), que os primeiros gramáticos já “desmontavam” o instrumento linguístico para utilizá-lo melhor, sob a percepção de que cada língua tinha uma **organização**. A noção de que a língua é estruturada seria, então, uma noção comum: nas gramáticas mais tradicionais, entendia-se que o conjunto de palavras poderia ser suscetível de uma classificação motivada. Um exemplo célebre de classificação de unidades em categorias é a divisão das palavras em partes do discurso (verbos, substantivos, artigos etc.). Por sua vez, o Estruturalismo em si, enquanto uma corrente teórica, tem origem na década de 1920, com um grupo de linguistas europeus influenciados pela obra de Saussure, que se opunham diretamente à concepção exclusivamente histórica da língua que a dissociava em elementos isolados, concepção em evidência no século XIX (BENVENISTE, 1976).

Apesar de Saussure jamais ter empregado o termo **estrutura**, suas reflexões acerca da língua como um sistema foram o embrião para o Estruturalismo. Essa vertente do estudo da linguagem configurou um dos símbolos da tendência cientificista que contribuiu para consolidar a Linguística como uma ciência da linguagem, independente de outras disciplinas. Nesse percurso, a Linguística tornou-se cada vez mais formal, primando pelo **rigor científico** e pela noção de **pertinência**, ao designar como não linguísticos vários aspectos que foram foco da tradição gramatical do século XIX, como a história das línguas ou o pensamento, que deveria ser expresso pela linguagem. Os estudos desses elementos excluídos, então, deveriam fazer parte de outras disciplinas extralinguísticas, como a História ou a Filosofia.

Agora que já sabemos, sob a ótica do Estruturalismo, o que seria pertinente à Linguística, para compreender essa corrente teórica, devemos pensar na língua como uma construção estrutural, em que o sistema, tomado como o conjunto de relações entre seus elementos constitutivos, é mais importante do que seus próprios elementos tomados em si (ILARI, 2004). Dessa forma, o ponto de partida dos estruturalistas é tomar a língua como um **conjunto de elementos solidários e dependentes**, como os signos articulados, que se diferenciam e se delimitam mutuamente (BENVENISTE, 1976, p. 104). Essa ideia retoma a noção de valor do signo linguístico, que exploramos na Seção 2.1, sobre Ferdinand de Saussure e o *Curso de Linguística Geral*, além da dupla articulação da linguagem, da Seção

2.2. Resumidamente, podemos dizer que o signo linguístico tem o seu valor dado pelo seu lugar no sistema a que pertence, na relação com todos os outros signos do mesmo sistema.

Podemos observar a solidariedade e a dependência entre os elementos, dispostos em relações de oposição, por meio da noção de **equilíbrio do sistema**. Tal equilíbrio é afetado se um dos membros de uma oposição é atingido, pois o status do outro também é afetado, alterando o equilíbrio do sistema. Eventualmente, isso pode levar ao reequilíbrio do sistema, criando nova oposição em outro ponto (BENVENISTE, 1976).

Diante dessas características, temos como objetivo do Estruturalismo **depreender a estrutura das línguas**. A partir daí, passa a existir a convicção de que as línguas mal documentadas (por exemplo, ágrafas, ou seja, sem escrita) ou as variantes não padrão das línguas de cultura constituíam objeto de reflexão tão legítimo como as “grandes” línguas que os europeus vinham estudando havia séculos (ILARI, 2004). Dessa forma, os estruturalistas propõem estudar as línguas como se fossem desconhecidas, abandonando a tradição gramatical greco-latina e qualquer conhecimento prévio do linguista, passando a olhar para a história como uma **sucessão de sincronias**.

Essa visão da análise diacrônica como estruturas sucessivas, destacando a relação entre elas, pode solucionar o conflito de Saussure entre sincronia e diacronia, quando o autor genebrino acreditava que o estudo diacrônico só lidaria com formas isoladas (BENVENISTE, 1976; ILARI, 2004). Para Saussure, as línguas evoluíam através de alterações estritamente locais, retomando a tese do século XIX de que as mudanças linguísticas são sempre pontuais. Em contrapartida, para o Estruturalismo, o que evolui na língua não são elementos isolados, e sim as estruturas da língua (ILARI, 2004).

Outro viés da abordagem estruturalista seria ver a língua como **forma** (no sentido de estrutura), em oposição a vê-la como **substância** (a matéria a partir da qual ela se manifesta). Por exemplo, para Costa (2011), o sistema fonológico de uma língua poderia ser expresso a partir de sensações visuais (como o movimento dos lábios), modo pelo qual pessoas surdas de nascença aprendem o sistema de determinada língua sem nunca ter ouvido seus sons. Porém, o

Estruturalismo reconheceria a importância da análise da substância, na forma de manifestação material, para a formulação de hipóteses sobre o sistema (a língua) ao qual se relaciona, pois é justamente a matéria que permite a delimitação da língua como objeto de investigação científica. Resulta dessa abordagem o fato de que **“a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma.”** (COSTA, 2011, p. 115)

Para Ducrot (1970), duas tarefas são importantes no trabalho de descrição da língua, desde Saussure, ao se reconhecer os elementos em relação na fala: poder segmentar discurso em componentes sucessivos e simultâneos e poder encontrar o mesmo componente em ocorrências e contextos diferentes. É dessa forma que vemos a dicotomia saussuriana sintagma/paradigma sendo tratada no Estruturalismo, pois devemos descrever os planos sintagmáticos e paradigmáticos com a finalidade de **formalizar a descrição**, tornando-a mais concreta. Como resultado, temos um número finito de unidades que, através de sua distribuição e combinação possíveis, caracterizam uma estrutura linguística (BENVENISTE, 1976).



Exemplificando

Como exemplo de análise sob a ótica estruturalista, temos os métodos dos fonólogos estruturalistas para distinguir as diferenças de pronúncia que são apenas físicas (articulatórias ou sonoras) daquelas que permitem significar uma diferença de função. Considere as diferentes pronúncias de /Rato/ como R vibrante ou alveolar e compare-as à diferença entre enfiar/enviar, em que o par /f/ e /v/ só se distingue pelo traço [+sonoro/-sonoro]. Dessa forma, vemos que um traço pode ter função linguística, como em enfiar/enviar, distinguindo dois signos diferentes, ou não, como em/Rato/, configurando um único signo. Assim, dizemos que enfiar/enviar é **um par mínimo**, distinto apenas por um fonema. Portanto, o teste do par mínimo aponta um contexto linguístico mínimo em que uma diferença de forma corresponda a uma diferença de função. Essa distinção ocorre numa língua, mas não necessariamente o mesmo par também será par mínimo noutra língua (ILARI, 2004, p. 59-60).

Podemos concluir, inicialmente, que o sistema gramatical de uma língua é completo. Não podemos, então, acrescentar um termo exterior (como um novo tempo verbal) ao sistema de uma língua sem modificar o valor e as regras de emprego dos outros termos, o que está relacionado ao equilíbrio da língua. Isso ocorre porque os termos estão relacionados entre si de forma solidária e dependente, e o valor do termo não se dá por ele em si, mas é produto dessa relação entre os termos. Ducrot (1970) afirma, ainda, que morfemas gramaticais têm maiores possibilidades de resistir à invasão das línguas vizinhas. Como exemplo de morfemas gramaticais com marcas que resistem ao tempo (e, possivelmente, à influência de outras línguas), podemos ver, em português, diferentes formas de pronomes pessoais (eu, me, mim, comigo etc.) que ainda apresentam marcações do que chamamos de caso na língua (eu com a função sintática de sujeito, derivado do caso nominativo do latim; me com a função sintática de objeto direto, derivado do caso acusativo etc.). Dessa forma, Costa (2011, p. 122) aponta que “adotando uma perspectiva estruturalista, podemos afirmar, então, que o que permite o funcionamento da língua é o sistema de valores constituído pelas associações, combinações e exclusões verificadas entre as unidades linguísticas”.

Estruturalismo norte-americano: Bloomfield

Agora que já vimos uma introdução sobre o Estruturalismo e suas origens na Europa, vamos focar em dois autores da filiação estruturalista norte-americana: Bloomfield e Sapir. Segundo Benveniste (1976), todos os linguistas que procuram na relação dos fonemas entre si o modelo da estrutura geral dos sistemas linguísticos seriam filiados a Saussure. No entanto, segundo Ilari (2004), os estruturalistas americanos não se reconheciam como saussurianos; para eles, a referência era Leonard Bloomfield (1887-1949), com a publicação de seu livro *Language* (Linguagem), em 1933, cujas ideias foram “desenvolvidas e sistematizadas sob o rótulo de **distribucionalismo** ou **linguística distribucional**” (COSTA, 2011, p. 123), que foi uma teoria dominante até meados do século XX nos Estados Unidos.

O objetivo do distribucionalismo era, segundo Costa (2011, p. 123), a “elaboração de um sistema de conceitos aplicáveis à descrição sincrônica de qualquer língua”, tendo como método parte da observação de um corpus para descrever seus **elementos**

constituintes de acordo com a possibilidade de eles se associarem entre si de maneira linear.



Vocabulário

Corpus: “coletânea acerca de um mesmo assunto”, um “conjunto de documentos que servem de base para a descrição ou o estudo de um fenômeno” (CORPUS, 2008-2013). O plural de corpus é corpora, uma vez que a palavra é do latim.

Um dos pressupostos da teoria de Bloomfield é que cada língua teria sua estrutura específica, constituída por três níveis: sintático, morfológico e fonológico. Além disso, cada nível seria guiado por leis próprias do sistema, sendo constituído por unidades do nível imediatamente inferior: palavras > morfemas > fonemas. Dessa forma, a descrição da língua começaria pelas unidades mais simples em direção às mais complexas. Retomando a definição de sistema, cada unidade seria definida em função de sua posição na estrutura, de acordo com os elementos adjacentes na construção. Para a descrição da língua, seria necessária absoluta objetividade, **excluindo o estudo da semântica** do escopo da Linguística (COSTA, 2011).



Reflita

Como a ideia de língua constituída em níveis, para os distribucionalistas, se assemelha à dupla articulação da linguagem de André Martinet, estudada na seção anterior?

Para Costa (2011), sob a ótica da linguística distribucional, seriam necessários os seguintes requisitos para que pudéssemos estudar uma língua: a constituição de um corpus, a partir do qual seria elaborado um inventário; a verificação das leis de combinação de elementos de diferentes classes; e a eliminação de qualquer investigação sobre o significado dos enunciados que compõem o corpus. Ainda de acordo com Costa (2011), isso configurava uma postura mecanicista, apoiada na **psicologia behaviorista**, em alta nos Estados Unidos a partir da década de 1920, tendo o psicólogo americano Skinner como maior representante.



Para os behavioristas, “o comportamento humano é totalmente explicável e, portanto, previsível a partir das situações em que se manifesta independentemente de qualquer fator interno. Logo, ele pode ser compreendido como o conjunto de uma excitação ou estímulo e de uma resposta ou ação.” (COSTA, 2011, p. 124)

Você pode estar pensando: como a psicologia behaviorista poderia explicar o comportamento linguístico? Funcionaria mais ou menos assim: “uma comunidade ensina o indivíduo a emitir uma dada resposta verbal (*a expressar um termo*), provendo estímulos reforçadores quando essa resposta ocorre na presença da coisa para a qual o termo proferido é tomado como *referente*” (COSTA, 2011, p. 124). Dessa forma, deveríamos desprezar o estudo de conteúdo, significado e referente enquanto propriedades de respostas verbais.

Para que você entenda melhor como poderia ser a aplicação da perspectiva estruturalista em geral, vamos apresentar a seguir alguns **exemplos de análises estruturalistas**. Uma das propostas mais radicais, lembrada por Ilari (2004), foi a de Zellig Harris, que pregava que a análise da língua deveria ocorrer sem informação prévia do linguista, além de desconsiderar o estudo do sentido (a semântica). Desse modo, o linguista deve arranjar um corpus da língua em questão e segmentá-lo. Para isso, ele transformou o que ouviu no gravador de som em sequências discretas de unidade – é aqui que consistirá o diferencial em sua metodologia: ele substituiria, aleatoriamente, trechos do corpus com certa duração por outros trechos de mesma duração (em milissegundos) “controlando mediante avaliação de um falante nativo se a alteração ‘modificou’ o trecho inicialmente dado” (ILARI, 2004, p. 79). Assim, seria possível não só definir a noção de equivalência ignorando o sentido, mas também encontrar tanto fonemas quanto morfemas na língua, dependendo da representatividade do corpus escolhido.

Com essa metodologia, Harris conseguiria, ao final, uma estrutura de uma série controlada de operações (chamados “procedimentos de descoberta”), evitando recorrer à intuição do linguista. Além disso,

tem a unidade linguística definida pela **distribuição**, que seria o modo como a unidade linguística se combinaria na cadeia da fala. É ao considerar a distribuição que podemos chegar ao modelo de sentença mais prestigiado nessa escola, o de constituintes imediatos, que exploraremos a seguir.



Assimile

A propriedade da distribuição “foi usada para dar respostas a problemas antigos; como por exemplo o problema de distribuir as palavras em ‘partes do discurso’ ou o problema de definir a sinonímia (o substantivo, o adjetivo, o verbo etc.) foram caracterizados, através de suas propriedades distribucionais, como palavras que entram em determinados ambientes sintáticos e não outros; a sinonímia foi definida como a capacidade que têm duas expressões diferentes de aparecer exatamente nos mesmos ambientes linguísticos.” (ILARI, 2004, p. 79)

Retomando o conceito de constituintes dos estudos distribucionalistas, apresentamos a seguir a análise de Ilari (2004, p. 80) de uma sentença em **constituintes imediatos**, tendo por fundamento a possibilidade de substituir uma sequência de unidades por uma única unidade:

- (i) o menino de olhos grandes veio,
- (ii) ele veio,
- (iii) ele veio ontem,
- (iv) ele veio ontem porque precisou etc.

No exemplo de Ilari (2004), “ele” pode ser substituído por “o menino de olhos grandes”, o que provaria que a segunda expressão toda é um constituinte. O mesmo ocorre com “veio” e “veio ontem”, a partir da sentença inicial (i).

Por sua vez, o exemplo de Costa (2011), a seguir, ilustra a frase como resultado de **diversas camadas de constituintes** – por exemplo, a frase “O aluno comprou um livro” pode ser segmentada em sintagma nominal (SN, “O aluno”) e sintagma verbal (SV, “comprou um livro”).

Nesse caso, o SN seria formado por um determinante (“O”) e um substantivo (“menino”), enquanto o SV seria formado por um verbo (“comprou”) e um SN (“um livro”), assim por diante. Segundo o autor, essa frase ainda poderia ser segmentada em outros constituintes:

Figura 2.4 – Segmentação da frase “O aluno comprou um livro”

➤ Frase	o aluno comprou um livro
➤ Sintagmas	o aluno / comprou um livro
➤ Palavras	o / aluno / comprou / um / livro
➤ Morfemas	o / alun/o / compr/ou / um / livr/o
➤ Fonema	o / a/l/u/n/o / k/õ/p/r/o/u / ã / l/i/v/r/o

Fonte: Costa (2011, p. 125).

Com o que você viu até agora, podemos depreender que a Linguística descritiva americana, sob os olhos do Estruturalismo de Bloomfield, é uma ciência considerada demasiadamente **formal**. Com isso, ela restringia a tarefa do pesquisador à classificação, por etapas, dos segmentos dos enunciados, retirados de corpora linguísticos, e à identificação das leis de combinação entre eles. Dessa forma, evitavam-se recorrer à análise do sentido e às hipóteses gerais sobre a natureza da linguagem, priorizando o conceito de distribuição na língua. As formulações de Bloomfield, influenciadas pelo behaviorismo, foram uma oposição às **ideias mentalistas**, que estavam por trás da hipótese de que a fala poderia ser um efeito dos pensamentos do sujeito falante (COSTA, 2011; ILARI, 2004). A seguir, vamos estudar outro estruturalista norte-americano, cujas ideias se opõem, eventualmente, às de Bloomfield.

Estruturalismo norte-americano: Sapir

Edward Sapir (1884-1939) foi um antropólogo e linguista polonês que se mudou para os Estados Unidos ainda criança. Foi aluno de Franz Boas, considerado o “pai da Antropologia americana”, que o influenciou a desenvolver o interesse por registrar as **línguas indígenas da América** antes que seus falantes morressem e, consequentemente, antes que essas línguas não existissem mais. Assim, Sapir foi referência não só para a linguística indígena, mas também para a indo-europeia e para os estudos etnológicos e culturais (TEIXEIRA, 2011).

Segundo Ilari (2004), o Estruturalismo americano entre as décadas de 1920 e 1950 visava, além da descrição exaustiva das línguas ameríndias, a desenvolver métodos para o estudo de todas as línguas ágrafas. Com isso, houve um compromisso com a descrição das línguas, sem que o linguista tivesse interferência de seus conhecimentos prévios – por exemplo, sua formação em outras gramáticas, como a inglesa. A justificativa para tal abordagem seria extrair as categorias gramaticais dos dados a partir da língua a ser estudada, e não através da tradição gramatical já existente, partindo do pressuposto de que cada língua tem a sua própria gramática.

Os estudos de Sapir extrapolam os limites do Estruturalismo de Saussure, pois adotam o postulado de que “os resultados da análise estrutural de uma língua devem ser confrontados com os resultados da análise estrutural de toda a **cultura material e espiritual** do povo que fala tal língua” (COSTA, 2011, p. 125). Com isso, a metodologia de Sapir passa a considerar o pensamento e a questão da cultura na língua de um povo, ao contrário do que vimos anteriormente, na outra vertente estruturalista.

Para Sapir, a linguagem estaria diretamente relacionada ao aspecto social da convivência, dependendo do grupo social onde o indivíduo está inserido, configurando uma herança histórica, sendo “um método puramente humano e não instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos” (SAPIR, 1980, p. 12 apud TEIXEIRA, 2011, p. 21.). Com isso, podemos considerá-lo um **mentalista**, em oposição à característica mecanicista da vertente bloomfieldiana, pois, para Sapir, a linguagem estaria ancorada num nível mental e poderia dar respostas sobre o funcionamento da relação língua-pensamento-realidade (TEIXEIRA, 2011).

A preocupação de Sapir com a linguagem versava para além da mera descrição de sua estrutura linguística. Por exemplo, a voz, para ele, teria um aspecto também social, quando cita o exemplo de quando tentamos modificar nosso timbre para que soe mais agradável. Sapir também contribuiu com os estudos sobre o papel do significado na forma gramatical e suas relações com a transmissão das ideias. Esses temas fazem parte da chamada **Hipótese de Sapir-Whorf**, que foi desenvolvida por Benjamin Lee Whorf, seu aluno, após

a morte de seu mentor.

Nessa famosa hipótese, segundo Costa (2011, p. 125), cada língua segmentaria a realidade do seu próprio modo, impondo tal segmentação do mundo a todos os seus falantes. “Nesse sentido, a **língua configura o pensamento**: as pessoas que falam diferentes línguas veem o mundo diferentemente”. Dessa forma, as distinções na língua (gramaticais ou lexicais, por exemplo) corresponderiam às distinções comportamentais naquela cultura. A motivação para tal hipótese foram as pesquisas de Whorf com a língua indígena norte-americana hopi, que apresentaria conceitos de tempo e espaço bem diferentes da tradicional concepção indo-europeia. Assim, Whorf acreditava que os falantes dessa língua teriam um modo diferente de apreender a realidade. Como resultado, não poderia haver uma fonte universal do pensamento humano, então Whorf recusava a ideia de uma gramática universal. Aprofundaremos essa ideia nas seções da unidade seguinte, a partir da visão de outros teóricos sobre a linguagem.



Pesquise mais

Caso tenha se interessado por saber mais sobre a Hipótese de Sapir-Whorf, leia a matéria, a seguir, sobre o filme A Chegada (2016), uma ficção científica baseada num conto do escritor Ted Chiang, em que uma professora de Linguística tem a tarefa de interpretar uma língua alienígena. Na matéria em questão, é explicado como a Hipótese de Sapir-Whorf aparece no filme:

VAIANO, Bruno. Entenda a teoria linguística do filme 'A Chegada'. **Galileu**, 24 nov. 2016. Cultura. Disponível em: <<https://goo.gl/cfeqF9>>. Acesso em: 7 jan. 2017.

Outra contribuição de Sapir foi a ideia de **deriva linguística**: ao acreditar que a variabilidade das línguas é um fenômeno natural da linguagem, ele pressupõe que haveria uma entidade linguística ideal dominando a fala comum dos indivíduos. Assume que haveria uma variação individual da fala, mas que esta seria controlada por uma “tácita norma diretriz que as pessoas compartilham” (TEIXEIRA, 2011, p. 22). Portanto, a deriva linguística controlaria os processos de

variação que uma língua sofre. Nesse sentido, Sapir afirma que “[...] por de trás da fachada da história, há derivas poderosas que impelem a linguagem, como a outros produtos sociais [...]. Como linguistas, contentemo-nos em compreender que existem tais tipos e que determinados processos na vida da linguagem tendem a modificá-los” (SAPIR, 1980, p. 100 apud TEIXEIRA, 2011, p. 30).

Após estudarmos as contribuições tanto de Bloomfield quanto de Sapir para o Estruturalismo em Linguística, podemos afirmar que o segundo foi pioneiro em relação à sua perspectiva antropológica presente na Hipótese de Sapir-Whorf, enquanto o primeiro foi responsável por consolidar a linguística nos Estados Unidos, com sua teoria mais bem delimitada do que as anteriores (COSTA, 2011). Desse modo, vemos a importância da contribuição de ambos estudiosos para a disciplina da Linguística no século XX. A seguir, estudaremos algumas reflexões sobre a perspectiva estruturalista na escola.

Aplicações da abordagem estruturalista no ensino de língua portuguesa

Como vimos nesta seção, o Estruturalismo consistiu numa abordagem dos estudos das ciências humanas, especialmente da Linguística, que priorizava o caráter sistemático e preciso de análise das estruturas do sistema em questão, decompondo-o sucessivamente em unidades cada vez menores. Podemos ver a influência de tais estudos tanto na abordagem por parte do professor, na escola, quanto no ensino e na reflexão propostos pelas gramáticas escolares.

Um dos exemplos de estudioso fortemente influenciado pelos estudos estruturalistas da época é o gramático brasileiro Said Ali (1861-1953). Ele defendia que a língua portuguesa poderia admitir pelo menos **duas normas diferentes**: uma portuguesa e outra brasileira, ambas igualmente válidas. Dentre outras contribuições do Estruturalismo americano nas gramáticas do português, podemos citar algumas possíveis soluções para os problemas de análise mórfica, como a conceituação da parassíntese (processo de formação de palavra por prefixação e sufixação ao mesmo tempo, como en-gaveta-mento) e do hibridismo (formação de palavras com elementos tomados de línguas diferentes, como monóculo), além do problema das vogais temáticas e das desinências de gênero (livro/aluno em oposição a

zero/aluna) (BECHARA, 1998).

Outra questão estruturalista que influenciou o ensino de português foi a preocupação de que toda língua tem uma **gramática própria**, da qual estudamos a relação de estruturas e não mais um conjunto de regras a serem seguidas, como ocorria, até então, na gramática tradicional. Assim, segundo Roulet (1978 apud CONEJO, 2007, p. 1.236), além de descrever a língua em uso de certas comunidades num dado ponto do tempo, a gramática estrutural também descreve “a língua falada que o aluno utiliza como instrumento de comunicação”.

Podemos, ainda, distinguir as vertentes estruturalistas perante sua contribuição ao ensino de língua na escola: a behaviorista, representada por Bloomfield, e a mentalista, cujo representante é Sapir. Vimos que, para os bloomfieldianos, a língua seria um conjunto de hábitos adquiridos através do condicionamento. Assim, a **aprendizagem** estaria diretamente relacionada ao número de vezes que certa resposta foi produzida e reforçada. Um método assim poderia ser visto no momento em que se pede ao aluno que copie diariamente e à exaustão trechos de cabeçalho ou outros, cuja cópia ou treino repetido o professor julga ser necessário.

Por sua vez, os mentalistas acreditavam que os seres humanos estariam predispostos a aprender línguas, pois, “uma vez exposto ao idioma, o indivíduo tem a capacidade de formular hipóteses acerca da estrutura dessa língua, depreendendo as regras que norteiam a interpretação dos enunciados por meio de teste dessas mesmas hipóteses” (CONEJO, 2007, p. 1.238). Como já mencionamos, seria um exemplo de abordagem mentalista a atenção ao **erro** do aluno, ao contrário do que behavioristas pregavam, pois o erro seria necessário nesse processo de testar hipóteses, futuramente levando ao aprendizado.

Como costuma ocorrer no percurso de avanços de qualquer ciência, a abordagem estruturalista em Linguística eventualmente caiu em desuso com o crescimento da chamada Linguística Gerativa a partir da década de 1960, que indicava que o objeto de análise deveria ser “as condições de possibilidade das mensagens linguísticas – a competência – e não as próprias mensagens – o desempenho” (ILARI, 2004, p. 58). Porém, não se preocupe com esses conceitos

agora; vamos estudá-los mais a fundo na seção seguinte, já na próxima unidade.

Sem medo de errar

Para ajudar Sofia na elaboração de sua proposta de atividade escolar, solicitada pelo professor do curso de especialização, devemos retomar os conceitos envolvidos na ideia de par mínimo. Dessa forma, vamos indicar, aqui, um dos modos possíveis de elaboração dessa atividade, estruturada em etapas (passos) a seguir:

1º passo: apresentar aos alunos exemplos de palavras que seriam idênticas na língua, exceto por um único “som”.

Observação: aqui, o professor deve se lembrar do conceito de signo linguístico que, para o aluno, simplificaremos como “palavra”, nesse contexto. Optaremos, também, por simplificar a ideia de fonema para “som” para que o aluno compreenda mais facilmente onde está a distinção proposta.

Exemplo: as palavras porco e porto, do exemplo de *Alice no País das Maravilhas* (CARROLL apud JAKOBSON, 2003, p. 37-38), da seção anterior, sobre o nível fonológico da análise linguística.

2º passo: explorar, com os alunos, quais outras possíveis palavras seriam diferentes de porco e porto se somente um som fosse mudado.

Exemplo: porto/morto.

3º passo: explicar que nem todas as mudanças de som provocam uma alteração na palavra, como vemos no exemplo anterior (aqui, o par porco/porto).

Exemplo: a pronúncia /'poRco/ no dialeto que muitos consideram “típico do paulistano” [ˈporcɔ], ou a de um dialeto do Rio de Janeiro, [ˈpohcɔ], não configuram uma diferença funcional na língua, pois tal diferença é somente articulatória, não distinguindo os signos. Aqui, o professor pode chamar a atenção para os alunos de que, se falarmos sobre diferenças de pronúncia na comparação desses

pares de palavras que soam diferente, em geral, estaremos falando de diferenças que não mudam a palavra.

4º passo: concluir dizendo que nem todas as mudanças que pensávamos ser únicas realmente são, introduzindo o conceito de metáfora no português.

Exemplo: porco/porca, quando o feminino de porco (/ˈpoRko/) é pronunciado com outra vogal, mais aberta, /ɔ/, ficando /ˈpɔRka/. Nesse caso, além do último som, mudando de /o/ para /a/, muda, também, a primeira vogal, de /o/ para /ɔ/.

Faça valer a pena

1. Para Ferdinand de Saussure, era importante distinguir os estudos diacrônicos dos sincrônicos da língua, tendo optado pela sincronia por acreditar que o estudo diacrônico só lidaria com formas isoladas na língua.

Assinale a alternativa que explicaria a diacronia no Estruturalismo, resolvendo o conflito de Saussure.

- a) Sincronia como diacronia simplificada.
- b) Diacronia como forma e substância.
- c) Sincronia e diacronia como sinônimos.
- d) Sincronia como uma sucessão de diacronias.
- e) Diacronia como uma sucessão de sincronias.

2. Uma das influências no Estruturalismo de Bloomfield foi a psicologia behaviorista do século XX, que influenciou a postura mecanicista da linguística distribucional, que tinha como requisitos a constituição de um corpus linguístico, a elaboração de um inventário e a verificação das leis de combinação dos elementos, eliminando o estudo semântico. (COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 113-126.)

Com base nos seus conhecimentos sobre o Estruturalismo a partir da visão de Leonard Bloomfield, influenciada pelo behaviorismo, julgue as afirmativas a seguir como verdadeiras (V) ou falsas (F):

- () De acordo com o behaviorismo, o comportamento humano pode ser compreendido como o conjunto de uma excitação ou estímulo

e uma resposta ou ação.

- () A comunidade linguística ensina o indivíduo a emitir dada resposta verbal, provendo estímulos reforçadores quando essa resposta ocorre na presença da coisa para a qual o termo proferido é tomado como referente.
- () As formulações de Bloomfield, sob inspiração behaviorista, opuseram-se às ideias mentalistas que defendiam que a fala deveria “ser explicada como um efeito dos pensamentos do sujeito falante”.

Assinale a alternativa com a sequência correta:

- a) V-V-V.
- b) F-F-F.
- c) V-F-V.
- d) F-V-V.
- e) V-F-F.

3. Para Blecua (1979), Estruturalismo é “qualquer concepção científica que parta da consideração do seu objeto de estudo como um conjunto de relações, de elementos mutuamente solidários”. (BLECUA, José Manuel. **Revolução na Linguística**. Trad. F. P. Marques. Rio de Janeiro: Salvat, 1979. 144 p. (Biblioteca Salvat de Grandes Temas))

Assinale a alternativa que se refere ao objetivo do Estruturalismo:

- a) Construir uma gramática universal.
- b) Analisar as línguas diacronicamente.
- c) Depreender a estrutura das línguas.
- d) Comparar duas ou mais línguas entre si.
- e) Estudar as formas isoladas da língua.

Referências

BECHARA, Evanildo. A linguística, a gramática escolar e o ensino da língua portuguesa. **Idioma**, Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, ano XVII, p. 37-42, 1º e 2º semestres de 1998. Disponível em: <http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/20/idioma20_a05.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2017.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Néri. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. da USP, 1976. 388p.

BLECUA, José Manuel. **Revolução na Linguística**. Tradução de F. P. Marques. Rio de Janeiro: Salvat, 1979. 144 p. (Biblioteca Salvat de Grandes Temas)

CONEJO, Cássia Rita. O estruturalismo e o ensino de línguas. CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 3, 2007, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009, p. 1233-1244. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/016.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2017.

CORPUS. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/corpus>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 113-126.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007. 275 p.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; YEHA, Hani Camille. **Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2009. Disponível em: <<http://fonologia.org>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e Linguística**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970. 146 p. (Coleção Que é o Estruturalismo?)

FONEMA. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/fonema>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. 285 p.

_____. Estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 53-92. v. 3.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 34-62.

KEMMER, Suzanne. **Biographical sketch of Ferdinand de Saussure**. 2009. Disponível em: <<http://www.ruf.rice.edu/~kemmer/Found/saussurebio.html>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Dupla articulação. In: _____. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 37-42.

MARTINET, André. A Linguística, a linguagem e a língua. In: _____. **Elementos de linguística geral**. Tradução de Jorge Moraes-Barbosa. 3. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa

Editora, 1971. Cap. 1. p. 1-24.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é Linguística?** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 70 p. (Coleção Primeiros Passos)

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004. 296 p.

_____. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 280 p.

TEIXEIRA, Lovania Roehrig; MOTA, Mailce Borges. Edward Sapir e Mattoso Câmara Jr.: intersecções. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 15-34, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/1984-8420.2011v12n2p15/21356>>. Acesso em: 7 jan. 2017.

Abordagens teórico-metodológicas de estudo da língua

Convite ao estudo

Na unidade anterior, exploramos a contribuição de Ferdinand de Saussure para a Linguística moderna, que influenciou diretamente a teoria de dupla articulação de linguagem, de Martinet, e a vertente do Estruturalismo linguístico. Agora, focalizaremos algumas abordagens teórico-metodológicas de estudo da língua desenvolvidas ao longo do século XX, como: o Gerativismo, de Noam Chomsky, a escola chamada Funcionalismo, e o Sociointeracionismo, de Vygotsky. Você vai perceber que essas três abordagens diferem muito entre si, razão pela qual estudar cada uma delas complementará sua formação como profissional da área da linguagem.

Esperamos que, ao final desta unidade, você tenha conhecido três das principais teorias linguísticas em uma abordagem histórico-descritiva, de modo que sua apreensão dos conceitos e exemplos dados possa servir para a reflexão sobre o ensino de língua portuguesa. Os conhecimentos adquiridos com o estudo dos fundamentos das teorias linguísticas aqui citadas devem se complementar, a fim de que sua reflexão sobre a linguagem possa ser aperfeiçoada, continuando seu percurso iniciado na Unidade 1.

Aqui, apresentamos um novo contexto de aprendizagem que usaremos para guiar você em seus estudos nesta unidade:

Daniel é um aluno de Letras que está no meio de seu curso de graduação. Neste semestre, ele se matriculou numa disciplina com o foco de preparar os alunos para começar seu estágio obrigatório em escola no semestre seguinte. Dessa forma, Daniel precisará entregar, ao longo do semestre, alguns pequenos trabalhos

que refletem sobre as discussões em sala de aula a respeito da relação entre os estudos da linguagem e a aprendizagem. Como você pode ajudar Daniel a refletir sobre esse tema e alcançar seu objetivo?

Com base nesse contexto, você terá a oportunidade de refletir sobre as seguintes questões:

- Como a criança aprende sua língua?
- Quais são as diferentes abordagens para estudar a língua materna na escola?
- Quais são os resultados da opção por uma ou outra abordagem?

Nesta unidade, estudaremos, na Seção 3.1, o Gerativismo de Noam Chomsky, que propõe o conceito de inatismo e a existência de uma gramática universal; na Seção 3.2, veremos o Funcionalismo, escola linguística que tem como foco estudar a língua considerando seu contexto na interação verbal, além de outras questões extralinguísticas, como a intenção do falante; e, na Seção 3.3, abordaremos o Sociointeracionismo, de Vygotsky, uma teoria de aprendizagem com foco na interação, segundo a qual o desenvolvimento humano seria impulsionado pela linguagem. Munido dos conhecimentos adquiridos nesta unidade, você poderá refletir sobre o papel da linguagem no aprendizado e conhecer outros modos de abordar o estudo da linguagem.

Seção 3.1

Gerativismo

Diálogo aberto

Por acaso você já ouviu falar da discussão natureza versus criação? O que significa pensar num aprendizado que envolva somente uma predisposição (genética, por exemplo), ou num que seja dependente de estímulos do ambiente, do contexto? Nesta seção, estudaremos o Gerativismo, proposto por Noam Chomsky, que parte do princípio de que o ser humano tem uma capacidade de aquisição da linguagem inerente à sua espécie. Isso quer dizer que essa teoria seria baseada no primeiro termo da dicotomia que apresentamos inicialmente, nesta introdução. Para continuar seu percurso de estudos sobre o desenvolvimento da Linguística no século XX, vamos retomar o contexto de aprendizagem desta unidade.

Já sabemos que, agora, nosso percurso terá a presença de Daniel, o personagem do contexto de aprendizagem desta unidade. Daniel é um aluno de Letras que está se preparando para começar seu estágio obrigatório numa escola no semestre que vem. Para isso, ele cursa, neste semestre, uma disciplina com foco no ensino e na aprendizagem da língua materna na escola, com base no estudo de algumas teorias linguísticas. Em algumas das aulas dessa disciplina, o professor de Daniel explorou os conceitos mais importantes do Gerativismo de Noam Chomsky. Após a aula expositiva, ele pediu aos alunos que entregassem, na semana seguinte, um pequeno trabalho, no qual eles deveriam explicar um exemplo já vivido ou observado por eles, a partir de alguns conceitos do Gerativismo.

Então, Daniel logo se lembrou do fenômeno da recursividade e de uma brincadeira que ele e seus amigos faziam quando crianças, chamada "Fui à feira". Essa brincadeira consistia numa criança começar dizendo "Fui à feira e comprei...", completando a frase com uma fruta ou outra coisa que poderia ser adquirida na feira. Em seguida, a próxima criança deveria repetir o que a anterior disse e completar a frase com mais um objeto, e assim por diante, com a

frase inicial, consequentemente, aumentando com a contribuição de cada criança, até que todas tivessem falado e a frase voltasse à primeira, quando o mesmo processo continuaria. A brincadeira terminava quando alguma criança não conseguisse se lembrar de todo esse encadeamento, geralmente causando risos em todas as outras. Como você acha que Daniel pode explicar a relação entre essa brincadeira infantil e o fenômeno da recursividade? Vamos ajudá-lo nessa tarefa?

Para auxiliar Daniel nessa explicação, você deverá refletir sobre: o fenômeno da recursividade e as explicações linguísticas e extralinguísticas desse fenômeno que contribuem para o funcionamento dessa brincadeira, incluindo o motivo por que sua rodada chega ao fim. Tendo em mente essas questões iniciais, você estará pronto para continuar nosso percurso pelo desenvolvimento da Linguística moderna no século XX.

Não pode faltar

Noam Chomsky e a teoria da Gramática Gerativa

Noam Chomsky é um linguista nascido em 1928, na Filadélfia, Estados Unidos. Foi discípulo de Zellig Harris, cuja análise estruturalista, considerada radical, vimos brevemente na seção anterior. No entanto, a contribuição de Chomsky, a partir da publicação da obra *Estruturas sintáticas*, em 1957, representa uma ruptura do pensamento científico dos estudos linguísticos da primeira metade do século XX, reproduzido, em grande parte, por teorias estruturalistas. Isso ocorreu porque Chomsky se opôs aos distribucionalistas em razão de eles terem se dedicado muito aos dados e, consequentemente, terem produzido uma ciência puramente descritiva. Por sua vez, Chomsky buscou no racionalismo e na tradição lógica dos estudos da linguagem a inspiração para elaborar sua teoria, com o objetivo de fazer a Linguística sair de um estágio de mera observação e classificação dos dados, como ele via o Estruturalismo até então, e torná-la **explicativa** e científica (ORLANDI, 1986).

Dessa forma, Chomsky consolida o rigor e o cientificismo nas questões linguísticas ao utilizar conhecimentos de áreas como a matemática, a lógica e a biologia para propor uma teoria de

linguagem a que chama de gramática, com estudo centrado na sintaxe. A finalidade da teoria de Chomsky, então, seria dar conta de todas as **frases gramaticais**, ou seja, que pertencem à língua. Essa teoria é conhecida como **Gramática Gerativa**, pois, de acordo com ela, a gramática “permite, a partir de um número *limitado* de regras, gerar um número infinito de sequências que são frases, associando-lhes uma descrição” (ORLANDI, 1986, p. 38), o que exploraremos ao longo desta seção.

A primeira versão do modelo gerativista ficou conhecida como **gramática transformacional** e foi desenvolvida durante as décadas de 1960 e 1970, quando passou por várias reformulações. Nessa fase, os objetivos do modelo gerativista eram “descrever como os constituintes das sentenças eram formados e como tais constituintes transformavam-se em outros por meio da aplicação de regras” (KENEDY, 2011, p. 131). A gramática transformacional seria a mais adequada para explicar as estruturas sintáticas da língua, pois seria caracterizada por regras sintagmáticas (que geram estruturas abstratas) e regras de transformação (que convertem essas estruturas abstratas nas frases da língua). Essas transformações na língua, obrigatórias ou facultativas, podem ter como resultado, por exemplo: a mudança da ordem das palavras, o acréscimo ou o apagamento de elementos etc. Assim, a teoria foi sendo composta por conceitos, como **estrutura superficial** (que aqui abreviaremos como ES) e **estrutura profunda** (abreviada como EP, relacionada às estruturas abstratas).

Você pode entender a relação entre a ES e a EP da seguinte maneira. A ES é a estrutura das unidades como elas se apresentam na frase, tal como a gente a ouve. Por sua vez, a EP é uma forma da frase que pode ou não coincidir com a ES, mas nós não a ouvimos; ela é considerada subjacente, ou seja, seria uma forma da frase que interpretamos no nosso cérebro ao produzir sua forma da ES, estando relacionada à noção de sentido, que chamamos de **semântica**. Repare que Chomsky considera a sintaxe como central e autônoma, relegando à semântica somente o caráter interpretativo, por não gerar estruturas; nessa teoria, a semântica só interpretaria a EP. Enfim, a EP se relaciona à ES através das transformações; entre elas, estariam as estruturas intermediárias, nas quais ocorreriam as regras transformacionais. Daí o nome da primeira versão do modelo

gerativista: gramática transformacional (ORLANDI, 1986).

Com a noção de EP, a gramática transformacional traz de volta para análise a questão do **sentido**, que havia sido descartada em grande parte das teorias estruturalistas até então, como a vertente distribucionalista. Segundo Orlandi (1986), a vantagem de incluir a estrutura profunda seria a possibilidade de tratar de relações gramaticais ocultas que são semanticamente significativas.



Exemplificando

Para explicar melhor a relação entre estrutura superficial (ES) e estrutura profunda (EP), podemos citar o exemplo de ambiguidade numa frase, dado por Orlandi (1986, p. 44-45): "A sentença 'Eduardo pediu a Patrícia para sair' é ambígua, pois tem duas estruturas profundas diferentes ('Eduardo pediu a Patrícia para *Eduardo* sair'/'Eduardo pediu a *Patrícia* para Patrícia sair') que convergem para a mesma estrutura superficial ('*Eduardo pediu a Patrícia sair*'). Entenda que a forma da ES para ambas as sentenças é a mesma, tanto que a ouvimos da mesma forma (Eduardo pediu a Patrícia para sair). Mas, em nosso cérebro, realizaríamos processos mentais que interpretam a sentença de uma ou outra maneira. Porém, é importante que você saiba que não só frases ambíguas têm ES diferente de EP, sendo esse somente um exemplo mais didático para que você consiga entender as noções de estrutura profunda e estrutura superficial.

Em 1965, com a publicação do livro *Aspectos da Teoria da Sintaxe*, Noam Chomsky apresenta a **teoria-padrão** do Gerativismo, que consiste num modelo composto de três partes: uma central (sintática), e duas interpretativas (a semântica, relativa ao sentido, e a fonológica, relativa ao som). Segundo Orlandi (1986), o componente sintático seria a base que gera as EPs, além das transformações a partir das quais derivam as estruturas superficiais. Os dois componentes interpretativos (o semântico e o fonológico) se articulam sobre o componente sintático, de modo que a interpretação *semântica* incide sobre a estrutura profunda, enquanto a interpretação *fonológica* incide sobre a estrutura superficial.

Segundo Negrão, Scher e Viotti (2010, p. 97), os objetivos centrais da Gramática Gerativa são: “a descrição do conhecimento linguístico atingido por qualquer falante de qualquer língua; a caracterização da Gramática Universal; e a explicação dos processos que levam uma criança da Gramática Universal para o conhecimento de sua língua”. Estudaremos a seguir como se caracteriza essa Gramática Universal, que é parte dos objetivos da Gramática Gerativa, além de sua relação com a intuição do falante e as noções de competência e desempenho.

Inatismo e Gramática Universal

Para Chomsky, a tarefa do linguista é descrever a **competência** do falante de certa língua. No Gerativismo, a competência é “a capacidade que todo falante (ouvinte) tem de produzir (compreender) todas as frases da língua” (ORLANDI, 1986, p. 39). Portanto, se somos a única espécie capaz de desenvolver linguagem e, por consequência, desenvolver línguas, ao falarmos da competência de todo e cada falante (inclusive, sem distinção de qual língua ele fala), estamos tratando de uma característica inerente à espécie humana e, portanto, relacionada à nossa racionalidade (MIOTO; SILVA; LOPES, 2005). Podemos dizer, então, que o que Chomsky chama de faculdade da linguagem seria **inato** à criança e permitiria a ela a aquisição da sua língua materna (DUCROT, 1970). No modelo gerativo, em oposição à competência, temos o **desempenho** (também chamado de *performance*) dos falantes em seus usos concretos da língua. No entanto, é a competência que todo falante *ideal* tem que importa à teoria gerativa (ORLANDI, 1986).



Assimile

Você pode reparar que animais de outras espécies, por mais que tentemos, não aprendem a linguagem, sendo essa uma capacidade essencialmente humana. Por outro lado, por menos estímulos que uma criança tenha, ela vai, invariavelmente, desenvolver uma língua, sendo esta sua língua materna (considerando situações típicas de desenvolvimento infantil não patológico). Um dos argumentos que explicaria essa “facilidade” seria o da **pobreza de estímulo**, uma vez que as crianças naturalmente aprendem a língua a que estão expostas, sem nenhum esforço aparente,

a partir de dados linguísticos “truncados, desordenados, desorganizados” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2005, p. 31). Elas produziram, inclusive, frases que nunca ouviram antes, o que vai contra as teorias que afirmam a importância do aspecto social no desenvolvimento da linguagem.

A competência do falante está diretamente relacionada à sua **intuição**: para a teoria gerativa, é o falante quem pode decidir se uma sentença é gramatical ou não, ou seja, se ela pode ou não ocorrer na língua. Isso significa que a análise linguística não precisa mais ocorrer sobre extensos *corpora* linguísticos, como determinava a orientação estruturalista até então; agora, bastaria que falantes nativos da língua aceitassem certa sentença para que ela passasse a ser considerada **gramatical**. Assim, Chomsky propõe uma teoria que consegue lidar com evidência negativa, podendo prever quais frases podem ou não ser produzidas na língua. Isso porque a teoria precisa lidar com sentenças nunca antes produzidas (mas possíveis) na língua e com sequências de palavras (chamadas não sentenças) que nunca ocorrerão (MIOTO; SILVA; LOPES, 2005). Ou seja, ela precisa da evidência para dados possíveis (mas ainda não existentes) e para dados que não são aceitos na teoria, daí se dizer evidência negativa. Então, se a frase é aceitável, ou seja, passível de ocorrer na língua, ela é gramatical. É preciso que você entenda que a noção de gramaticalidade não tem a ver com a noção de normatividade (que rege o que seria certo ou errado de se falar ou escrever) ou a de padronização (segundo a qual se adota a variante dominante, que se aproxima da norma culta), e sim com a noção de aceitabilidade pelo falante.



Exemplificando

Podemos dizer “quantos livros você já escreveu?”, sendo essa uma frase possível, aceitável em português. Porém, simplesmente não ocorre na língua uma frase como **que livro você conhece uma pessoa que escreveu?* (KENEDY, 2011, p. 133). Representamos, então, as frases agramaticais (que não ocorrem na língua) com um asterisco [*] no início. Repare que podem ocorrer na língua frases como *que livro você conhece?* ou *você conhece uma pessoa que escreveu um livro?*. Com

esses exemplos, você deve entender que outras frases semelhantes (mas não iguais) podem ser gramaticais, e são justamente essas diferenças que os linguistas devem estudar, em termos de princípios e parâmetros, para entender como a língua funciona.

A competência do falante está diretamente relacionada à sua **intuição**: para a teoria gerativa, é o falante quem pode decidir se uma sentença é gramatical ou não, ou seja, se ela pode ou não ocorrer na língua. Isso significa que a análise linguística não precisa mais ocorrer sobre extensos *corpora* linguísticos, como determinava a orientação estruturalista até então; agora, bastaria que falantes nativos da língua aceitassem certa sentença para que ela passasse a ser considerada **gramatical**. Assim, Chomsky propõe uma teoria que consegue lidar com evidência negativa, podendo prever quais frases podem ou não ser produzidas na língua. Isso porque a teoria precisa lidar com sentenças nunca antes produzidas (mas possíveis) na língua e com sequências de palavras (chamadas não sentenças) que nunca ocorrerão (MIOTO; SILVA; LOPES, 2005). Ou seja, ela precisa da evidência para dados possíveis (mas ainda não existentes) e para dados que não são aceitos na teoria, daí se dizer evidência negativa. Então, se a frase é aceitável, ou seja, passível de ocorrer na língua, ela é gramatical. É preciso que você entenda que a noção de gramaticalidade não tem a ver com a noção de normatividade (que rege o que seria certo ou errado de se falar ou escrever) ou a de padronização (segundo a qual se adota a variante dominante, que se aproxima da norma culta), e sim com a noção de aceitabilidade pelo falante.



Exemplificando

Podemos dizer “quantos livros você já escreveu?”, sendo essa uma frase possível, aceitável em português. Porém, simplesmente não ocorre na língua uma frase como **que livro você conhece uma pessoa que escreveu?* (KENEDY, 2011, p. 133). Representamos, então, as frases agramaticais (que não ocorrem na língua) com um asterisco [*] no início. Repare que podem ocorrer na língua frases como *que livro você conhece?* ou *você conhece uma pessoa que escreveu um livro?*. Com

esses exemplos, você deve entender que outras frases semelhantes (mas não iguais) podem ser gramaticais, e são justamente essas diferenças que os linguistas devem estudar, em termos de princípios e parâmetros, para entender como a língua funciona.

A partir dos anos 1980, Chomsky propõe a hipótese da Gramática Universal como “o estágio inicial de um falante que está aprendendo a língua” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2005, p. 26). Então, dizer que o modelo gerativista se baseia na genética humana, é considerar que todo ser humano apresenta uma predisposição exclusiva da espécie que estaria presente em seus genes e que permitiria a aquisição da linguagem. Ainda assim, seria necessário explicar como ocorre a diversidade das línguas. Por esse motivo, adotou-se como solução a teoria de **Princípios e Parâmetros**, em que os primeiros seriam as leis gerais que valem para todas as línguas naturais, enquanto os segundos estariam diretamente ligados à diferença entre as línguas, sendo estes as propriedades que uma língua exibe ou não. Dessa forma, podemos pensar na Gramática Universal como constituída pelos princípios e parâmetros, mas sem seus valores fixados – o que fixaria tais valores seria a gramática de cada língua, distinguindo-se entre si dessa maneira (MIOTO, SILVA; LOPES, 2005). Como exemplo, se considerarmos, em ambas as sentenças seguintes, de Miotto, Silva e Lopes (2010), que *Paulo* e *ele* são correferenciais, ou seja, ambos designam o mesmo referente (Paulo), representados, aqui, pelo mesmo índice, *i* subscrito, a sentença *O Paulo_i disse que ele_i vai viajar* (Paulo = ele) é gramatical, enquanto *Ele_i disse que o Paulo_i vai viajar* (Paulo ≠ ele) não é gramatical. O que argumentam os autores é que essa segunda sentença, se traduzida em qualquer língua natural, continuaria agramatical, pois ela violaria um princípio, comum a todas as línguas naturais, relativo às “condições em que um nome pode ou não ser correferencial com um pronome.” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2005, p. 24)



"Uma sentença que viola um princípio não é tolerada em nenhuma língua natural provavelmente porque tem a ver com a forma como o cérebro/a mente da espécie funciona; uma sentença que não atende a uma propriedade paramétrica pode ser gramatical em uma língua e agramatical em outra" (MIOTO; SILVA; LOPES, 2005, p. 24).

O aspecto criativo da linguagem humana

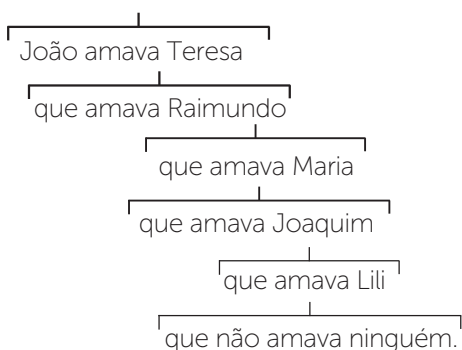
Um dos aspectos da linguagem humana em que se baseia a teoria gerativa é a **criatividade**. Então, para ilustrar essa característica, retomaremos, aqui, alguns conceitos da teoria já apresentados. Como mencionamos no início da seção, o próprio nome da teoria implica o aspecto criativo da linguagem, que combina itens finitos para gerar infinitas novas sentenças. De acordo com o Gerativismo, esse seria um dos motivos por que deveríamos abandonar teorias estruturalistas como o behaviorismo, pois nelas não haveria espaço para a criatividade se, como Bloomfield, interpretarmos o comportamento linguístico como uma resposta totalmente previsível a partir de um dado estímulo (KENEDY, 2011).

Outra importante propriedade das línguas naturais é a **recursividade**, a partir da qual se pode aplicar o mesmo processo (a mesma regra) repetidas vezes (MIOTO; SILVA; LOPES, 2005). Para exemplificar essa operação natural da língua, apresentaremos, a seguir, o poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade, reproduzido por Negrão, Scher e Viotti (2010, p. 115):

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa, para o convento.
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou-se com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

No exemplo acima, Drummond explora a propriedade da recursividade ao encaixar sentenças dentro de sentenças, com a subordinação de orações relativas umas nas outras, sem causar qualquer violação do sistema de princípios do nosso conhecimento de português. Numa tentativa de representação gráfica, esse encaixe seria algo como:



Por outro lado, como o autor leva essa propriedade ao extremo, encaixando várias sentenças dentro de outras, causamos estranheza esse tipo de construção. Podemos dizer, então, que ele explora os limites da recursividade que, em geral, são extralinguísticos, como nossa capacidade de memória. Esses limites, no caso da memória, também podem ser vistos em frases do tipo “Lembra do André, que é vizinho da avó da cunhada da minha prima?”, ou na tradicional música “A velha a fiar”, em que o cantor começa cantando “Estava a velha no seu lugar, veio a mosca lhe incomodar. A mosca na velha e a velha a fiar” e continua adicionando elementos uns aos outros, até que a última frase é um desafio à memória, a prova disso é que há várias versões da música, uma vez que é muito difícil retomá-la palavra por palavra a cada vez que é cantada ao longo dos anos. Seu final é algo como: “Estava a mulher no seu lugar, veio a morte lhe levar. A morte na mulher, a mulher no homem, o homem no boi, o boi na água, a água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro, o cachorro no gato, o gato no rato, o rato na aranha, a aranha na mosca, a mosca na velha e a velha a fiar”. Então, nossa possível dificuldade em acompanhar o encadeamento das orações nesse poema de Drummond não é um fator de ordem linguística (NEGRÃO; SCHER; VIOTTI, 2010).



Propomos, aqui, que você reflita sobre a relação entre fatores extralinguísticos (como nossa capacidade de memória) na recursividade e o que estudamos sobre as vantagens da dupla articulação da linguagem, na seção anterior.

Ainda com relação à recursividade, cabe a você, aqui, lembrar-se da discussão na unidade anterior sobre **comunicação animal e linguagem humana** e dos estudos de von Frisch sobre o modo peculiar de comunicação das abelhas (BENVENISTE, 1976). Apesar de tal comunicação ser relativamente refinada se comparada à de outros animais, toda comunicação animal distingue-se da linguagem humana por não apresentar a recursividade, dentre outros motivos já estudados. Isso é dizer que as abelhas não conseguiriam “encaixar” informações dentro de outras da mesma forma que as encaixamos, como no poema de Drummond. Por exemplo, uma abelha consegue ver uma fonte de alimento (pólen ou néctar) e voltar à colmeia para contar sobre o achado às outras, mas aquelas que receberam essa mensagem não conseguiriam transmiti-la a outras abelhas sem antes ter ido até a fonte de alimento e ter, elas mesmas, tido a experiência de ver o local da fonte antes de contar às outras. Segundo Benveniste (1976, p. 65), “a abelha não constrói uma mensagem a partir de outra mensagem”. Dessa forma, as abelhas não têm diálogo, pois a mensagem de uma abelha incita somente a ação de outra, e não uma resposta do tipo *linguística*, como ocorre na linguagem humana.

Outra importante questão da teoria gerativa que você precisa conhecer é o processo de aquisição da linguagem como lugar de **mudança linguística** nas diversas línguas naturais. Considerando que as línguas naturalmente evoluem, a teoria gerativa vê essas mudanças como relacionadas ao valor atribuído pelas crianças a um determinado parâmetro da língua. Por exemplo, se um dado for ambíguo, “a criança poderá atribuir ao parâmetro relevante um valor distinto daquele da gramática adulta, provocando uma mudança na língua.” (MIOTO; SILVA; LOPES, 2005, p. 36)

Sobre o caráter dinâmico e criativo da língua, podemos dizer que Chomsky considera a língua um conjunto infinito de frases, tal que ela não se definiria somente pelas frases existentes, mas também pelas frases **possíveis**, sendo estas as que podemos criar a partir das regras, pois “os falantes interiorizam um sistema de regras que os torna aptos a produzir frases, mesmo as que nunca foram ouvidas, mas que são possíveis na língua.” (ORLANDI, 1986, p. 40)



Pesquise mais

Se tiver interesse por conhecer um dos mais famosos argumentos contra a ideia de que a recursividade seria uma característica presente em todas as línguas naturais, leia a matéria a seguir sobre a pesquisa do linguista Dan Everett na tribo amazônica Pirahã e, no segundo link, uma entrevista com Noam Chomsky, em que ele fala sobre essa polêmica, dentre outros assuntos.

TRIBO da Amazônia põe em xeque teoria de Chomsky. **BBC BRASIL**, 11 abr. 2007. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070411_tribobrasilinguagemnyfn.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2017.

LOPES, Rodrigo Garcia. Erro de gramática. **Folha de S.Paulo**, +mais, São Paulo, 2007. Especial para a Folha. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2904200706.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

Aplicações da teoria gerativa no ensino de língua portuguesa

“Qual poderia ser a contribuição da teoria gerativa, efetivamente, para o ensino de língua portuguesa?”, você pode estar se perguntando agora. Apesar de esta ser uma teoria relativamente mais recente do que as outras já estudadas, já há muita discussão a respeito de propostas de mudanças no ensino de língua materna na escola, com base nas reflexões trazidas pelo Gerativismo.

Algumas propostas da teoria gerativa amparam as resoluções

dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados em 1998, que propõem que “o ensino normativo da gramática não deve ser o objeto das aulas de língua portuguesa na Educação Básica” (KENEDY, 2013, p. 2). Essa abordagem propõe, no lugar, uma preferência pela gramática descritiva, considerando o **uso linguístico** e as variedades da língua, a fim de promover reflexões sobre sua estrutura. Assim, a gramática passaria a ser uma ferramenta para o ensino dos aspectos do uso da língua, e não um fim em si mesmo (KENEDY, 2013).

Como o Gerativismo é uma teoria de linguagem centrada na sintaxe, a unidade linguística escolhida para o estudo é a frase. Dessa forma, há propostas que consideram ser melhor estudar a língua através das **relações sintáticas** que os termos têm na frase em vez de estudar a frase dentro de seu contexto maior, pois isso poderia ser irrelevante “para a descrição de um fenômeno morfossintático pontual, como, por exemplo, a concordância” (KENEDY, 2013, p. 2). Essa noção configuraria uma independência da sintaxe como objeto de estudo para o professor, segundo Kenedy (2013).

Enfim, essas propostas de mudanças baseadas nas ideias gerativistas poderiam resultar numa maior simplificação das noções a ser ensinadas, relativas à sintaxe da língua. Como exposto por Kenedy (2013), o professor poderia ensinar aspectos de concordância verbal ou nominal, em vez de o objeto de aprendizagem ser as noções de sujeito, predicado etc., como seria na gramática normativa. Dessa forma, a reflexão sobre a língua se complementaria ao seu uso e poderia haver maior coerência na descrição linguística.



Assimile

Ao final desta seção, propomos que você reflita sobre algumas das acepções dos termos *frase*, *enunciado* e *oração*, que apresentamos logo em seguida. Nesta disciplina, usamos ora um termo, ora outro, conforme os autores em que nos baseamos para estudo de cada teoria. É importante que você saiba que esses termos, apesar de terem aplicações muito próximas, são distintos. Então, cada teoria pode acabar optando por um e não por outro. Vejamos a definição de cada um desses termos, segundo o Dicionário Priberam On-line:

frase: “reunião de palavras que forma um sentido completo; locução;

expressão" (FRASE, 2008-2013).

enunciado: "sequência de unidades linguísticas produzida por um sujeito, em determinado contexto" (ENUNCIADO, 2008-2013).

oração: "[Gramática] proposição" (ORAÇÃO, 2008-2013).

Assim, fique atento ao uso de um ou outro termo, pois eles podem indicar o que cada teoria enfatiza ou prioriza em sua análise.

Sem medo de errar

Aqui, vamos apresentar os principais pontos que Daniel deve abordar para escrever seu trabalho sobre o fenômeno da **recursividade**, com o exemplo da brincadeira "Fui à feira" para explicar o encadeamento de constituintes. Para isso, focaremos nas explicações linguísticas do fenômeno, assim como apresentaremos uma explicação extralinguística para o final da brincadeira, que é precisamente seu momento de desafio:

Como a brincadeira "Fui à feira" funciona:

Criança 1 diz: Fui à feira e comprei maçã.

Criança 2 diz: Fui à feira e comprei maçã e banana.

Criança 3 diz: Fui à feira e comprei maçã, banana e uva.

Criança 4 diz: Fui à feira e comprei maçã, banana, uva e pastel.

Criança 5 diz: Fui à feira e comprei maçã, banana, uva, pastel e caldo de cana.

Etc.

Por que é um exemplo relevante?

A brincadeira permite visualizar o possível encadeamento de constituintes na linguagem humana, sem que haja um limite preciso para isso. Essa seria uma característica linguística chamada

recursividade.

O final da brincadeira, que termina quando uma das crianças confunde a ordem, ou esquece qual era o próximo item a ser nomeado, representa uma questão **extralinguística**, que seria um limite de memória, por exemplo. Isso é dizer que a recursividade, como fenômeno linguístico, poderia ser, teoricamente, infinita. No entanto, há outros fatores, como o funcionamento da memória, que influenciam a efetiva realização desse fenômeno.

Faça valer a pena

1. “Inspirado no racionalismo e na tradição lógica dos estudos da linguagem, ele [Noam Chomsky] propõe uma teoria a que chama gramática e centra seu estudo na sintaxe. [...] Assim é que surge a *Gramática Gerativa* de Noam Chomsky.” (ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é Linguística?** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 38. (Coleção Primeiros Passos)

Assinale a alternativa que responde corretamente por que a gramática de Noam Chomsky tem o nome de *gramática gerativa*.

- a) Porque é uma gramática que gera, automaticamente, todas as possíveis frases de todas as línguas, ao mesmo tempo.
- b) Porque é uma gramática que funciona à base de um “gerador mental”, que seria o componente fonológico da língua.
- c) Porque é uma gramática que permite gerar um número limitado de seqüências a partir de um número infinito de regras.
- d) Porque é uma gramática que gera regras sobre o que o falante pode ou não dizer, de acordo com a norma padrão da língua.
- e) Porque é uma gramática que permite gerar um número infinito de seqüências a partir de um número limitado de regras.

2. “A faculdade da linguagem é composta por princípios que são leis gerais válidas para todas as línguas naturais; e por parâmetros que são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas.” (MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. O estudo da gramática. In: _____. **Novo manual de sintaxe**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. p. 24.)

Com base no trecho acima sobre os princípios e parâmetros do gerativismo,

analisar as afirmativas a seguir:

I. Uma sentença que viola um princípio não é tolerada em nenhuma língua natural, provavelmente, porque tem a ver com a forma como o cérebro/a mente da espécie funciona.

II. Uma sentença que não atende a uma propriedade paramétrica pode ser gramatical em uma língua e agramatical em outra.

III. A famosa frase de Chomsky, literalmente traduzida por "As ideias verdes incolores dormem furiosamente" é um exemplo de sentença gramatical, pois é possível na língua.

IV. A frase **que livro você conhece uma pessoa que escreveu?* é considerada agramatical e, por isso, é precedida por um asterisco na frente.

De acordo com a teoria gerativista, estão corretas:

- a) Apenas as afirmativas I e II.
- b) Apenas as afirmativas I e III.
- c) Apenas as afirmativas I, II e IV.
- d) Apenas as afirmativas II e IV.
- e) As afirmativas I, II, III e IV.

3. "A noção gerativista de cognição está associada à especificidade biológica da linguagem humana, isto é, ela propõe que a linguagem é regulada por fatores associados ao desenvolvimento de uma capacidade inerente à nossa estrutura genética e que se dissocia de outras capacidades mentais referentes ao processamento de informações ou à inteligência de um modo geral." (KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 59-60.)

Com base na leitura do excerto, julgue as afirmativas a seguir como verdadeiras ou falsas:

- I. A competência permite ao falante decidir se uma sentença é gramatical ou não.
- II. Quando o falante põe em uso sua competência para produzir as sentenças que fala, esse é seu desempenho.
- III. No gerativismo, uma frase é agramatical quando ela não segue a norma culta padrão da língua.

Assinale a alternativa com a sequência correta:

- a) V-F-V.
- b) V-V-V.
- c) V-V-F.
- d) F-V-V.
- e) V-F-F.

Seção 3.2

Funcionalismo

Diálogo aberto

Na seção anterior, você viu uma das mais importantes (e atuais) teorias desenvolvidas no século XX, o Gerativismo. Esta é considerada uma teoria formalista, ou seja, aquela que tem como foco a forma, a estrutura da língua, em oposição ao seu conteúdo. Nesta seção, vamos ver outra proposta de estudos, de cunho não formalista: o Funcionalismo linguístico. Originado, inicialmente, como uma vertente do Estruturalismo (estudado na Seção 2.3), o Funcionalismo propõe análises de linguagem menos formais ao considerar a situação em que ocorre a interação verbal. Essa vertente foca suas análises nas situações reais de fala, ou seja, no uso da língua. A fim de explorarmos as possibilidades dessa vertente, vamos retomar o contexto de aprendizagem desta unidade?

Na seção anterior, conhecemos o personagem Daniel, um aluno do curso de Letras que está se preparando para iniciar seu estágio numa escola no semestre seguinte. Por enquanto, Daniel precisa elaborar alguns pequenos trabalhos para a disciplina que ele cursa neste semestre, que é de caráter teórico, preparatória para o estágio. Após a aula sobre o Gerativismo, Daniel estudou o Funcionalismo linguístico. Desta vez, seu professor propôs uma nova tarefa: cada aluno deveria entregar, para a próxima aula, uma breve análise sobre um fenômeno linguístico utilizando um dos conceitos do Funcionalismo que ele julgasse interessante explorar. Daniel, então, decidiu que gostaria de elaborar sua tarefa sobre as categorias *tema* e *rema*, propostas por Firbas, no Funcionalismo europeu. Para isso, pensou em propor um curto diálogo entre duas pessoas, com uma fala cada um, a fim de explicitar o contexto verbal no momento de categorizar as estruturas em *tema* ou *rema*. Baseado no exemplo de Furtado da Cunha (2011, p. 161), presente nesta seção, como você poderia ajudar Daniel a elaborar sua explicação?

Para auxiliá-lo nessa tarefa, você precisará retomar os conceitos

de informação dada (ou já conhecida) e de informação desconhecida pelo interlocutor. Agora que sabemos por onde continuar nosso caminho na Linguística, vamos nos aprofundar, com o Funcionalismo linguístico, no estudo da linguagem inserida num contexto?

Não pode faltar

O Funcionalismo em Linguística

Como vimos até aqui, os estudos linguísticos no século XX vinham apresentando uma tendência cientificista muito forte. Até o final da década de 1950, estava em vigor a vertente estruturalista na Linguística, que entendia a língua como um sistema fechado e homogêneo por ter grande influência dos estudos de Ferdinand de Saussure, no início do século XX. Martins (2009, p. 19) afirma que alguns linguistas, após Saussure, consideravam as línguas “entidades autônomas, independentes do uso na situação interativa do discurso”. Por outro lado, havia propostas estruturalistas que contrariavam essa ideia de autonomia da língua, pregando que ela deveria ser analisada com a função de estabelecer relações comunicativas entre os falantes, ou seja, associada ao seu uso. Segundo Martelotta (2006 apud MARTINS, 2009), essa alternância na abordagem estrutural, que tomava a língua ora como entidade autônoma, ora como sistema funcional, acabou influenciando duas grandes tendências teóricas que, até hoje, estão presentes na Linguística: o *formalismo*, representado, principalmente, pelo Gerativismo de Noam Chomsky, e o *funcionalismo*.

O funcionalismo linguístico difere das abordagens formalistas – Estruturalismo e Gerativismo – por conceber a linguagem como um instrumento de interação social, tendo um interesse de investigação linguística que vai além da estrutura gramatical, pois busca no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. (MARTINS, 2009, p. 18)



Consideramos, aqui, que o Funcionalismo se originou a partir da abordagem estruturalista da linguagem, embora com algumas

propostas distintas, como a de tomar a linguagem como uma ferramenta de **interação social**. Você pode entender o Funcionalismo como uma corrente linguística que, ao contrário do Estruturalismo e do Gerativismo, tem como foco investigar a relação entre a “estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 157). Isso significa que os funcionalistas consideram a motivação do falante no **momento da situação** comunicativa, ao contrário de observar somente a estrutura gramatical de um enunciado, como ocorre em abordagens que consideram a sintaxe autônoma e desconsideram outros fatores, como o sentido (estudo da semântica), a intenção do falante, o contexto etc.



Exemplificando

Furtado da Cunha (2011, p. 157) traz o exemplo do par de sentenças: (a) *Você é desonesto* e (b) *Desonesto é você* para justificar a relevância da abordagem funcionalista ao defender que uma análise meramente sintática não daria conta de explicar a diferença entre essas duas sentenças, pois (b) configuraria uma situação típica de réplica, só fazendo sentido num contexto em resposta a um insulto anterior. Então, uma abordagem funcionalista da linguagem ampliaria o campo de visão do linguista, fazendo com que ele passasse a recorrer ao **contexto** em que estão inseridas as situações comunicativas, a fim de explicá-las.

Como veremos mais detalhadamente a seguir, podemos considerar que o Funcionalismo teve sua origem na Europa, na década de 1920, antes mesmo da proposta gerativista de Chomsky, que data da publicação de *Estruturas Sintáticas*, em 1957. Mais tarde, no entanto, a partir de 1975, surgiram na literatura norte-americana algumas análises linguísticas explicitamente classificadas como funcionalistas, como “reação às impropriedades constatadas nos estudos de cunho estritamente formal, ou seja, nas pesquisas estruturalistas e gerativistas” (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 163). Em contraponto ao Gerativismo, que é uma teoria de linguagem proposta, inicialmente, somente por Noam Chomsky, o Funcionalismo é caracterizado como uma corrente linguística formada por diferentes propostas e concepções, justamente por fazer parte de um movimento de

linguistas que buscava fazer referência à **função comunicativa** de dada estrutura linguística, a fim de ser mais bem estudada (FURTADO DA CUNHA, 2011). Essa particularidade, então, caracteriza todos os funcionalismos que estudaremos.

Sabemos que não é fácil caracterizar uma vertente da Linguística quando ela pode ser tão **heterogênea** e, portanto, não tão bem-definida, como o Gerativismo, estudado na seção anterior. Nesta seção, você verá alguns exemplos de análises funcionalistas de vários linguistas, entendendo que o que as une é justamente a possibilidade de defini-las como funcionalistas. Para ajudá-lo a compreender quais pontos em comum a maioria das análises funcionalistas parece ter, elencaremos a seguir algumas das características que tendem a permear uma análise funcionalista e que, para todos os efeitos, servem para classificá-la como tal.



Assimile

"Os rótulos que se conferem aos estudos ditos 'funcionalistas' mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam." (NEVES, 1997 apud MARTINS, 2009, p. 21)

Em oposição ao Gerativismo, no Funcionalismo o linguista opta por trabalhar com **dados reais** de fala ou escrita retirados diretamente de contextos efetivos de comunicação. No Estruturalismo, o linguista já priorizava o uso de *corpora* linguísticos, mas, no Funcionalismo, ele vai além e dá preferência aos *corpora* de entrevistas transcritas, ou seja, de língua falada. Essa abordagem evita o uso de frases inventadas, como é possível numa análise gerativista, que leva em conta a competência do falante para julgar se uma frase é gramatical ou não. Outra oposição que podemos perceber entre as duas vertentes teóricas diz respeito à noção de *universais linguísticos*, que, para um funcionalista, é explicada pela "universalidade dos usos a que a linguagem serve nas sociedades humanas" (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 158). Segundo Dik (1978 apud CASTILHO, 2014, p. 66), esses universais são "especificações inerentes às finalidades da

comunicação, à constituição dos usuários da língua e aos contextos em que a língua é usada”. Essa visão contrapõe-se à postura gerativista que liga a ideia de *universais linguísticos* à genética humana, através da noção dos princípios (da Teoria de Princípios e Parâmetros) que estudamos na seção anterior.

Você pode até se perguntar: como fica a questão da aquisição da linguagem pela criança para um funcionalista? A resposta é: ela está ligada ao desenvolvimento das habilidades comunicativas da criança na sociedade. Essa visão corrobora a ideia de que a língua não é considerada um sistema autônomo, no Funcionalismo, pois, aqui, o sistema linguístico deve ser entendido com base em **noções extralinguísticas**, como *“cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, etc.”* (NEVES, 1997 apud MARTINS, 2009, p. 21, grifos do autor).

Com base na ideia de que não podemos dissociar as línguas de seu uso, justamente por existirem para estabelecer **relações comunicativas** entre os falantes, temos a noção de função como o uso da língua voltado para uma finalidade (MARTINS, 2009). Podemos, assim, reunir várias vertentes linguísticas do século XX sob o mesmo nome: funcionalistas. E é com essas características em mente que veremos, a seguir, a origem do Funcionalismo em Linguística, na Europa.

Funcionalismo europeu

Como já vimos, o Funcionalismo originou-se em meio ao Estruturalismo do início do século XX, na Europa, inicialmente com destaque nos estudos fonológicos. Na unidade anterior, estudamos a proposta da dupla articulação da linguagem, cujo autor foi o linguista André Martinet, que é considerado um funcionalista e que teve contato com o **Círculo Linguístico de Praga** (CLP), de que falaremos agora (ILARI, 2004). Vamos, então, conhecer as teorias de outros autores funcionalistas.

As primeiras análises consideradas funcionalistas foram atribuídas aos membros da **Escola de Praga**, que se originou no Círculo Linguístico de Praga (CLP) – fundado em 1926 pelo linguista tcheco Vilém Mathesius –, cujos membros opunham-se à nítida distinção entre sincronia e diacronia e à noção de homogeneidade do sistema

linguístico. Segundo Furtado da Cunha (2011), uma das principais contribuições do CLP foi cunhar os termos *função/funcional* como fundamento teórico básico do funcionalismo e das análises que consideram parâmetros pragmáticos e discursivos.

Um dos principais representantes da Escola de Praga foi Nikolai Trubetzkoy, conhecido por estabelecer a função distintiva de fonemas (que exploramos melhor na Seção 2.2) e as **funções demarcadora e expressiva** dos fonemas. A primeira marcaria a fronteira entre uma forma e outra na cadeia da fala (como o acento tônico no português no par *fábrica/fabrica*, em português), ao passo que a segunda indicaria o estado de espírito do falante, sendo expressada numa pronúncia *enfática*, com o alongamento da vogal (em /liiiiindo/) (FURTADO DA CUNHA, 2011).

Outro grande representante da Escola de Praga foi Roman Jakobson, que propôs o conceito de **marcação** também na **morfologia**, antes aplicado apenas na fonologia. Essa proposta estabelece a distinção entre categorias marcadas e não marcadas, num contraste binário. Por exemplo, da mesma forma que na fonologia a oposição p/b seria dada pelo traço vozeado, sendo /b/ o fonema marcado [+vozeado]; na morfologia, por exemplo, na categoria de número, a forma *meninos* é *marcada* [+plural], em oposição a *menino* [-plural], forma não marcada (FURTADO DA CUNHA, 2011).

A década de 1960 no Funcionalismo europeu foi marcada também pela contribuição de outros linguistas, como Jan Firbas com seu modelo de estrutura informacional da sentença. Segundo Furtado da Cunha (2011), o modelo de Firbas propõe que parte da sentença, configurada como **tema**, representa informação dada, ou já conhecida pelo ouvinte, que seria menos dinâmica comunicativamente, pois ela comunica a menor quantidade de informação possível aos interlocutores no contexto. Por sua vez, a parte da sentença com informação nova seria mais dinâmica, configurando o **rema**.



Exemplificando

Exemplo de tema/rema num diálogo, em Furtado da Cunha (2011, p. 161):

A: O que Maria comprou?

B: Maria comprou uma bolsa preta.

Nesse contexto, "Maria comprou" é o tema e "uma bolsa preta" é o rema. A tendência geral é que "as partes que contêm o menor grau de dinamismo comunicativo tendem a vir no início da sentença, enquanto as partes com o grau mais alto vêm por último".

Na chamada Escola de Genebra, vemos a influência de Saussure nos trabalhos de Charles Bally e Henri Frei, dentre outros linguistas. A Bally é atribuído o estudo dos elementos afetivos da linguagem, focando nos **desvios** que o uso individual (a fala) impõe ao sistema (a língua), com base numa concepção de língua e fala que não distingue ambas, sendo esta uma posição teórica funcionalista por definição. Frei, por sua vez, analisou os desvios da gramática normativa como reflexo de tendências resultantes da necessidade de comunicação, o que constituiria uma fonte muito produtiva para os estudos linguísticos (FURTADO DA CUNHA, 2011).

Na década de 1970, na chamada Escola de Londres, temos a teoria funcional de Michael K. Halliday, que introduziu um conceito amplo de função, incluindo as funções de enunciados e textos e as das unidades dentro de uma estrutura. Esse autor também defende que a natureza da linguagem e seu desenvolvimento individual devem ser estudados no contexto dos **papéis sociais** desempenhados pelos indivíduos (FURTADO DA CUNHA, 2011).

O final da década de 1970, na Europa, é marcado por contribuições do **grupo holandês** de funcionalistas, cujo representante Simon Dik e seus seguidores propuseram um modelo de sintaxe funcional de análise de funções da sentença em três níveis distintos. Apresentemos, aqui, o exemplo de Furtado da Cunha (2011, p. 162) para uma possível análise nesses três níveis: "João chegou cedo". João desempenharia função sintática de sujeito, função semântica de agente e função pragmática de tema. As funções semânticas são associadas aos predicados no léxico (*agente + chegar*), e o núcleo de sentença (*João*

chegou) pode ser ampliado por satélites (*cedo*). As funções sintáticas seriam relacionadas aos seus elementos e, por fim, às funções pragmáticas.



Pesquise mais

Se tiver interesse em conhecer uma das principais obras traduzidas de um dos autores considerados funcionalistas, indicamos a leitura de *Linguística e comunicação*, de Roman Jakobson. Essa obra reúne textos básicos do autor sobre diversas áreas da Linguística.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

Funcionalismo norte-americano

O funcionalismo nos Estados Unidos também foi marcado pela contribuição de vários linguistas estruturalistas diferentes, influenciados ora pela tendência formalista de Bloomfield, ora pelo trabalho de etnolinguistas, como Boas, Sapir e Whorf (estudados na Seção 2.3).

Considerado um dos precursores do funcionalismo norte-americano, Dwight Bolinger propôs que **fatores pragmáticos** operariam em determinados fenômenos linguísticos estudados pelos estruturalistas e gerativistas. Sua análise foi de casos particulares, como a pragmática da ordenação das palavras na cláusula (FURTADO DA CUNHA, 2011).



Vocabulário

Pragmática: “parte da linguística que estuda o uso da linguagem, tendo em conta a relação entre os interlocutores e a influência do contexto” (PRAGMÁTICA, 2008-2013).

A partir da década de 1960, nos Estados Unidos, trabalhos como os de Joseph Greenberg questionavam o princípio da arbitrariedade de Saussure, que estava presente em vertentes estruturalistas até então.

Esse tipo de análise prediz uma **correlação direta entre um conceito e sua representação linguística quando os linguistas** se debruçam nos estudos sobre os universais linguísticos e os estudos tipológicos (FURTADO DA CUNHA, 2011). Ainda nesta seção, exploraremos essa ideia contrária à arbitrariedade no princípio funcionalista da *iconicidade*.

A partir de 1975, surgem novas concepções de gramática, como as noções de gramática emergente, de Hopper, ou *sistema adaptativo*, de Du Bois. Para esses autores, a gramática seria constituída **nos contextos discursivos específicos**. Essas teorias são um reflexo do objetivo funcionalista de explicar a língua com base em aspectos extralinguísticos, como o contexto no qual a situação comunicativa ocorre. Dessa forma, a gramática é vista como um organismo adaptável às necessidades comunicativas dos falantes, pois “a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, **sistematizados pelo uso**, ao lado de mecanismos de codificação emergentes.” (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 164, grifos nossos)

Agora, vamos explorar os chamados **princípios fundamentais do Funcionalismo norte-americano**, relacionados a uma visão dinâmica do funcionamento das línguas, com a gramática diretamente ligada a fatores extralinguísticos. O primeiro princípio diz respeito à **informatividade**, que está relacionada ao conhecimento compartilhado entre os participantes da situação comunicativa verbal (MARTINS, 2009). A ideia, aqui, é que a comunicação entre os indivíduos tem o intuito de levar informação a respeito de algo. Há vários autores e suas respectivas teorias sobre esse princípio, mas, geralmente, uma informação seria dada se ela já for conhecida do interlocutor; *inferível* se puder ser depreendida (do contexto, por exemplo) e nova se for desconhecida do interlocutor, sem que seja possível retomá-la de outro modo. Repare como esse princípio explora, como fatores extralinguísticos, não só o contexto da interação verbal, mas também fatores como a **consciência** e a **memória** do falante, de modo a investigar como ele retém a informação no discurso.

O segundo princípio fundamental do Funcionalismo é o da **iconicidade**, em que a relação entre forma e significado (expressão e conteúdo), agora, é considerada **motivada**, ao contrário do que era proposto desde o *Curso de Linguística Geral*, de Saussure. Então, passa-se a considerar que a estrutura da língua reflete a experiência

do falante; e, se a linguagem é algo inerente à espécie humana, podemos supor que “a estrutura linguística revela as propriedades da conceitualização humana do mundo ou as propriedades da mente humana” (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003 apud MARTINS, 2009, p. 32). Alguns subprincípios da iconicidade são: **quantidade de informação**, em que a relevância da quantidade de informação a ser transmitida está diretamente ligada à quantidade da forma a ser utilizada no processo de codificação morfossintática da informação; **proximidade entre constituintes** (expressão e conteúdo), em que os conteúdos mais cognitivamente integrados também são manifestados de modo mais integrado no nível da codificação; e **ordenação sequencial dos segmentos**, em que a informação mais previsível (mais tópica) tende a ocupar o começo da cadeia sintática (MARTINS, 2009).

E, finalmente, o terceiro princípio funcionalista fundamental é o da **marcação**, originalmente introduzido pela Escola Linguística de Praga, que categoriza as estruturas da língua em dois polos: **marcada** e **não marcada**. Geralmente, são consideradas marcadas as estruturas de baixa frequência no uso da língua, ou seja, as mais raras. Em contrapartida, as estruturas não marcadas costumam ter alta frequência de uso, sendo mais usuais. Votre (1996 apud MARTINS, 2009) apresenta três critérios básicos para que possamos identificar essas categorias: *complexidade estrutural*, *distribuição de frequência* e *complexidade cognitiva*. A forma marcada, então, seria mais complexa (elaborada) do que a não marcada, além de mais rara e mais saliente, cognitivamente.



Reflita

Qual paralelo pode ser traçado entre o uso de recursos extralinguísticos nas categorias funcionalistas **marcada** e **não marcada** e a vantagem da **dupla articulação de linguagem** (estudada na Seção 2.2), em termos de capacidade de memória, por exemplo?

Enfim, pelo que você estudou até agora, deve poder entender não só as diferenças, mas também o impacto de todas essas propostas funcionalistas para as análises linguísticas. Podemos, então, considerar que estudos com viés funcionalista concebem a gramática de

uma língua como uma estrutura maleável e adaptável ao uso, que considera, além do contexto linguístico, o contexto extralinguístico também, como a intenção do falante, sua capacidade de atenção e memória, dentre outras possibilidades (MARTINS, 2009). Vamos, agora, estudar como algumas propostas do Funcionalismo linguístico podem ser aplicadas em sala de aula?

Aplicações da abordagem funcionalista no ensino da língua portuguesa

Agora que já tomamos conhecimento da vertente funcionalista na Linguística, com seus conceitos e suas contribuições, podemos explorar como essas reflexões sobre a linguagem afetaram diretamente as propostas escolares. Para isso, vamos comparar, inicialmente, a orientação geral da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB nº. 9.394/1996 (LDB/1996), com a versão mais antiga, LDB nº. 5.692/1971 (LDB/71). Segundo Oliveira e Coelho (2003), a LDB/1996 traz uma nova orientação governamental baseada nas vertentes **transdisciplinaridade** e **caráter social do uso linguístico**, a fim de inspirar a atividade docente no ensino da língua portuguesa.

As mesmas autoras afirmam que a LDB/1971 enfatizava a fixação da nomenclatura gramatical, de modo frequentemente dissociado da análise do uso das categorias a partir de sua ocorrência no discurso. Essa repetição do estudo de conteúdos ao longo dos ensinos fundamental e médio contribuía para o aumento da sensação de fracasso escolar. Essa situação gerava um **paradoxo**: uma comunidade linguística de usuários com a sensação de que não sabiam falar a própria língua, tal que a norma culta escrita ficava parecendo um objetivo inatingível (OLIVEIRA; COELHO, 2003).

Quanto ao nível fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 2000 propõem como atividade de “análise e reflexão sobre a língua” a utilização do português, de forma competente, “como instrumental de acesso e apropriação de bens culturais e participação ativa no mundo letrado”, e também destacam sua “utilização na resolução e superação de situações e problemas do cotidiano” (BRASIL, 2000 apud OLIVEIRA; COELHO, 2003, p. 92). Segundo a autora, essas proposições se fundamentam na vertente funcionalista, pois “o aluno trabalha questões linguísticas para propósitos pragmáticos e comunicativos de maior evidência,

vinculados a seu ambiente histórico-social” (OLIVEIRA; COELHO, 2003, p. 92).

Assim, podemos ver que a abordagem funcionalista sobre o ensino de língua portuguesa propõe uma aproximação entre a língua portuguesa ensinada em sala de aula e o uso efetivo dela pelo aluno. Essa perspectiva explora contextos linguísticos e não linguísticos da produção e da compreensão do texto, o que, esperamos, possa contribuir para uma melhor aprendizagem do aluno em sala de aula.



Pesquise mais

Caso queira revisar seus conhecimentos sobre o funcionalismo linguístico, leia o capítulo “Funcionalismo”, do *Manual de Linguística*, disponível na Biblioteca Virtual.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.157-176.

Sem medo de errar

Para ajudar Daniel a escrever sua análise, vamos esboçar aqui uma possível resolução para sua tarefa:

Conceito escolhido - tema/rema, proposto por Jan Firbas.

Exemplo - diálogo seguinte:

A: Quem é o novo Papa?

B: O novo Papa é o Papa Francisco.

Resolução: no diálogo acima, *O novo Papa* seria o **tema**, pois é a informação dada, enquanto *o Papa Francisco* seria o rema, por ser a parte da sentença com informação nova.

Teoria: Para Firbas, o tema caracteriza-se por ter “menor grau de dinamismo comunicativo” (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 161), afinal, por ser uma informação já conhecida, não agrega uma nova

informação à situação comunicativa. O rema, por sua vez, teria o grau máximo de dinamismo e, como o autor observou, tende a vir na última posição da sentença.

Aqui, podemos também traçar um paralelo dos conceitos do Funcionalismo europeu de Firbas com o conceito de *ordenação sequencial dos segmentos*, um subprincípio do princípio funcionalista da *iconicidade*. Nesse subprincípio, temos que a informação mais previsível ocupa o início da cadeia sintática, por ser uma informação considerada mais tópica, ou seja, revela-se o que é mais importante para o falante (MARTINS, 2009).

Faça valer a pena

1. “O funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. Assim, a abordagem funcionalista apresenta não apenas propostas teóricas distintas acerca da natureza geral da linguagem, mas diferentes concepções no que diz respeito aos objetivos da análise linguística, aos métodos nela utilizados e ao tipo dos dados utilizados como evidência empírica.” (FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 157.)

Assinale a alternativa que contém três conceitos propostos pelo Funcionalismo linguístico.

- a) Arbitrariedade, sistema e signo.
- b) Competência, desempenho e inatismo.
- c) Informatividade, iconicidade e marcação.
- d) Monema, combinação e seleção.
- e) Distribuição, deriva e pertinência.

2. Leia o excerto a seguir:

“[...] a Linguística Funcional da costa oeste norte-americana defende uma investigação baseada no uso, observando a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. A ideia central é que a língua é usada, sobretudo, para satisfazer necessidades comunicativas.”

(FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira de. Situando o funcionalismo. In: _____. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 21-35. v. 2. (Coleção Leituras introdutórias em linguagem))

Com base na leitura do excerto, julgue em verdadeiras ou falsas as afirmativas a seguir sobre o Funcionalismo linguístico, seja em sua vertente europeia, seja em sua vertente americana:

- () O foco do Funcionalismo é investigar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas.
- () A função comunicativa de dada estrutura linguística não é estudada no Funcionalismo.
- () O Funcionalismo estuda a língua em si mesma, desconectada de seu contexto discursivo.

Assinale as alternativas com a sequência correta:

- a) V-V-V.
- b) V-F-F.
- c) V-V-F.
- d) F-V-F.
- e) F-F-F.

3. Leia com atenção o excerto a seguir:

“Tradicionalmente parte da cláusula que apresenta a informação velha é denominada tema, enquanto a parte que apresenta a informação nova é denominada rema. Alguns exemplos presentes em Ilari e Geraldí (1985) serão retomados aqui:

- 14) O que trouxe, desta vez, o carteiro?
Desta vez, o carteiro trouxe uma encomenda.
- 15) O que fez, desta vez, o carteiro?
Desta vez, o carteiro trouxe uma encomenda.
- 16) Quem trouxe a encomenda?
O carteiro trouxe a encomenda.”

(FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO,

Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 43.)

Com base em seus conhecimentos sobre o Funcionalismo e nos exemplos apresentados no excerto, assinale a alternativa que justifica a classificação de tema e rema do diálogo do texto-base.

- a) Em 14, o tema é o *carteiro trouxe uma encomenda*.
- b) Em 15, o tema é o *carteiro trouxe* e o rema é *uma encomenda*.
- c) Em 15, o tema é o *carteiro* e o rema é *trouxe uma encomenda*.
- d) Em 16, o tema é o *carteiro* e o rema é *a encomenda*.
- e) Tanto em 15 quanto em 16, o tema é o *carteiro trouxe*.

Seção 3.3

Sociointeracionismo

Diálogo aberto

No seu percurso de estudos pela Linguística até agora, você já conheceu teorias mais formais, que analisam a língua priorizando seu aspecto sintático, como o Gerativismo, e até mesmo algumas vertentes linguísticas menos formais, como o Funcionalismo, que prioriza em suas análises o contexto de interação verbal entre os falantes, inclusive suas intenções. No entanto, como poderíamos explicar o desenvolvimento da linguagem na espécie, se levarmos em conta, também, o contexto de interação social em que vivemos? Já estudamos, em seções passadas, que o ser humano apresenta linguagem, enquanto outros animais só apresentam códigos de comunicação. Mas o que mais poderia nos distinguir de outras espécies, nessa relação entre o desenvolvimento da linguagem, da racionalidade e do pensamento, em nossa evolução? Você poderá refletir sobre essas e outras questões ao estudar o Sociointeracionismo nesta seção. Então, vamos retomar o contexto de aprendizagem desta unidade, que conduzirá você em seu percurso de aprendizado.

Daniel é um aluno de Letras cursando, atualmente, uma disciplina teórica que tem como foco preparar os alunos para começar seu estágio obrigatório em escola no semestre seguinte, cujo tema é o ensino e a aprendizagem da língua materna na escola a partir do estudo de algumas teorias linguísticas. Ele já entregou alguns pequenos trabalhos a pedido do professor dessa disciplina e, agora, como trabalho final, seu professor pediu que os alunos fizessem uma breve análise do processo de aquisição de linguagem de uma criança retomando os principais conceitos propostos por Vygotsky, estudados na aula sobre o Sociointeracionismo. Para esse trabalho, Daniel decidiu apresentar exemplos de discurso socializado, discurso interior e fala egocêntrica que observou em sua sobrinha, Juliana, ainda pequena, os quais apresentamos a seguir:

1. Juliana, ao acordar, diz “mamã” para que seu pai lhe traga a

mamadeira, e assim ele o faz.

2. Juliana, brincando de boneca sozinha, diz: “Vou dar de comer para ela e depois vou dar banho nela e depois a gente vai dormir” e, em seguida, brinca de realizar essas ações com a boneca.
3. Juliana começa a brincar sozinha com um jogo de quebra-cabeças e diz: “laranja-canto” e logo separa a peça alaranjada, com dois lados retos, para vir a ser o canto do quebra-cabeça.

Vamos auxiliar Daniel na elaboração de seu trabalho final? Para isso, você deverá refletir sobre: a influência das relações sociais no desenvolvimento do pensamento e da linguagem; a relação homem/mundo realizada através de sistemas simbólicos; e a aprendizagem dos diferentes tipos de discurso, do chamado *socializado* até o *interior*, passando pela *fala egocêntrica*. Sabendo, agora, do que se trata esta seção, vamos começar o estudo de sua teoria?

Não pode faltar

O Sociointeracionismo

Ao estudarmos o Funcionalismo linguístico na Seção 3.2, pudemos entender a importância dos estudos linguísticos que consideram o uso da língua na situação comunicativa, isto é, considerando seu contexto. Outra corrente que considera a interação no uso da linguagem é o **Sociointeracionismo**, uma teoria de aprendizagem que se situa no campo da psicologia sócio-histórica. Sua importância para esta disciplina está, precisamente, no foco dado à língua e à fala, assim como às suas relações com o pensamento, com o outro e com a sociedade.

Um dos maiores teóricos sociointeracionistas foi Lev Semenovich **Vygotsky** (1896-1934), nascido onde hoje é Belarus, país da extinta União Soviética. Além de ter cursado Direito na universidade, interessou-se por várias outras áreas de estudo, cursando também Medicina, por exemplo, pois tinha interesse em “trabalhar com problemas neurológicos como forma de compreender o funcionamento psicológico do homem” (OLIVEIRA, 1997, p. 19).

Vygotsky e outros teóricos russos da época, como Luria e Leontiev, constituíam um grupo intelectual da Rússia pós-Revolução que buscava a construção de uma *nova psicologia*, que seria uma síntese de duas fortes tendências na Psicologia do início do século XX: a **psicologia como ciência natural** e a **psicologia como ciência mental**. A primeira, relacionada à psicologia experimental, considerava o homem um *corpo* e procurava explicar processos elementares sensoriais e reflexos, além de buscar quantificar fenômenos observáveis e subdividir processos complexos em partes menores para facilitar a análise. Por sua vez, a segunda, relacionada à filosofia e às ciências humanas, procurava descrever “as propriedades dos **processos psicológicos superiores**, tomando o homem como mente, consciência e espírito” (OLIVEIRA, 1997, p. 22-23, grifos nossos), sendo essa uma abordagem do tipo descritiva, subjetiva e voltada ao estudo de fenômenos globais.



Assimile

Processos psicológicos superiores são “aqueles que caracterizam funcionamento psicológico tipicamente humano: ações conscientemente controladas, atenção voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, comportamento intencional”. Diferenciam-se de reflexos, reações automáticas e associações simples, que seriam mecanismos mais elementares (OLIVEIRA, 1997, p. 23).

Refutando abordagens radicais, a **síntese** entre as tendências descritas acima traz a ideia do surgimento de algo novo, e não só a justaposição ou soma das ideias já existentes. Com isso, essa nova proposta, realizada por esses teóricos russos, integra o homem “enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e ser social, enquanto membro da espécie humana e participante de um processo histórico” (OLIVEIRA, 1997, p. 23). As três ideias centrais dessa nova abordagem são: **suporte biológico** das funções psicológicas, que são produto da atividade cerebral, ao considerar o cérebro como um sistema que é muito plástico, ou seja, apto a desenvolver novas funções; **relações sociais** entre indivíduo e mundo exterior fundamentando o funcionamento psicológico; e a mediação da relação homem/mundo feita através de **sistemas simbólicos** (OLIVEIRA, 1997).

Tomando a linguagem como um “sistema simbólico fundamental de qualquer grupo humano”, Rego (1995, p. 53) afirma que, com o surgimento da linguagem, houve **três mudanças nos processos psíquicos do ser humano**. Uma delas é que ele passou a ter a capacidade de lidar com objetos do mundo exterior mesmo quando estão ausentes. A autora cita como exemplo a frase *O vaso caiu*, que permite a compreensão do evento descrito, mesmo que não o tenhamos presenciado. Outra mudança foi o processo de abstração e generalização que a linguagem possibilita, uma vez que a palavra generaliza o objeto, categorizando-o. Dessa forma, “árvore” designa qualquer árvore (independentemente de suas características) e não uma árvore específica, pois a linguagem “fornece conceitos e modos de ordenar o real em categorias conceituais” (REGO, 1995, p. 53). A terceira mudança diz respeito à comunicação humana que garante, pela interação entre os membros da espécie, “preservação, transmissão e assimilação de informações e experiências acumuladas pela humanidade ao longo da história” (REGO, 1995, p. 54).



Refleta

Você deve se lembrar de como era limitada a comunicação das abelhas, no experimento de von Frisch (discutido na Seção 3.1). Qual é a diferença entre essa comunicação e nossa capacidade, por meio da linguagem, de lidar com os objetos do mundo exterior? Pense sobre o modo como as abelhas conseguiam transmitir informação umas às outras.

Nessa mesma linha, de síntese das duas perspectivas da psicologia, Vygotsky propõe a distinção entre **conceitos cotidianos** e **conceitos científicos**. Segundo Rego (1995, p. 76), Vygotsky entende conceito como um “sistema de relações e generalização contidos nas palavras e determinado por um processo histórico cultural”, em que os grupos culturais selecionam os atributos necessários e suficientes para defini-lo, com base em características dos elementos encontrados no mundo real (OLIVEIRA, 1992 apud REGO, 1995). Assim, os **conceitos cotidianos** (também chamados espontâneos), para Vygotsky, seriam construídos a partir da observação e vivência direta da criança, enquanto os conceitos chamados *científicos*, adquiridos pelo ensino sistemático, seriam relacionados aos eventos que não são diretamente acessíveis à observação/ação imediata da criança (REGO, 1995).



Exemplificando

A criança pode construir o conceito gato através de vivências de seu cotidiano, com essa palavra resumindo e generalizando as características do animal, distinguindo-o de outros objetos do mundo real (*livro, cão etc.*). Já na escola, o conceito gato pode ser ampliado, tornando-se mais abstrato e abrangente, incluído num sistema de abstrações graduais, como: *gato, mamífero, vertebrado etc.* (REGO, 1995).

O papel mediador da linguagem segundo Vygotsky

Uma das principais ideias para a compreensão das concepções vygotskianas é a de **mediação**, através da qual as funções psicológicas superiores se desenvolvem, distinguindo o homem dos outros animais. Para entender o que é mediação, você deve pensar não numa relação direta entre duas coisas, mas numa relação que tenha um intermediário, ou seja, numa relação mediada por outro elemento. A fim de ilustrar essas diferentes relações (não mediada e mediada), Oliveira (1997) traz como exemplo a situação de um indivíduo que aproxima sua mão de uma vela acesa e a retira rapidamente ao sentir dor, sendo essa uma situação não mediada. No entanto, quando o indivíduo retira sua mão somente ao se *lembrar* da dor que sentiu em outra ocasião, sem ter efetivamente tocado na chama da vela desta vez, “a relação entre a chama da vela e a retirada da mão estará mediada pela lembrança da experiência anterior” (OLIVEIRA, 1997, p. 26). A autora completa sua explicação apontando que, caso o indivíduo fosse avisado por outra pessoa de que poderia se queimar, a relação entre a chama da vela e a retirada da mão estaria mediada pela intervenção dessa outra pessoa.

Dessa forma, a relação homem-mundo não seria direta como no exemplo da dor causada pela aproximação direta da chama da vela, mas mediada por ferramentas auxiliares da atividade humana, como ocorre no exemplo da lembrança da dor de uma experiência passada ou do aviso de outra pessoa sobre a chama da vela. Assim, Vygotsky distingue os dois tipos de ferramentas mediadoras: os instrumentos e os signos. Os **instrumentos** auxiliariam nas ações concretas, regulando os objetos no mundo. A teoria sociointeracionista, então,

apoia-se na ideia marxista de que o desenvolvimento de algumas habilidades e funções específicas humanas, assim como a origem de nossa sociedade, é resultado do aparecimento do **trabalho**. E é através dele que o homem transforma a si mesmo e a natureza, numa relação de mediação entre o homem e a natureza e entre os próprios homens na sociedade. Então, os **instrumentos** fazem a mediação na relação entre o trabalhador e o objeto de trabalho. Aqui, é importante que você perceba que os outros animais também utilizam instrumentos, mas de forma mais rudimentar: por exemplo, outros animais não fabricam seus próprios instrumentos, como os humanos, mas subiriam em um caixote para tentar alcançar seu alimento (REGO, 1995; OLIVEIRA, 1997).

Por sua vez, os **signos** auxiliariam o homem nas suas atividades psíquicas. Vygotsky compara o funcionamento dos signos com a utilização de instrumentos no auxílio às ações concretas: “O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho” (VYGOTSKY, 1984, p. 59-60 apud REGO, 1995, p. 52). Por exemplo, segundo Rego (1995), com o intuito de voluntariamente controlar sua atividade psicológica e ampliar sua capacidade de atenção, você poderia amarrar um barbante no dedo para se lembrar de algo ou fazer um sorteio para tomar uma decisão. Assim, temos os signos como aquilo (objeto, forma, fenômeno, gesto, figura ou som) que representa algo diferente de si mesmo, substituindo e expressando eventos, ideias, situações e objetos ao servir como auxílio da memória e da atenção humana. Por exemplo, a cor vermelha, no código de trânsito, indica a necessidade de parar; a palavra copo, por sua vez, representa o utensílio que usamos para beber água etc. (REGO, 1995).

Então, segundo Oliveira (1997), no desenvolvimento da espécie humana, o surgimento do trabalho propiciou o desenvolvimento da atividade coletiva, das relações sociais e do uso de instrumentos. Dessa forma, as representações da realidade têm se articulado em **sistemas simbólicos**, em que os signos são compartilhados com os outros membros do grupo social. Enquanto os instrumentos são elementos externos ao indivíduo, com a função de provocar mudanças nos objetos e controlar os processos da natureza, os signos seriam uma espécie de *instrumento psicológico*, orientados para o próprio sujeito.

Quanto à sua origem, a **forma mais rudimentar** do signo seria uma marca externa que auxilia o homem nas tarefas que exigem memória ou atenção, como a utilização de varetas para registro ou controle da contagem de cabeças de gado, em que cada vareta representaria uma cabeça: as varetas seriam signos porque podem representar a realidade ao se referir a elementos ausentes do espaço e do tempo presentes. Outros exemplos de signos como instrumentos que auxiliam a atividade psicológica são: uma lista de compras, um mapa, um diagrama etc. Assim, essa capacidade do homem de operar mentalmente sobre o mundo supõe um processo de representação mental, possibilitando a ele sua libertação do espaço e do tempo presentes (OLIVEIRA, 1997).

E é assim, durante o desenvolvimento do homem, que ele deixa de precisar de marcas externas (como no exemplo das varetas) para utilizar signos internos, ou seja, **“representações mentais** que substituem os objetos do mundo real” (OLIVEIRA, 1997, p. 35, grifos nossos). Dessa forma, exploraremos, na subseção seguinte, a relação entre linguagem e pensamento na teoria sociointeracionista.

Linguagem e pensamento segundo Vygotsky

Até agora, com relação ao desenvolvimento do pensamento humano, vimos o surgimento de processos de representação mental (com a utilização dos signos) e do desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, com a ideia da *mediação*. Explorando mais a fundo a interação entre linguagem e pensamento, podemos dizer que, na vertente vygotskiana da teoria sociointeracionista, o desenvolvimento do ser humano é dado de *fora para dentro*, pois, ao estar inserido em um dado grupo cultural, ele desenvolve processos psicológicos internos interpretados por ele próprio a partir dos mecanismos estabelecidos pela sua comunidade. Um exemplo de Vygotsky para o fenômeno da **internalização de significados dados culturalmente** é o gesto da criança de apontar em direção a um brinquedo ao tentar pegá-lo. Para a criança, esse gesto seria dirigido ao brinquedo, numa relação externa entre os dois. No entanto, quando um adulto presencia essa cena, a situação se transforma: a reação do adulto é, provavelmente, a de dar o brinquedo à criança. Com isso, o adulto interpreta o movimento malsucedido da criança com o significado de *Eu quero aquele brinquedo* (OLIVEIRA, 1997).

Segundo Oliveira (1997), para Vygotsky, haveria duas funções básicas da linguagem: a de **intercâmbio social**, pois o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem justamente para se comunicar com os outros (como a necessidade de comunicação que impulsiona o desenvolvimento da linguagem de um bebê que está começando a aprender a falar) e a de **pensamento generalizante**, em que a linguagem “ordena o real, agrupando todas as ocorrências de uma mesma classe de objetos, eventos, situações, sob uma mesma categoria conceitual” (OLIVEIRA, 1997, p. 43). Por exemplo, ao chamar determinado objeto de cachorro, agrupo-o junto a outros elementos da mesma categoria, ao mesmo tempo em que o diferencio de elementos de outras categorias, como *mesa*, *girafa*, *caminhão* etc. (OLIVEIRA, 1997).

De acordo com Oliveira (1997, p. 44), Vygotsky, ao tentar compreender o desenvolvimento da espécie humana, encontrou “formas de funcionamento intelectual e formas de utilização da linguagem que poderiam ser tomadas como precursoras do pensamento e da linguagem no ser humano” em estudos com primatas superiores, como os chimpanzés. Assim, ele distingue duas fases: a **fase pré-verbal do desenvolvimento do pensamento** e a **fase pré-intelectual do desenvolvimento da linguagem**. Na fase pré-verbal do desenvolvimento do pensamento, existe uma **inteligência prática**, também presente em outros animais, como no já citado exemplo do animal que sobe num caixote para alcançar seu alimento; esse tipo de pensamento em nada depende da linguagem. Já na fase pré-intelectual do desenvolvimento da linguagem, a comunicação entre os animais pode ter a função de alívio emocional, configurando um **meio de contato** com os outros membros de seu grupo.

Esse tipo de comunicação ainda não tem a função de signo e não indica significados específicos, segundo Oliveira (1997). Um exemplo desse tipo de comunicação é um ganso, amedrontado, que pressente um perigo e alerta o bando de gansos com seus gritos, contagiando-os com o medo, mas não informando a eles exatamente sobre o que viu (VYGOTSKY, 1989 apud OLIVEIRA, 1997). Ainda de acordo com Oliveira (1997, p. 45), “o surgimento do pensamento verbal e da linguagem como sistema de signos é um momento crucial no desenvolvimento da espécie humana, etapa em que o biológico transforma-se no sócio-histórico”. Essa mudança ocorreu por necessidade da criação

de um sistema de comunicação mais sofisticado entre os indivíduos que agiam coletivamente, diferenciando os humanos dos outros animais, que não têm linguagem.

Figura 3.1 | As fases do pensamento e da linguagem, segundo Vygotsky

Fase Pré-linguística do Pensamento

- utilização de instrumentos
- inteligência prática

Fase Pré-intelectual da Linguagem

- alívio emocional
- função social

Pensamento Verbal e
Linguagem Racial

- transformação do biológico no sócio-histórico

Fonte: Oliveira (1997, p. 47).

Outra distinção importante feita por Vygotsky é entre significado e sentido. Para o autor russo, o **significado** propriamente dito seria um componente essencial da palavra, além de um ato de pensamento em si. É nele que se encontra a unidade das duas funções básicas da linguagem: intercâmbio social e o pensamento generalizante, que vimos anteriormente. Do ponto de vista da psicologia, o significado é uma generalização ou um conceito. O sentido, por sua vez, seria o significado da palavra para cada indivíduo, dependendo, então, de suas vivências afetivas, seu contexto de uso etc.



Reflita

Você se lembra do modo como outras teorias tratam do significado e do sentido? Reflita sobre as seguintes questões: o que era o significado para Saussure? Como os estruturalistas lidavam com o sentido? Qual é o lugar do sentido (componente semântico) em relação ao componente sintático no Gerativismo?

Um dos pontos de destaque na teoria de Vygotsky é a função generalizante que assume a linguagem, a de um instrumento do pensamento, ao supormos um processo de internalização da linguagem. Para isso, Vygotsky propõe os conceitos de **discurso**

socializado e **discurso interior**. O discurso socializado, como o nome já diz, seria o discurso no ambiente social, externo ao indivíduo. Um exemplo disso é o diálogo de uma criança com o adulto, por exemplo, para pedir ajuda para resolver algo (REGO, 1995). Já o discurso interior seria uma forma interna e *solitária* de linguagem, em que não há um interlocutor externo, e o falante, de certa forma, fala consigo mesmo. É um discurso direcionado ao pensamento, com a função de auxiliar o indivíduo em suas operações psicológicas. Ele tem como características: estrutura peculiar, fragmentação e abreviação, constituindo “uma espécie de ‘dialeto pessoal’, contendo quase só núcleos de significado e não todas as palavras usadas num diálogo com outros” (OLIVEIRA, 1997, p. 51). Um exemplo de discurso interior é quando o indivíduo fala consigo mesmo na escolha de um percurso de carro (OLIVEIRA, 1997), como em: “direita-posto-retorno-três quarteirões”, em vez de usar uma fala completa, como “Sigo reto até a primeira rua à direita onde viro e continuo até fazer o retorno na altura do posto de gasolina, quando devo seguir por mais três quarteirões”.

Além disso, na teoria de Vygotsky, temos a noção de **fala egocêntrica** como uma *transição* entre o discurso socializado e o discurso interior. Se pensarmos na função inicial da linguagem como a de comunicação social, temos um processo até que a criança adquira a linguagem: nas fases iniciais, ela utilizaria a linguagem externa disponível em seu meio, com a função de comunicar. Num segundo momento de seu desenvolvimento, a criança utiliza a linguagem egocêntrica ao falar alto consigo mesma. Essa fala acompanha a atividade da criança, tendo função pessoal e estando ligada às necessidades de seu pensamento. Vygotsky interpreta o surgimento da fala egocêntrica como um indício de que a criança segue uma trajetória no sentido dos processos socializados em direção aos processos internos. Como exemplo de fala egocêntrica, perto dos três ou quatro anos, uma criança que quer um brinquedo pode dizer: “Vou pegar aquele banquinho e subir nele... Ih, ele é muito baixinho. A cadeira é grande, vou pegar a cadeira...” (OLIVEIRA, 1997, p. 52).

E, finalmente, Vygotsky (1991) vê o desenvolvimento humano como uma sucessão de superações de etapas, podendo ser imaginado como tendo a forma de uma **espiral**: partimos das etapas mais simples em direção às mais complexas, passando pelo mesmo

ponto em nossa trajetória ascendente em direção a um nível superior. Esse trajeto acontece rumo à proficiência no uso da língua materna, assim como à maturação dos processos psíquicos.



Pesquise mais

Se quiser retomar seus conhecimentos sobre Lev Vygotsky e o sociointeracionismo, assista ao vídeo seguinte, da Univesp TV:

D-04 - Lev Vigotski - Desenvolvimento da linguagem. Univesp TV, 2010. (9:20 min.). Disponível em: <<https://goo.gl/CiXHXz>>. Acesso em: 8 fev. 2017.

Aplicações da abordagem interacionista no ensino da língua portuguesa

Como os conhecimentos do sociointeracionismo de Vygotsky costumam ser aplicados em sala de aula? Você pode observar uma das influências dessa teoria no estímulo à “promoção de situações que incentivem a **curiosidade** das crianças, que possibilitem a troca de informações entre os alunos e que permitam o aprendizado das fontes de acesso ao conhecimento” (REGO, 1995, p. 116). Também, é incentivada a disposição para ouvir e notar as manifestações (infantis), sendo o **registro** de observações em diários e em relatórios, por exemplo, uma preciosa fonte (REGO, 1995). Tente pensar sobre como essa proposta, para o ensino de crianças, pode ser aplicada para estimular a troca de informações em sala de aula, por exemplo, na compreensão da existência de diferentes registros da língua, como a língua falada (em contextos formais ou informais), a língua escrita (na escola, em documentos, na internet), dentre outros possíveis.

O principal pressuposto de Vygotsky, sem dúvida, é o da interação entre as pessoas. Dessa forma, primeiramente, construímos “o conhecimento que depois será intrapessoal, ou seja, será compartilhado pelo grupo junto ao qual tal conhecimento foi conquistado ou construído” (MARTINS, 1997, p. 117). Com base nesse pressuposto, Vygotsky propõe a noção de **Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)**, composta por dois níveis: o **nível de desenvolvimento real**, que se refere às etapas de aprendizado já alcançadas pela criança,

sozinha, e o **nível de desenvolvimento potencial**, que se refere ao momento em que a criança tem a capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de outros (em geral, adultos ou colegas mais capazes).

Oliveira (1997, p. 58) dá o exemplo de que, quando dizemos que uma criança “já sabe amarrar sapatos”, está implícita a ideia de que ela já realiza essa atividade sozinha; ou seja, já teria alcançado essa etapa de aprendizado (*nível de desenvolvimento real*). No entanto, no *nível de desenvolvimento potencial*, é possível que uma criança pequena só consiga montar uma torre de cubos se um adulto a ajudar com as instruções: “Você tem que ir pondo primeiro o cubo maior de todos, depois os menores”. Esse tipo de tarefa, com auxílio, poderia possibilitar um resultado mais avançado do que se fosse realizado sem ajuda. É fundamental, então, a possibilidade de “alteração no desempenho de uma pessoa pela interferência de outra” (OLIVEIRA, 1997, p. 59). Aqui, podemos ver o papel do professor de provocar avanços que não ocorreriam espontaneamente, sendo esse papel de suma importância no desenvolvimento do aluno.



Pesquise mais

Para saber mais sobre a influência de conceitos de Vygotsky no ensino, como o papel mediador do professor no desenvolvimento do aluno, leia o artigo seguinte:

EMILIANO, Joyce Monteiro; TOMÁS, Débora Nogueira. Vygotsky: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente. **Cadernos de Educação**: Ensino e Sociedade, Bebedouro, v. 2, n. 1, p. 59-72, 2015. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200306.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

Sem medo de errar

Em seu trabalho final, Daniel vai apresentar exemplos de discurso socializado, discurso interior e fala egocêntrica observados no processo de aquisição da linguagem em sua sobrinha Juliana, ao

longo dos meses. Podemos ajudar Daniel nessa tarefa apresentando, em forma de esquema, os exemplos por ele observados:

FASE/ETAPA	CONCEITO	CARACTERÍSTICA	EXEMPLO
Primeira	Discurso socializado	Discurso no ambiente social, externo ao indivíduo.	<i>Juliana, ao acordar, diz "mamã" para que seu pai lhe traga a mamadeira e assim ele o faz.</i>
Segunda	Fala egocêntrica	Transição entre o discurso socializado e o discurso interior; é ligada às necessidades do pensamento da criança.	<i>Juliana, brincando de boneca sozinha, diz: "Vou dar de comer para ela e depois vou dar banho nela e depois a gente vai dormir" e, em seguida, brinca de realizar essas ações com a boneca.</i>
Terceira	Discurso interior	Forma interna e solitária de linguagem, em que não há um interlocutor externo e o falante, de certa forma, fala consigo mesmo.	<i>Juliana começa a brincar sozinha com um jogo de quebra-cabeças e diz: "laranja-canto" e logo separa a peça alaranjada, com dois lados retos, para vir a ser o canto do quebra-cabeça.</i>

Faça valer a pena

1. Segundo o Sociointeracionismo, a criança pode construir o conceito de cão através de vivências em seu cotidiano, com essa palavra resumindo e generalizando as características do animal, distinguindo-o de outros objetos do mundo real (livro, gato etc.). Já na escola, o conceito cão pode ser ampliado, tornando-se mais abstrato e abrangente, incluído num sistema de abstrações graduais, como: cão, mamífero, vertebrado, animal etc. (REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995. 138 p. (Educação e conhecimento)).

Com base na leitura do excerto e em seus conhecimentos sobre o Sociointeracionismo de Vygotsky, julgue as afirmativas a seguir como verdadeiras ou falsas:

- () Os conceitos cotidianos são também chamados de espontâneos, pois as crianças os aprendem naturalmente em seu dia a dia através de sua observação, sua experimentação etc.
- () Os conceitos cotidianos e os científicos são aprendidos exclusivamente na escola, através da sistematização do ensino escolar.
- () Para o Sociointeracionismo, um conceito é aprendido por meio de um treinamento mecânico, atividade essa que só se desenvolve a partir da idade adulta.

Assinale a alternativa com a sequência correta:

- a) V-F-V.
- b) F-V-V.
- c) V-V-F.
- d) V-V-V.
- e) V-F-F.

2. Leia o excerto a seguir:

“É importante mencionar que animais também utilizam _____ de forma rudimentar. São bastante conhecidos os experimentos com chimpanzés que usam varas para alcançar alimentos distantes ou sobem em caixotes para atingir frutas penduradas no teto.” (OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997, p. 29. (Pensamento e ação no magistério))

Após a leitura do excerto anterior, assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna:

- a) Signos.
- b) Instrumentos.
- c) Diálogos.
- d) Cérebros.
- e) Pensamentos.

3. “Um exemplo interessante ilustra a diferença entre processos elementares e processos superiores: é possível ensinar um animal a acender a luz num quarto escuro. Mas o animal não seria capaz de, voluntariamente, deixar de realizar o gesto aprendido porque vê uma pessoa dormindo no quarto.” (OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997, p. 26. (Pensamento e ação no magistério))

Considerando o excerto anterior, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas:

I. O comportamento de tomada de decisão a partir de uma informação nova é um comportamento elementar, presente em todos os mamíferos.

PORQUE

II. O comportamento superior, que é tipicamente humano, tem como características ser voluntário, intencional.

Avalie a relação entre as asserções propostas pelo aluno e assinale a alternativa correta.

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

Referências

BENVENISTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. In: _____. **Problemas de Linguística geral**. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Néri. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. USP, 1976. p. 60-67.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. 768 p.

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e Linguística**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970. 146 p. (Coleção Que é o Estruturalismo?)

ENUNCIADO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/enunciado>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

FRASE. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/frase>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.157-176.

ILARI, Rodolfo. Estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 53-92. v. 3.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 127-140.

_____. Possíveis contribuições da linguística gerativa à formação do professor de língua portuguesa. **Revista de Letras**, Universidade Federal do Ceará, v. 1, n. 32, p. 1-8, jan./jul. 2013. Disponível em: <http://www.professores.uff.br/eduardo/_media/art8.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2017.

MARTINS, Ana Paula Pereira. Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. **Domínios de Linguagem**: Revista Eletrônica de Linguística, [s.l.], ano 3, n. 2, p. 18-35, 2º Semestre/2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11504>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

MARTINS, João Carlos. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. In: TOZZI, D. A.; ONESTI, L.F. (Coord.). **Série Ideias**, 28. São Paulo, FDE, 1997, p. 111-122. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2017.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. O estudo da gramática. In: _____. **Novo manual de sintaxe**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. Cap. 1. p. 11-40.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; SCHER, Ana Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. A competência linguística. 6. ed. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística I: objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 95-119.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; COELHO, Victoria Wilson. Linguística funcional aplicada ao ensino de português. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio

de Janeiro: DP&A, 2003. p. 89-121.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997. 111 p. (Pensamento e ação no magistério)

ORAÇÃO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/ora%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é Lingüística?** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 70 p. (Coleção Primeiros Passos)

PRAGMÁTICA. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/pragm%C3%A1tica>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995. 138 p. (Educação e conhecimento)

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Algumas áreas da Linguística

Convite ao estudo

Na unidade anterior, estudamos algumas abordagens teórico-metodológicas de estudo da língua, desenvolvidas no século XX, a saber: o Gerativismo, o Funcionalismo e o Sociointeracionismo. Nesta unidade final da sua disciplina, focaremos as seguintes áreas da Linguística: Psicolinguística, Neurolinguística e Pragmática. O estudo dessas três áreas interdisciplinares servirá para ampliar sua visão da Linguística, com base em todo o conhecimento já adquirido nas unidades anteriores.

Continuando nosso objetivo de fazê-lo conhecer as principais teorias linguísticas em uma abordagem histórico-descritiva e suas contribuições para o ensino da língua portuguesa, você agora poderá complementar sua reflexão com o conhecimento de três grandes áreas que têm interface com outras áreas de conhecimento fora da Linguística: a Psicolinguística, que surge a partir dos estudos da Psicologia Cognitiva; a Neurolinguística, que promove estudos sobre a relação entre o cérebro e a linguagem; e a Pragmática, que estuda a linguagem em seu uso concreto.

Aqui, apresentaremos o último contexto de aprendizagem com que trabalharemos nesta unidade: nossa nova personagem é Rafaela, uma jornalista que está escrevendo uma matéria sobre áreas de estudo interdisciplinares e precisa fazer isso com uma linguagem clara, ressaltando alguns dos principais conceitos e apresentando a análise de um exemplo, pois a revista em que trabalha é voltada para um público leigo. As três áreas interdisciplinares relativas aos estudos da linguagem sobre as quais Rafaela vai escrever são: a Psicolinguística, a Neurolinguística e a Pragmática.

Com esse contexto em mente, pense nas seguintes questões:

como podemos estudar a linguagem humana e sua relação com o pensamento e a memória se não podemos ter acesso direto ao que ocorre em nossa mente? Diferentes teorias já estudadas abordam a questão da aquisição da linguagem, no entanto, seria possível perdê-la de alguma forma? E como é dada a influência do contexto comunicativo, ou a intenção do falante, na interpretação do enunciado?

Para responder a esses e a outros questionamentos, na Seção 4.1 (Psicolinguística), veremos a relação entre pensamento e linguagem, com foco em questões da Psicolinguística Experimental. Na Seção 4.2 (Neurolinguística), exploraremos o processamento da linguagem no cérebro, incluindo problemas, como a afasia. E, finalmente, na Seção 4.3 (Pragmática), estudaremos teorias, como a dos atos de fala, das implicaturas conversacionais e da polidez. Com os conhecimentos adquiridos nesta unidade final da disciplina, esperamos que você possa refletir sobre o papel da Linguística em sua interface com outras disciplinas.

Seção 4.1

Psicolinguística

Diálogo aberto

Nas unidades passadas, você estudou a influência de estudos comportamentalistas (behavioristas) e mentalistas no Estruturalismo linguístico. Agora, verá como essas vertentes da Psicologia influenciaram a origem da Psicolinguística no século XX. Nesta seção, entre outras questões, você poderá refletir sobre como reconhecemos as palavras e sobre como processamos, mentalmente, as sentenças da língua.

Em seu percurso até o final desta disciplina, teremos a presença de Rafaela, personagem do contexto de aprendizagem desta unidade. Ela é uma jornalista que precisará escrever uma matéria sobre áreas de estudos interdisciplinares. A primeira matéria sobre a qual Rafaela vai escrever é a Psicolinguística, na interdisciplinaridade entre Psicologia e Linguística. Para ajudá-la a escrever essa parte da matéria, você deverá citar e descrever brevemente: os períodos de desenvolvimento pelos quais passou a Psicolinguística, desde seu surgimento até hoje, e os dois métodos científicos utilizados para obter evidências. Além disso, deverá apresentar um exemplo de análise psicolinguística, como a resolução da ambiguidade numa sentença, como: *Alguém atirou no empregado da atriz que estava na varanda* (LEITÃO, 2011). Por exemplo, como a Psicolinguística pode ajudar a responder à pergunta: *quem estava na varanda?*

Para ajudar Rafaela a escrever sua matéria jornalística, retome os quatro períodos na história do desenvolvimento da Psicolinguística, os métodos observacional e experimental e o exemplo de sentença ambígua que é apresentado na Teoria de Garden-Path.

Não pode faltar

Psicolinguística: breve perspectiva histórica

Como o próprio nome da área sugere, a Psicolinguística nasce como uma disciplina híbrida, com elementos da Psicologia e da Linguística do século XX. Essa disciplina híbrida, inicialmente chamada

Psicologia da Linguagem, estudava a relação entre pensamento (ou comportamento) e linguagem (BALIEIRO JUNIOR, 2001). No percurso desta sua disciplina, por meio das unidades anteriores, você já pôde se situar em relação à grande parte do desenvolvimento da Linguística. Agora, sabendo que a Psicologia procurava estabelecer relações entre a organização do sistema linguístico e a organização do pensamento, veremos que as influências que sofria a **Psicologia** eram semelhantes às influências que sofreu a Linguística, no século XX. Na tradição europeia, havia as propostas mentalistas, que objetivavam explorar o pensamento através do estudo da linguagem. Em contrapartida, na tradição norte-americana, vigoravam as propostas comportamentalistas (ou behavioristas), propondo entender o comportamento linguístico como um conjunto de mecanismos do tipo *estímulo-resposta*. Essa tradição americana destacou-se, principalmente, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que afetou muito a Europa (BALIEIRO JUNIOR, 2001).

Segundo Leitão (2011), a origem dos conceitos da Psicolinguística vem do trabalho do psicólogo alemão Wundt, que estudava a relação entre os processos mentais e o comportamento verbal desde o final do século XIX. Ele defendia a dependência entre a **Psicologia Cognitiva** e a Linguística, de onde surgiria a Psicolinguística, como resultado da interação entre aquelas duas áreas das ciências cognitivas.



Assimile

"O termo 'cognição' está associado ao exercício da inteligência humana e pode englobar nossa capacidade de compreender o mundo em que vivemos, de organizar e armazenar mentalmente os resultados dessa compreensão, bem como de adaptar esse conhecimento a fim de transmiti-lo aos nossos interlocutores nos diferentes contextos de comunicação." (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 176)

Considerando seu desenvolvimento numa disciplina autônoma, podemos estudar a Psicolinguística em **quatro períodos** diferentes na divisão proposta por Kess (1992 apud BALIEIRO JUNIOR, 2001). Seriam eles: período formativo, período linguístico, período cognitivo e o estado atual. No **período formativo**, a Psicolinguística consistia num painel de pesquisas da Psicologia que eram orientadas para

a Linguística, e vice-versa. Nesse período, os linguistas tratavam de “estados das mensagens”, enquanto os psicólogos tratavam de “estados dos comunicadores” e, por extensão, dos processos de codificação e decodificação” (BALIEIRO JUNIOR, 2001, p. 176). Gardner (1995 apud LEITÃO, 2011, p. 218) classifica o início da Psicolinguística moderna, no começo da década de 1950, como uma “aventura cooperativa entre linguistas e psicólogos”. Como já mencionamos, nessa época estavam em voga os estudos **behavioristas** na Psicologia, com a crença de que a estrutura e a aquisição da linguagem poderiam ser explicadas através do mecanismo de estímulo-resposta (LEITÃO, 2011).

O segundo período da Psicolinguística, chamado **período linguístico**, teve influência do Gerativismo de Noam Chomsky a partir do final da década de 1950, como uma crítica ao behaviorismo de Skinner. O Gerativismo propunha uma abordagem mais **racional e dedutiva** para a ciência e, ao diminuir gradativamente a influência comportamentalista, a Psicolinguística passou a ter o modelo chomskyano como paradigma teórico central. O modelo gerativista propunha, entre outras coisas: a Gramática Universal (GU) como inata ao ser humano, capaz de gerar qualquer língua; a distinção entre a competência do falante e seu desempenho; e a derivação das sentenças faladas (estruturas superficiais) a partir de estruturas profundas através de regras transformacionais organizadas numa sintaxe (BALIEIRO JUNIOR, 2001). Reveja a Seção 3.1 (Gerativismo) caso tenha dúvidas sobre o modelo gerativista.

No terceiro período da Psicolinguística, chamado **período cognitivo**, o foco das pesquisas eram os processos relacionados à compreensão do discurso, quando a sintaxe dá lugar à semântica e à pragmática (LEITÃO, 2011). Segundo Balieiro Junior (2001, p. 179), os cognitivistas “postulavam a ‘subordinação’ da linguagem a fatores cognitivos mais fundamentais, dos quais ela (a linguagem) seria apenas um fator”. Essa abordagem rejeita a centralidade e a independência da gramática, como no Gerativismo, pois os sistemas linguísticos seriam resultado de estruturas cognitivas mais básicas ou profundas (BALIEIRO JUNIOR, 2001).

Já no chamado **estado atual** da Psicolinguística, temos um período de transição, em que há pesquisas de várias escolas teóricas – tendência que também pode ser vista na própria

Linguística e na Psicologia. Com isso, passamos a ter inúmeros trabalhos interdisciplinares ao perceber que problemas científicos de uma área podem comprometer outras áreas correlacionadas (BALIEIRO JUNIOR, 2001). A integração entre os resultados da Linguística e os da Psicologia Cognitiva passa a ser dada pelos **modelos computacionais**, ou seja, segundo Balieiro Junior (2001, p. 181), aqueles que “utilizam o processamento da informação pelos computadores como modelo para entender o processamento mental”, ou seja, numa tentativa de simular, em computadores, como funcionaria a lógica do processamento mental. Conforme Balieiro Junior (2001, p. 181), essa interdisciplinaridade configura um “duplo critério de rigor, da análise linguística e da experimentação psicológica”, e a mente passa a ser estudada a partir de dois conceitos filosóficos diferentes: no **enfoque modularista**, a mente seria composta por módulos independentes que processam informação, já no **enfoque não modularista**, haveria uma troca de informação entre os diversos níveis de conhecimentos linguísticos, sem um limite para eles (BALIEIRO JUNIOR, 2001). Vamos explorar melhor algumas questões relativas a modelos psicolinguísticos a seguir.



Refleta

Pensando na proposta de dois conceitos filosóficos para o enfoque em modelos de processamento mental, você acha que podemos considerar o Gerativismo (estudado na Seção 3.1) uma teoria do tipo modularista por considerar a sintaxe um componente independente?

Objeto de estudo: métodos observacional e experimental

Segundo Leitão (2011), três questões básicas resumem o interesse central da Psicolinguística: “como as pessoas **adquirem** a linguagem verbal?”, “como a **produzem**?” e “como a **compreendem**?”. Os estudos relacionados à aquisição da linguagem fazem parte da *psicolinguística desenvolvimentista*, enquanto os estudos relacionados à produção e à compreensão da linguagem constituem a chamada *psicolinguística experimental*.

Com o objetivo de encontrar evidências para as teorias psicolinguísticas, podemos dizer que há dois tipos de métodos científicos: o método observacional e o método experimental. Godoy

e Senna (2012) afirmam que o **método observacional**, assim como o método experimental, baseia-se na investigação da produção e da compreensão da linguagem em situações reais de comunicação. Mas, diferentemente do método experimental, que veremos com mais detalhes a seguir, no método observacional os investigadores utilizam gravações ocultas dos diálogos, configurando seu corpus de modo que os falantes não saibam que estão sendo gravados, com o objetivo de, literalmente, observar essas situações reais de comunicação. Por sua vez, o **método experimental** na Psicolinguística tem como objetivo “descrever e analisar a maneira como o ser humano compreende e produz linguagem, observando fenômenos linguísticos relacionados ao **processamento da linguagem**” (LEITÃO, 2011, p. 221). Nesta seção, optamos por nos aprofundar no método experimental em Psicolinguística.



Assimile

“O termo ‘processamento’, muito utilizado em Psicolinguística, refere-se comumente ao conjunto de passos ou operações mentais que se supõe que sejam necessários para que o falante/ouvinte possa elaborar, emitir ou interpretar mensagens linguísticas.” (BALIEIRO JUNIOR, 2001, p. 178)

Um dos maiores problemas do estudo experimental em Psicolinguística é a dificuldade em acessarmos diretamente o processamento mental do falante, pois não temos acesso in loco aos processos mentais. Isso significa que não é possível simplesmente examinar ou operar a cabeça de uma pessoa para encontrar os processos mentais por trás da compreensão ou produção de palavras, significados, sintaxe etc. Para resolver esse impasse, podemos dizer que a Psicolinguística procura compreender, por exemplo, quais são os procedimentos mentais utilizados na compreensão ou produção linguística através de experimentos de leitura, de continuação de sentenças e até de monitoramento do movimento ocular (ao ler uma sentença), dentre outros.

Atualmente, é por meio da Neurolinguística (a ser estudada na Seção 4.2) que conseguimos observar algumas possíveis relações entre o que ocorre, fisiologicamente, em nosso cérebro e o processamento da linguagem. Com suas técnicas de neuroimagem para medir tanto

o fluxo sanguíneo quanto a atividade elétrica cerebral, podemos mensurar as reações fisiológicas no momento do processamento mental, mas ainda não conseguimos observar diretamente como os processos mentais funcionam (LEITÃO, 2011).



Vocabulário

in loco: "no próprio local; *in situ*" (IN LOCO, 2008-2013).

Os métodos experimentais que a Psicolinguística usa para tentar analisar o processamento linguístico são categorizados como de tipos off-line e on-line. De acordo com Leitão (2011), os experimentos do tipo **off-line** baseiam-se em respostas que os indivíduos dão após ler ou ouvir uma frase ou um texto. Dessa forma, são registradas suas reações somente após o momento em que o processamento do texto já ocorreu. Em contrapartida, experimentos do tipo **on-line** são baseados nas reações dos indivíduos no exato momento em que a leitura/audição está ocorrendo. Então, podemos considerar essas medidas praticamente simultâneas ao momento do processamento mental. A distinção entre esses dois métodos está justamente no momento em que capturam a reação do indivíduo participando do experimento: por um lado, um experimento off-line registra a reação aos estímulos linguísticos quando "já houve uma integração entre todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, lexical, sintático e semântico)" (LEITÃO, 2011, p. 223); por outro lado, um experimento on-line pode dar pistas sobre os processos mentais antes de se completar a integração entre esses níveis linguísticos.

A leitura autocadenciada (também chamada automonitorada) é um tipo de experimento on-line em que as pessoas, geralmente, estão sentadas em frente a um computador e controlam exatamente quando alguns trechos (ou palavras) da sentença serão apresentados para si, na tela, pressionando uma das teclas do teclado, por exemplo, permitindo que o experimento registre o tempo que cada pessoa levou para ler (e, conseqüentemente, compreender) cada trecho da sentença. Ele é usado, por exemplo, para estudar o processamento de sentenças ambíguas. Por sua vez, o experimento em que ocorre o julgamento de aceitabilidade é do tipo off-line. Nele, pergunta-se às pessoas se elas julgam a sentença lida ou ouvida como aceitável

ou não, buscando entender como as pessoas compreendem cada sentença (OLIVEIRA; SÁ, 2013).

A Psicolinguística pode estudar o processamento mental da linguagem a partir de diferentes níveis de análise, como o lexical e o sentencial. Com relação ao primeiro tipo, Balieiro Junior (2001) apresenta o **problema do léxico** (ou *reconhecimento de palavras*) para discutir diferentes formas de entender a natureza das unidades de significação no léxico e o modo como estão armazenadas. Por exemplo, seria o léxico uma espécie de *dicionário mental*, em que o falante/ouvinte armazena as palavras que conhece? Esse é um problema teórico que traz muitas divergências.



Exemplificando

Com relação ao problema do léxico, Balieiro Junior (2001) apresenta alguns modelos de **acesso lexical**:

- a) **Modelos de acesso direto**: “as informações perceptuais remetem diretamente a um conjunto de dispositivos que reconhecem fragmentos ou aspectos da fala.” (BALIEIRO JUNIOR, 2001, p. 186)
- b) **Modelos de busca**: propõem a construção de uma representação completa do estímulo (por exemplo, a palavra ouvida), que depois é comparada com palavras contidas no léxico.
- c) **Modelos interativos**: propõem, simultaneamente, o uso de dois processos – um utilizando informações, como se relatou nos modos a) e b) acima, e outro que utiliza dados gerados no sistema nervoso central numa busca “dirigida pela necessidade de encontrar um sentido naquilo que é ouvido e parece ser uma palavra” (BALIEIRO JUNIOR, 2001, p. 187).

Além do problema do léxico, outra importante questão no estudo do processamento linguístico é em relação a estratégias de processamento de informação, como as propostas do tipo *bottom-up* ou *top-down*. Para Balieiro Junior (2001, p. 185), no processamento ***bottom-up***, percebemos primeiro “os segmentos, que depois são integrados em unidades significativas”. Para Gough (apud STREY, 2012, p. 221), no chamado modelo ascendente de leitura (*bottom-up*), a leitura seria um processo “linear, serial, que vai da identificação

de letras e palavras à extração do significado no texto”.

No modelo descendente de leitura (**top-down**), por sua vez, o leitor usa seus conhecimentos anteriores para antecipar e prever o conteúdo do texto. Dessa forma, segundo Balieiro Junior (2001), os segmentos são descontinuados em unidades individuais a partir de hipóteses geradas no sistema nervoso central (SNC). Para Balieiro Junior (2001) e Scliar-Cabral (1991 apud BALIEIRO JUNIOR, 2001), haveria evidências experimentais para apoiar ambas as posições, pois uma teoria sobre o processamento do sinal acústico da fala, em termos de percepção ou produção, tem o dever de conciliar processos do tipo *top-down* com os do tipo *bottom-up*, dado que não é possível separar a percepção e a produção da fala de processos relacionados à elaboração de significação.

Por outro lado, com relação ao **problema do processamento mental de sentenças**, Leitão (2011) cita alguns modelos teóricos, que apresentaremos aqui: o Modelo DTC (Teoria da Complexidade Derivacional), a Teoria do Garden-Path (TGP), a Teoria Interativa Incremental (TII) e a Teoria da Satisfação de Condições (TSC).

Sampaio e Costa (2010) afirmam que a **Teoria da Complexidade Derivacional** (do inglês, *Derivational Theory of Complexity*, que abreviaremos como **DTC**) surgiu na década de 1960 como uma teoria complementar à Gramática Transformacional: enquanto esta propunha teorias e evidências sobre a complexidade derivacional da linguagem humana, a DTC apresentava experimentalmente a realidade psicológica de tais computações, com evidências para afirmar que um esforço cognitivo maior leva tanto mais tempo para ser processado quanto maior for a complexidade computacional. Segundo Leitão (2011), uma crítica a essa teoria se relaciona à sua incapacidade de lidar com o processamento sentencial a partir da teoria linguística nas primeiras versões da Gramática Transformacional, pois, segundo Balieiro Junior (2001), as evidências experimentais sugeriam que tanto fatores semânticos e pragmáticos quanto os sintáticos eram importantes para o processamento sentencial.

Leitão (2011) aborda também o modelo da **Teoria do Garden-Path (TGP)**, traduzido como Teoria do Labirinto, que tem esse nome por causa de uma metáfora: imagine-se dentro de uma casa sem janelas ou qualquer referência externa. Você quer encontrar o quarto, por exemplo. Você, então, passa por uma série de cômodos com várias

portas e vai escolhendo as que vão levá-lo até o quarto, quando, de repente, você abre uma porta que dá para o jardim (*garden*, em inglês). Então, você percebe que precisa voltar e refazer o caminho para encontrar a porta que dá no quarto. Você, nesse caso, pode se perguntar: o que me fez ir pelo caminho errado e sair no jardim?



Exemplificando

Para compreender a relação entre a metáfora da casa da Teoria do Garden-Path e o processamento mental, pense na frase ambígua “Ontem à noite, meu irmão lembrou do filho do dentista que morreu” (GRAVINA, 2008, p. 8). Agora responda: quem morreu? Pois é aí que está a ambiguidade: ao ler essa frase, você precisa optar por um ou outro sentido (ligar *que morreu a dentista* ou *a filho do dentista*). Assim, quando você compreende o sentido da frase ambígua, dizemos que optou por um dos sentidos, em detrimento do outro possível. Isso seria uma possível explicação para a ideia do caminho percorrido nas teorias sobre o processamento sintático.

Na metáfora da Teoria do Garden-Path, então, segundo Leitão (2011), só temos informações sobre a estrutura da casa através de suas paredes e portas; o processador sintático “usa o seu conhecimento gramatical (estrutura sintática) isoladamente do conhecimento de mundo e de outras informações de caráter semântico para a identificação inicial das relações entre as palavras e os sintagmas” (LEITÃO, 2011, p. 225). Dessa forma, podemos entender a TGP como uma teoria **modularista**, pois, assim como, no Gerativismo, a sintaxe era um componente central e autônomo, sem interação com outros possíveis componentes. Outra característica da TGP é ser **serial**, pois, na metáfora, seguimos nosso percurso abrindo uma das portas de cada vez, cegamente, sem que testemos as outras possíveis e, assim, nos comprometemos a uma única estrutura sintática no momento da compreensão.

Outro modelo de processamento sentencial seria o da **Teoria Interativa Incremental (TII)** que, em vez de serial como a TGP, é um modelo que funciona em **paralelo**: na metáfora da casa, o modelo “prevê que checaríamos às outras possibilidades e portas para só então decidirmos o caminho a seguir” (LEITÃO, 2011, p. 226). Apesar

de **modular**, o modelo TII é interativo, pois argumenta que, logo no início do processamento, teríamos acesso à informação léxico-semântica que nos ajudaria a trilhar o percurso. Ainda com relação à metáfora da casa, esta, no modelo TII, seria uma construção com janelas e telhado de vidro, o que auxiliaria no caminho até o quarto.

E, finalmente, a **Teoria da Satisfação de Condições (TSC)** é considerada um modelo conexcionista altamente **interativo** e não **modular**, pois é baseado no sistema cerebral de redes neurais:



[...] o caminho que seguimos no processamento de frases é guiado por uma constante e alta interação entre todos os tipos de informação, seja contextual, seja léxico-semântica e, fundamentalmente, informação relacionada à frequência de uso das frases e das palavras que as constituem e de suas estruturas sintáticas [...]. (LEITÃO, 2011, p. 226)

Para Leitão (2011), na metáfora da casa para a TSC não haveria mais uma estrutura física da construção, somente o caminho que nos leva até o quarto. Nosso guia, então, seria nossa própria **experiência linguística** ao já ter percorrido esse mesmo caminho outras vezes. Então, quanto mais percorremos e conhecemos o caminho, menos dificuldades teremos no processamento das frases num contexto. Por exemplo, na frase *Um navio brasileiro entrava na baía de Guanabara um enorme rebocador*, o efeito labirinto ocorre quando interpretamos o verbo da sentença como entrar, na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito. Mas, quando chegamos a *um enorme rebocador*, há um estranhamento e reanalisamos a frase: percebemos, então, que o verbo da frase é “entravar” (como sinônimo de *obstruir*) na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. A explicação da TSC para esse efeito é que, como a taxa de frequência de uso de entrar é muito mais alta do que a de entravar, seguimos o caminho de interpretação mais provável, que seria acessar, mentalmente, a estrutura prevista para o verbo entrar (LEITÃO, 2011).



Para ter uma ideia de como funciona um experimento em Psicolinguística, acesse o site do **Laboratório Virtual de Psicolinguística**, da Faculdade de Letras da UFMG: na barra de menu, clique na opção *Museu de Experimentos* e, em seguida, na subseção *Experimentos Clássicos*, selecione a opção *"Restauração de fonemas"*. Siga as instruções da página e, após tê-las completado, acesse *Clique aqui para conferir o que você ouviu e entender o experimento!* para ter a explicação sobre o efeito testado.

FONSECA, Aline Alves et al. **Restauração de fonemas**. 2017. Experimento do Laboratório Virtual de Psicolinguística. Disponível em: <<http://psicolinguistica.letras.ufmg.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Nesta subseção, estudamos o processamento lexical e o processamento sentencial. Para Leitão (2011), tanto a compreensão quanto a produção textual são atividades básicas da linguagem humana, oral ou escrita. Então, na subseção seguinte, focaremos em uma proposta psicolinguística para a compreensão e a produção textual, levando em consideração o conceito de memória de trabalho, amplamente utilizado na Psicolinguística.

Aplicações da psicolinguística ao ensino de língua portuguesa

Com base no frequente comentário de professores sobre a dificuldade que os alunos têm em **compreender e produzir textos escritos**, Costa (2013) propõe uma atividade escolar sobre linguagem baseada em estudos sobre a memória humana nas áreas de Psicologia Cognitiva e Psicolinguística. Para isso, sua intenção é conceber a compreensão da linguagem como um processo, de modo que leitor e escritor, nessa atividade escolar, interajam de forma ativa na construção do sentido do texto. Então, o autor toma a compreensão e a produção da linguagem como inseparáveis, razão pela qual devem ser trabalhadas de forma conjunta, na escola.

Ao seguir o que foi proposto por Costa (2013), entendemos que a compreensão e a produção linguística devem objetivar o envolvimento do indivíduo e seu conhecimento prévio “na reflexão, discussão, construção de conhecimentos e na aprendizagem, o que necessariamente envolve a cognição” (COSTA, 2013, p. 4). Então,

tomando como foco a memória humana, mais especificamente a **memória de trabalho**, exploraremos uma proposta de atividade escolar na tentativa de inibir a queixa dos professores em relação à dificuldade de seus alunos na compreensão e na produção de textos escritos.



Assimile

"A memória de trabalho refere-se a um sistema que tem como função manter ativas temporariamente algumas representações mentais relevantes no desempenho de uma determinada tarefa." (KELLOGG, 2007, p. 118 apud COSTA, 2013, p. 5)

Costa (2013, p. 8) sugere que o professor adote os seguintes procedimentos metodológicos em sala de aula para o sucesso da **compreensão** da linguagem: **selecionar tema de interesse dos alunos** ("suas memórias de trabalho já se prepararam para receber informações novas"); **escolher um texto multimodal** (garantindo "maior número de canais sensoriais de ativação dos conhecimentos armazenados na memória de longo prazo"); **propor uma discussão** (coloca as informações importantes da memória de longo prazo à disposição da memória de trabalho). Por sua vez, para a **produção** textual, o autor propõe **elaborar um esboço** (para impedir a "perda do fio da meada" do aluno); escrever o texto (colocando em ação "os conhecimentos linguísticos, o conhecimento de mundo e dos diferentes gêneros textuais") e a **revisão do texto** (revendo "aspectos como a organização das ideias, a clareza, a coerência, a coesão e o uso adequado dos recursos linguísticos"), sendo, nessa última etapa, fundamental o auxílio do professor.

Encerramos, aqui, a primeira seção da Unidade 4 de sua disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos. Esperamos que você tenha podido conhecer algumas das principais questões da Psicolinguística atual, como: modelos teóricos de processamento sentencial ou lexical, tipos de métodos experimentais e, também, estratégias de uso da memória de trabalho na produção e compreensão de textos. Esse conhecimento ajudará você a compreender melhor como se dá o processamento mental da linguagem.



Para revisar seus conhecimentos sobre Psicolinguística, assista à videoaula “Psicolinguística (parte 1)”, de Adriana de Carvalho Kuerten Dellagnelo, sobre psicolinguística, sua origem, métodos e modelos teóricos.

Videoaula: Psicolinguística (parte 1). Realização de Adriana de Carvalho Kuerten Dellagnelo. Florianópolis: Repositório Institucional UFSC, 2014. (15:45 min.). Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/116370>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Sem medo de errar

Para ajudar Rafaela a escrever a parte de sua matéria jornalística a respeito da Psicolinguística, você deve seguir o roteiro proposto no Diálogo Aberto. Uma proposta de resolução é a seguinte:

Períodos da Psicolinguística:

- Formativo: painel de pesquisas da Psicologia que eram orientadas para a Linguística, e vice-versa, e estudos behavioristas em voga.
- Linguístico: influência do início do Gerativismo de Chomsky, propondo uma abordagem mais racional e dedutiva.
- Cognitivo: foco das pesquisas eram os processos relacionados à compreensão do discurso, rejeitando a centralidade da gramática proposta pelo Gerativismo.
- Estado atual: período de transição, com pesquisas de várias escolas teóricas e utilização de modelos computacionais.

Métodos científicos para obter evidências científicas:

- Método observacional: observa o comportamento linguístico em situações comunicativas contextualizadas.
- Método experimental: busca descrever como o homem compreende e produz linguagem, através de resultados de experimentos psicolinguísticos.

Exemplo de análise psicolinguística:

- Na sentença ambígua, *Alguém atirou no empregado da atriz que estava na varanda* (LEITÃO, 2011), precisamos optar por um ou outro sentido para resolver a ambiguidade, ligando *que estava na varanda*

a empregado ou a atriz. Assim, um experimento psicolinguístico de leitura autocadenciada, por exemplo, poderia apresentar como resultado uma demora na leitura dessa sentença no trecho ambíguo, indicando que aí deve haver o processamento mental da ambiguidade.

Faça valer a pena

1. “Nosso procedimento metodológico parte da compreensão, porque acreditamos que, antes de iniciar uma atividade de escrita, o aluno deve ter um ponto de partida que seria a compreensão de um texto. Nesse sentido, seria incoerente exigir uma produção textual sem preparar as mentes dos alunos para a tarefa. Em suma, é necessário desencadear uma preparação cognitiva prévia para, em seguida, propor a produção textual”. (COSTA, Vitor Hugo Chaves. *Memória humana e atividades de linguagem no contexto escolar. Linguagens & Cidadania*, Santa Maria, v. 15, n. 1, p. 7, jan./dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/download/22845/13501>>. Acesso em: 17 fev. 2017).

Segundo a proposta de Costa (2013), a ordem em que o professor deve adotar os procedimentos metodológicos para que os alunos tenham sucesso na compreensão da linguagem, antes de sua produção textual, é:

- a) Propor uma discussão, escolher um texto multimodal e selecionar um tema de interesse dos alunos.
- b) Propor uma discussão, selecionar um tema de interesse dos alunos e escolher um texto multimodal.
- c) Selecionar um tema de interesse dos alunos, propor uma discussão e escolher um texto multimodal.
- d) Escolher um texto multimodal, selecionar um tema de interesse dos alunos e propor uma discussão.
- e) Selecionar um tema de interesse dos alunos, escolher um texto multimodal e propor uma discussão.

2. “A distinção entre essas duas metodologias experimentais reflete os tipos de informação linguística que se quer capturar em tempo real. As aferições obtidas a partir de experimentos *off-line* dão informação a respeito da interpretação (momento de reflexão) das frases ou enunciados [...]. Já as aferições obtidas a partir de experimentos *on-line* dão informação a respeito de processos mentais que acontecem antes que a integração entre todos esses níveis linguísticos esteja completa (momento reflexo)”. (LEITÃO, Márcio Martins. *Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.).

Manual de Linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 223.)

Com base na leitura do excerto, indique se as afirmativas a seguir sobre a Psicolinguística são verdadeiras (V) ou falsas (F):

- () Um dos maiores problemas do estudo experimental em Psicolinguística é a dificuldade em acessarmos diretamente o processamento mental do falante, pois não temos acesso in loco aos processos mentais.
- () As técnicas modernas de medição de fluxo sanguíneo e atividade elétrica cerebral, muito utilizadas na Neurolinguística, apresentam uma relação transparente e inequívoca com os processos mentais especificamente linguísticos.
- () A Psicolinguística analisa o processamento linguístico através de experimentos on-line e off-line, os quais capturam as reações dos indivíduos no exato momento em que a leitura/audição está ocorrendo.

Assinale a alternativa com a sequência correta de indicações (de cima para baixo):

- a) V-F-V.
- b) F-V-V.
- c) V-V-F.
- d) V-V-V.
- e) V-F-F.

3. Na origem da Psicolinguística, o chamado período _____ teve influência dos estudos behavioristas da Psicologia, em alta em meados do século XX, com a crença de que a estrutura e a aquisição da linguagem poderiam ser explicadas através de estímulo-resposta. Já no período _____, a influência mais forte foi do Gerativismo de Noam Chomsky, propondo uma abordagem mais racional e dedutiva para a ciência.

Assinale a alternativa com a sequência de termos que preenchem corretamente as lacunas da sentença anterior:

- a) Formativo – cognitivo.
- b) Linguístico – formativo.
- c) Formativo – linguístico.
- d) Cognitivo – atual.
- e) Linguístico – cognitivo.

Seção 4.2

Neurolinguística

Diálogo aberto

Por acaso você conhece alguém que teve alguma dificuldade de linguagem após ter um AVC, descobrir um tumor cerebral ou sofrer uma pancada na cabeça? Já ouviu falar em *afasia*? Os estudos linguísticos, em sua interdisciplinaridade, avançaram também ao encontro da medicina com relação ao diagnóstico de distúrbios de linguagem resultantes de lesões cerebrais, as chamadas afasias, resultando numa subárea da Linguística chamada Neurolinguística. Sabemos que, em razão de essas lesões afetarem diferentes áreas do cérebro, o estudo de seu impacto pode nos dizer muito sobre a relação entre a linguagem e o cérebro, permitindo-nos inferir, inclusive, sobre como é seu funcionamento natural, não patológico (sem lesões ou distúrbios resultantes).

Você deve se lembrar de Rafaela, a personagem de nosso contexto de aprendizagem da Unidade 4. Como jornalista, ela precisa escrever uma matéria, em uma linguagem clara, sobre áreas de estudos interdisciplinares, tendo escolhido a Neurolinguística como a segunda das áreas interdisciplinares relacionadas à Linguística. Para ajudá-la a escrever essa parte da matéria, você deverá elaborar um pequeno roteiro para descrever brevemente e com exemplos, quando possível, a importância do estudo da afasia para o surgimento e o desenvolvimento da Neurolinguística, além dos principais tipos de afasias, apresentando, de preferência, um quadro que resuma a classificação das afasias típicas.

Assim, nesta seção, você estudará a afasiologia a partir do século XX e a relação entre áreas cerebrais lesadas e seus distúrbios de linguagem resultantes. Além disso, refletirá sobre o desempenho de um afásico, para cada afasia típica, de cada um dos seguintes componentes da linguagem: compreensão auditiva, fluência, nomeação, repetição, compreensão escrita e leitura. Você está pronto para se aprofundar nas relações entre cérebro e linguagem?

Não pode faltar

Neurolinguística – conceituação

Na seção anterior, você estudou o desenvolvimento da Psicolinguística no século XX. Contemporaneamente, surgiram outros tipos de estudos sobre a linguagem humana, abrangidos por uma área diferente: a **Neurolinguística**. Grosso modo, podemos dizer que ambos os estudos relacionam a linguagem com o que acontece na cabeça do falante. Então, você pode se perguntar: por que essa distinção? Para entender essa diferença, pense num computador: de modo simplificado, podemos dizer que ele funciona, basicamente, com uma parte física (chamada hardware) composta por peças, placas, circuitos etc, e uma parte lógica (chamada software) que é composta pelos programas de computador que executam as tarefas de processamento de dados. Nessa analogia, podemos pensar que a Psicolinguística estudaria o software mental, ou seja, as relações entre pensamento (parte lógica) e linguagem, enquanto a Neurolinguística estudaria a parte relativa ao hardware, que seriam as relações entre **cérebro** (parte física) e linguagem.



Assimile

“Segundo Caplan (1987), a Neurolinguística é o estudo das relações entre cérebro e linguagem, com enfoque no campo das patologias cerebrais, cuja investigação relaciona determinadas estruturas do cérebro com distúrbios ou aspectos específicos da linguagem. Já para Menn & Obler (1990), a Neurolinguística tem por objetivo teorizar sobre o ‘como’ a linguagem é processada no cérebro.” (MORATO, 2009, p. 143-144)

Uma das maneiras de estudarmos as relações entre a linguagem e o cérebro saudável é, justamente, através dos modos pelos quais o cérebro de pacientes é afetado com distúrbios de linguagem. Por esse motivo, segundo Menegotto e Konkiewitz (2010), investigar as **afasias** contribui para o estudo da compreensão de como a linguagem funciona no cérebro. Então, podemos dizer que afasia é uma alteração de linguagem que, geralmente, resulta de uma lesão cerebral causada por um Acidente Vascular Cerebral (AVC), um tumor ou um traumatismo cranioencefálico. Como veremos ao longo

desta seção, há diversos tipos de afasias (como as que afetam mais a compreensão da linguagem ou as que afetam mais sua produção, por exemplo), e seus estudos permitem que conheçamos cada vez mais o funcionamento do cérebro humano.



Reflita

Com base no que Morato (2009, p. 144) afirma a seguir, reflita: de que tipo é a relação entre linguagem e cérebro: seria uma causalidade, do tipo que “um cérebro defeituoso causaria uma linguagem ou uma ‘mente’ defeituosa”, ou de reciprocidade, em que o cérebro pode constituir a linguagem da mesma forma que é constituído pela linguagem e seu funcionamento?

Breve histórico

O interesse do homem por tentar encontrar relações entre o cérebro e o comportamento humano não é recente. Segundo Morato (2009, p. 145), “sacerdotes egípcios já faziam correlações anátomo-funcionais entre cérebro e comportamento humano”, enquanto a tradição da filosofia greco-latina também demonstrava interesse pelo estudo da relação **corpo-mente**. Antigamente, o cérebro já era assumido como o órgão da inteligência, mas ainda não se considerava que a linguagem pudesse estar localizada no cérebro, pois, como afirma Morato (2009, p. 149), ela “não fazia parte das evidências de sequelas de distúrbios cerebrais”. No século XIX, a descrição de modo sistemático das alterações da linguagem originou a afasiologia (estudo das afasias), que, inicialmente, investigava as “correlações entre linguagem e determinadas áreas do cérebro que seriam por ela responsáveis” (MORATO, 2009, p. 145).

Foi também só a partir do século XIX que teve início o estudo do cérebro de modo mais *científico*, com a descoberta das localizações cerebrais. O médico alemão **Franz Joseph Gall** estabeleceu a relação entre a área cerebral lesada e manifestações clínicas de pacientes neurológicos, propondo que “as disposições morais e intelectuais dependiam de faculdades inatas e distintas, que estariam inscritas no cérebro” (MORATO, 2009, p. 150), teoria essa que levou o nome de **frenologia** (do grego, *estudo da mente*). No entanto, essa teoria foi muito criticada por ser usada como evidência científica para teorias

racistas que correlacionavam o formato do crânio ao formato do cérebro para pregar a superioridade de uma etnia sobre a outra, por exemplo.

Nesse sentido, a frenologia estuda o cérebro a partir de uma perspectiva localizacionista. Morato (2009, p. 150-151) define **localizacionismo** como “a ideia de que cada função cognitiva, como a memória ou a linguagem, é de responsabilidade de regiões ou sedes circunscritas no cérebro”. Essa visão das funções cognitivas perdurou por muito tempo, mesmo após a frenologia perder espaço no estudo da relação entre cérebro e comportamento ou cérebro e linguagem.



Assimile

Segundo Morato (2009, p. 150), alguns críticos da corrente localizacionista, como Freud, diriam que “uma coisa é localizar no cérebro áreas que, prejudicadas, perturbariam a linguagem e demais processos cognitivos; outra coisa, bem diferente, é localizar de maneira precisa a linguagem no cérebro”.

Apesar das sérias críticas à frenologia, Macedo (2016, p. 136) afirma que ela, “durante muito tempo, [...] foi tida como uma pseudociência; todavia, atualmente, grande número de neurocientistas entende que o localizacionismo de Gall era fruto de ‘questões corretas com a tecnologia errada’” (ARREGUY, 2010 apud MACEDO, 2016, p. 136). Como você pôde perceber, há mais de uma abordagem possível para o estudo da relação entre cérebro e linguagem, como o estudo entre comportamento humano e o funcionamento do cérebro (desde a Antiguidade egípcia) ou o estudo das afasias para compreender a correlação entre área cerebral lesada e sua respectiva perturbação de linguagem. Exploraremos, na próxima subseção, algumas propostas sobre o processamento cerebral da linguagem.

Enfim, na primeira metade do século XX, o estudo das afasias já era realizado por linguistas com o intuito de testar ou comprovar suas teorias, segundo Morato (2009). Dessa forma, a **afasiologia** passou a fornecer dados que contribuíram para o desenvolvimento da teoria linguística. Por exemplo, o linguista russo Roman Jakobson (cujas contribuições estudamos também nas seções relativas aos níveis de análise linguística e ao Funcionalismo) dedicou-se também ao estudo

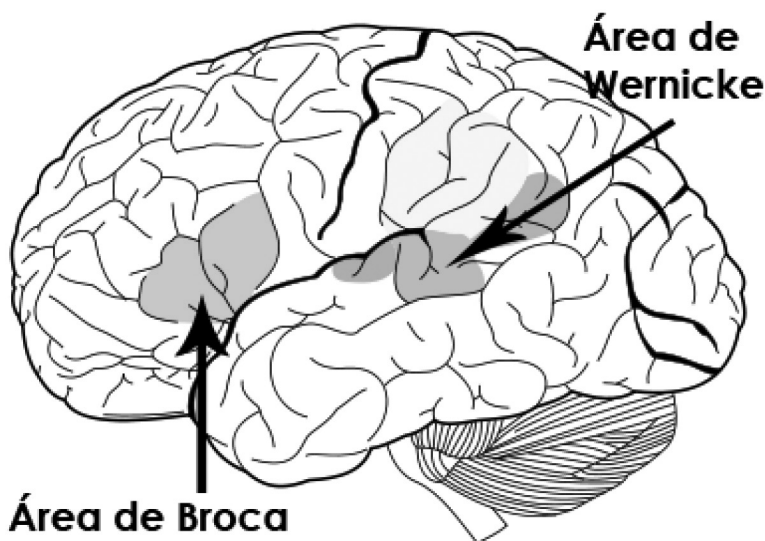
sistemático das afasias, baseado na classificação neuropsicológica de Lúria, outro cientista russo. Para Morato (2009), o objetivo de Jakobson era construir uma *teoria geral da linguagem*, pois acreditava que, ao estudar como as afasias feriam a gramaticalidade, a norma e os padrões estruturais e funcionais da língua, poderia teorizar sobre o funcionamento da linguagem de um modo geral.

Processamento da linguagem no cérebro

Com o início da pesquisa sobre afasia do século XIX, temos a origem do rótulo Neurolinguística com as importantes contribuições de **Paul Broca** (1824-1880), um médico francês que estudou o cérebro de um paciente epilético que sofria sequelas de um AVC e não conseguia falar nem escrever, só dizia *tan-tan* e gesticulava. Após a morte do paciente, Broca examinou seu cérebro e constatou certas alterações morfológicas que apareciam também em outros pacientes que não liam, nem escreviam, mas gesticulavam. Assim, Broca interpretou o local do cérebro onde estaria o centro da fala: essa área ficou conhecida como **área de Broca** (localizada perto da têmpora). Pessoas com lesão nessa área (e que apresentem perda da expressão da linguagem) têm afasia *de Broca* (DIAS; GOMES, 2015; FRANÇA, 2015).

Pouco tempo depois, Carl Wernicke (1848-1905), médico polonês radicado na Alemanha, localizou outra área do cérebro, cujas lesões produzem uma afasia diferente: ele percebeu que alguns pacientes não entendiam o que lhes era dito, apesar de ter fala fluente, ainda que com muita dificuldade de expressão. Então, através de exame *post mortem*, localizou alguma lesão no lobo temporal superior esquerdo do cérebro desses pacientes, configurando a chamada **área de Wernicke**, cuja lesão pode causar um tipo de afasia a que chamamos de afasia de Wernicke. Veja a imagem seguinte de um dos modelos de linguagem iniciais (Modelo de Wernicke-Geschwind) para entender onde, no cérebro humano, estão as chamadas área de Broca e área de Wernicke, além daquelas chamadas córtex, mencionadas na subseção seguinte.

Figura 4.1 | Áreas de Broca e de Wernicke



Fonte: <<http://www.dislexiabrasil.com.br/Cerebro-Linguagem.aspx>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

Segundo Menegotto e Konkiewitz (2010), estudos indicam que, em grande parte dos indivíduos, o processamento linguístico relativo à gramática, ao vocabulário e à constituição de fonemas ocorreria, predominantemente, no **hemisfério cerebral esquerdo**. Como consequência do avanço da tecnologia, propôs-se um modelo novo para explicar o processamento linguístico, que ocorreria em outras regiões no hemisfério esquerdo (além das ressaltadas pelo modelo anterior – Figura 4.1). Nessa proposta, três sistemas amplos interagem fortemente na produção e na percepção da linguagem. Resumidamente, de acordo com Menegotto e Konkiewitz (2010), seriam eles:

1. **Sistema de implementação da linguagem:** constituído pelas áreas de Broca e Wernicke, além de certas áreas do córtex insular e dos núcleos da base. Responsável por analisar os sinais auditivos que ativam o conhecimento conceitual e por garantir a constituição gramatical e fônica, assim como o controle da articulação.
2. **Sistema mediador:** constituído por várias regiões no córtex de associação parietal, frontal e temporal. Responsável por

fazer o intermédio entre o sistema de implementação da linguagem e o sistema conceitual.

3. **Sistema conceitual:** formado por várias regiões distribuídas entre os outros córtices associativos de ordem superior, como base para o conhecimento conceitual.

Atualmente, as modernas técnicas de neuroimagem permitem que o neurolinguista possa melhor avaliar e diagnosticar as afasias, localizando as áreas afetadas de forma mais precisa. Assim, de forma não invasiva (ao contrário de estudos antigos com pacientes afásicos, em que seus cérebros eram examinados em exames *post mortem*), os pesquisadores da Neurolinguística conseguem, através desses exames mais avançados e de testes com seus pacientes, compreender melhor a relação entre área cerebral afetada e seu respectivo distúrbio de linguagem.

Classificação das afasias

Segundo Menegotto e Konkiewitz (2010), há dois grupos grandes de afasias: típicas e atípicas. As **afasias típicas** são resultado de uma lesão cortical (ou seja, relativa ao córtex cerebral). São exemplos de afasias típicas: de Broca, de Wernicke, de condução, global, transcortical motora, transcortical sensorial, transcortical mista e afasia anômica. De acordo com as autoras, a classificação dessas afasias é dada ao se examinar seis importantes componentes da linguagem: compreensão auditiva, fluência, nomeação, repetição, compreensão escrita e leitura. Além delas, há as afasias atípicas e a afasia progressiva primária. Conheça, a seguir, cada uma delas.



Pesquise mais

Para que você possa entender melhor alguns tipos de afasias, indicamos o acesso ao **Portal da afasia**, em especial os artigos sobre como falam os afásicos. Aqui, sugerimos o artigo *Parafasia lexical: O almoço de Farid*, que apresenta o caso de parafasia do senhor Farid em um vídeo em que ele conversa sobre seu almoço.

PORTAL DA AFASIA. **Parafasia lexical:** o almoço de Farid. Disponível em: <<http://afasia.com.br/linguagem-afasia/parafasia-lexical-o-almoco-de-farid>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

Na **afasia de Broca** (também chamada afasia motora, não fluente ou de expressão), a pessoa tem dificuldades para falar, ainda que consiga compreender a linguagem falada ou escrita. Seu discurso apresenta dificuldades, sendo, muitas vezes, telegráfico (ao omitir muitos dos conectivos) e custoso. Outra característica é a anomia, ou seja, a falta de capacidade para encontrar palavras. A pessoa pode fazer muitas pausas ao falar e ter dificuldade para repetir. Nessa afasia, pode também ocorrer o agramatismo (quando o sujeito afásico omite conjunções, pronomes e, muitas vezes, não consegue conjugar verbos). Outra característica são os erros parafásicos, ao “trocar sons de palavras como, por exemplo, dizer estrata, querendo dizer estrada” (MENEGOTTO; KONKIEWITZ, 2010, p. 87).

Por sua vez, a **afasia de Wernicke** (também chamada afasia fluente, sensorial ou de recepção) é um caso em que a compreensão fica mais gravemente comprometida, enquanto o discurso parece fluente e normal. As pessoas com esse tipo de afasia podem ter problemas de compreensão da linguagem escrita e falada, além de problemas com repetição, nomeação e leitura. No entanto, podem produzir discurso que parece fluente, com estrutura sintática adequada, mas sem conteúdo semântico relativo ao contexto. O indivíduo não consegue reconhecer seus erros no discurso que, quando só apresenta palavras ininteligíveis, configura a jargonafasia (MENEGOTTO; KONKIEWITZ, 2010).



Exemplificando

Exemplo de fala de uma pessoa com afasia de Wernicke:

“Eu chamei minha mãe na televisão e não entendi a porta. Não era para o café da manhã, mas ela veio de longe. Meu romer é amanhã de manhã, eu acho” (MENEGOTTO; KONKIEWITZ, 2010, p. 88).

Na **afasia de condução**, as lesões cerebrais poupam as áreas de Broca e de Wernicke: há um bom nível de compreensão verbal, como na afasia de Broca, e o afásico não comete muitos desvios na escolha das palavras, como na afasia de Wernicke. Segundo Menegotto e Konkiewitz (2010, p. 87), pessoas com afasia de condução “frequentemente cometem erros de seleção e transposição de

fonemas e sílabas, o que ocorre também na repetição”. Há dificuldade na capacidade de repetição e, geralmente, na de nomeação. A capacidade de leitura é relativamente normal.

Na **afasia global**, há a “perda completa da capacidade de compreender a linguagem, de formular a fala e de repetir sentenças, combinando, dessa forma, as afasias de Broca, de Wernicke e de condução” (MENEGOTTO; KONKIEWITZ, 2010, p. 89). Esse tipo de afasia acompanha fraqueza no lado direito do rosto e paralisia dos membros do lado direito. Pessoas com essa afasia não produzem discurso e apresentam grave déficit de compreensão auditiva, apesar de, segundo Menegotto e Konkiewitz (2010), conseguirem cumprir ordens frequentes e contextualizadas. As capacidades de nomeação e de leitura também são comprometidas.

Segundo as mesmas autoras, nas afasias transcorticais, a pessoa consegue repetir a linguagem falada, mas outras capacidades de linguagem estão prejudicadas. Na **afasia transcortical motora**, como na de Broca, a pessoa tem um discurso pouco fluente, mas as habilidades de compreensão e articulação se mantêm, assim como a leitura é relativamente normal. A **afasia transcortical sensorial** tem semelhanças com a afasia de Wernicke em relação à compreensão prejudicada e à produção parafásica, mas a capacidade de repetição é preservada. Nela, as capacidades de leitura e nomeação são comprometidas e a fluência verbal pode ser *ecolática* (com a repetição automática de palavras ou sons ouvidos, como um eco). Por sua vez, a **afasia transcortical mista** equivale à afasia global.

Ainda no campo das afasias típicas, temos a **afasia anômica**, na qual o distúrbio da linguagem afeta o nível lexical, sendo, muitas vezes, a expressão afásica residual após a recuperação a partir de outros tipos de afasia. Ela se caracteriza por permitir a produção verbal fluente, manter a capacidade de repetição intacta e a de compreensão relativamente normal, mas compromete muito a capacidade de nomeação. O discurso tem conteúdo fluente, mas vazio, com o uso de muitos termos imprecisos, como isso, aquilo, coiso etc., e circunlóquios substituindo os nomes, por exemplo, dizer “aquilo que serve para cortar” quando se quer referir a uma faca (MENEGOTTO; KONKIEWITZ, 2010, p. 90). Segundo as autoras, esse seria um tipo menos grave de afasia, em que a maior dificuldade é encontrar nomes, uma vez que as outras capacidades permanecem

poupadas. A capacidade de leitura pode ser normal ou anormal.

Já as **afasias atípicas** são do tipo *cruzadas* (comprometem pessoas destros com lesão no hemisfério direito) ou *subcorticais* (resultantes de lesões nas estruturas subcorticais do hemisfério esquerdo). Inicialmente, caracterizam-se por um período de mudez, seguido pela fala motora anormal, com dificuldades articulatórias e erros parafásicos. De acordo com Menegotto e Konkiewitz (2010), capacidades como a nomeação, a compreensão, a repetição, a leitura e a escrita, nesse tipo de afasia, podem ou não ser anormais, como ocorre nas afasias transcorticais. Alguns transtornos de comunicação resultantes de lesões no hemisfério direito, segundo as autoras, é a *amelodia*, em que o afásico perde a capacidade de entonação emocional ao falar, e o indecoro verbal, em que a fala fica muito livre, sem filtros para temas impróprios, cruéis etc. Afásicos com indecoro verbal não percebem a consequência de suas ações.

E, finalmente, a **afasia progressiva primária** (APP) é caracterizada por uma “perda isolada e progressiva da linguagem, pelo menos durante os dois primeiros anos de evolução” (MENEGOTTO; KONKIEWITZ, 2010, p. 92). Esse tipo de afasia, muitas vezes, configura o início de algum tipo de demência ou de Doença de Alzheimer, que ocasiona “um declínio cognitivo gradual até o ponto de interferir no funcionamento das atividades instrumentais da vida diária” (MENEGOTTO; KONKIEWITZ, 2010, p. 92). Dessa forma, a APP difere dos outros tipos de afasia que são causados por uma lesão específica no cérebro, mas pode apresentar atrofia de certas áreas cerebrais, o que é observado através de neuroimagem (MENEGOTTO; KONKIEWITZ, 2010), como a tomografia ou a ressonância magnética, técnicas modernas para o auxílio de diagnóstico médico.



Pesquise mais

Se quiser retomar seus conhecimentos gerais sobre afasia, assista ao vídeo *Aphasia: The disorder that makes you lose your words* (tradução literal: **Afasia: o distúrbio que faz com que você perca suas palavras**), de Susan Wortman-Jutt para o TED-Ed, disponível com legendas para o português no link seguinte:

WORTMAN-JUTT, Susan. Aphasia: the disorder that makes you lose your words. Animação: TED-Ed. 2016. (5:10 min.). Em inglês, legendado em

português. Disponível em: <<https://goo.gl/vypJMC>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

Como você pôde ver nesta seção, o estudo das afasias como formas de perturbação da linguagem decorrente de lesão cerebral permite que neurolinguistas consigam estudar a relação entre áreas cerebrais e as respectivas consequências de sua lesão. Mesmo sabendo que há vários tipos de afasias, é importante que você saiba que nem todos os casos serão iguais, pois estão diretamente relacionados não só à localização da lesão cerebral mas também à sua extensão e à recuperação do paciente afásico. Ainda assim, é possível estudar o que há de comum em tantos casos diferentes de afasia, o que diretamente contribui para o estudo da relação entre cérebro e linguagem, mesmo sem patologias (considerado normal).

Sem medo de errar

Para ajudar Rafaela a escrever a parte de sua matéria jornalística a respeito da Neurolinguística, você deve seguir o roteiro proposto no Diálogo Aberto. Uma proposta de resolução é a seguinte:

Importância do estudo da afasia para o surgimento e o desenvolvimento da Neurolinguística: afasia é um distúrbio de linguagem que, geralmente, deriva de uma lesão cerebral resultado de um AVC, um tumor cerebral ou um traumatismo cranioencefálico. Então, com o estudo das áreas cerebrais afetadas por essa lesão, é possível compreender quais regiões do cérebro estão relacionadas a certas capacidades de linguagem. Por exemplo, uma lesão na chamada área de Broca ocasiona a chamada afasia de Broca, que tem como características principais a dificuldade de falar, mesmo conseguindo compreender a linguagem sem muitos problemas. Por sua vez, na afasia de Wernicke (com lesão na área de Wernicke), a compreensão do afásico fica comprometida, enquanto seu discurso parece fluente e normal. Dessa forma, a partir da identificação dessas afasias, é possível dizer que a produção da linguagem está mais relacionada com a atividade cerebral na área de Broca, enquanto a compreensão estaria mais relacionada com a área de Wernicke, o que

permite aos neurolinguistas explicar certos funcionamentos (normais e patológicos) na relação entre cérebro e linguagem.

Os principais tipos de afasia são: de Broca, de Wernicke, de condução, global, transcortical motora, transcortical sensorial, transcortical mista, anômica, afasias atípicas e afasia progressiva primária (APP).

Quadro com classificação das afasias típicas, como o de Menegotto e Konkiewitz (2010, p. 86):

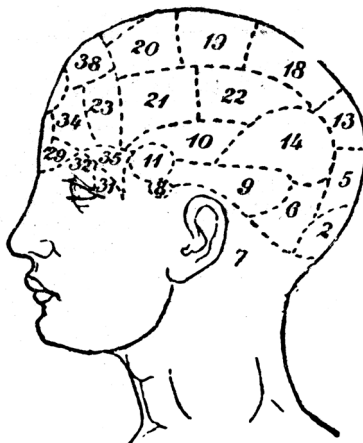
Quadro 4.1 | Principais síndromes de afasia

Afasia	Fluência	Compre- ensão auditiva	Repeti- ção	Nomea- ção	Leitura
De Broca	Anormal	Relativa- mente normal	Anormal	Anormal	Normal ou anormal
De Wer- necke	Normal, parafá- sica	Anormal	Anormal	Anormal	Anormal
Global	Anormal	Anormal	Anormal	Anormal	Anormal
De Con- dução	Normal, parafá- sica	Relativa- mente normal	Anormal	Geral- mente anormal	Relativa- mente normal
Trans- cortical motora	Anormal	Relativa- mente normal	Relativa- mente normal	Anormal	Relativa- mente normal
Trans- cortical sensorial	Normal, ecoláica	Anormal	Relativa- mente normal	Anormal	Anormal
Anômica	Normal	Relativa- mente normal	Normal	Anormal	Normal ou anormal

Fonte: Menegotto e Konkiewitz (2010, p. 86).

1.

Texto 1



Fonte: disponível em: <<https://goo.gl/ZcKeb4>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

Texto 2

"Sua peculiar doutrina [...] dizia que as disposições morais e intelectuais dependiam de faculdades inatas e distintas, que estariam inscritas no cérebro." (MORATO, Edwiges. Neurolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 2. Cap. 5. p. 150.)

Qual é o nome do estudo entre cérebro e comportamento, proposto por Franz Joseph Gall, a que se referem os textos 1 e 2?

- a) Frenologia.
- b) Afasiologia.
- c) Área de Wernicke.
- d) Área de Broca.
- e) Jargonafasia.

2. Com base em seus conhecimentos sobre a Neurolinguística, a seguir indique V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas:

- () A Neurolinguística estuda as relações entre cérebro e linguagem, com foco no estudo de distúrbios de linguagem decorrentes de lesões cerebrais.
- () A investigação de lesões cerebrais impossibilita o estudo da relação entre certas estruturas do cérebro e aspectos específicos da linguagem.

() Para o linguista Roman Jakobson, a afasiologia passou a fornecer dados que contribuíram para o desenvolvimento da teoria linguística. Assinale a alternativa com a sequência correta de indicações, de cima para baixo:

- a) V-F-V.
- b) F-V-V.
- c) V-V-F.
- d) V-V-V.
- e) V-F-F.

3. Considere as afirmações a seguir:

I. Configura-se numa perda progressiva e isolada da linguagem, geralmente no início de algum tipo de demência ou Doença de Alzheimer.

II. Conhecida como *afasia motora* ou *não fluente*, há a dificuldade de falar, mesmo que possa entender a linguagem falada ou lida; incapacidade de encontrar palavras.

III. Possíveis problemas de compreensão da linguagem falada e escrita, de repetição, nomeação e leitura, mas com fluência normal do discurso.

Os nomes das afasias que (tipicamente) apresentam as características I, II e III são, respectivamente:

- a) Afasia de Wernicke, afasia de Broca e afasia progressiva primária.
- b) Afasia progressiva primária, afasia de Wernicke e afasia de Broca.
- c) Afasia de Wernicke, afasia progressiva primária e afasia de Broca.
- d) Afasia progressiva primária, afasia de Broca e afasia de Wernicke.
- e) Afasia de Broca, afasia progressiva primária e afasia de Wernicke.

Seção 4.3

Pragmática

Diálogo aberto

Chegamos ao final de seu percurso pela disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos. Até aqui, você conheceu os precursores dos estudos linguísticos; estudou a natureza e os usos e, funções da linguagem humana; conheceu a influência da obra de Ferdinand de Saussure sobre os estudos da linguagem, como a teoria dos níveis de análise linguística e algumas vertentes teóricas, entre elas o Estruturalismo e o Funcionalismo linguísticos. Além disso, nesse percurso, você conheceu duas importantes teorias, estudadas até hoje, no campo da Linguística: o Gerativismo e o Sociointeracionismo. Nesta unidade que encerra a disciplina, chegou o momento de ultrapassarmos efetivamente os limites da Linguística com o estudo de áreas interdisciplinares, sendo elas a Psicolinguística, em sua inter-relação com a Psicologia; a Neurolinguística, em sua dependência da medicina e de outras ciências da saúde; e a Pragmática, relacionada à filosofia da linguagem, à comunicação e aos estudos sociais, em geral.

Voltemos, então, ao caso de Rafaela, a personagem de nosso contexto de aprendizagem desta unidade. Como jornalista, precisa escrever uma matéria, com uma linguagem clara para um público leigo, sobre áreas de estudos interdisciplinares. Ela já escreveu sobre duas importantes áreas: a Psicolinguística e a Neurolinguística. Para finalizar a matéria, ela deverá abordar a Pragmática como última das áreas interdisciplinares relacionadas à Linguística. Para ajudá-la a escrever essa parte da matéria, você deverá elaborar um pequeno roteiro que descreva brevemente, e com exemplos, quando possível: a diferença entre os dois polos nos estudos da linguagem no século XX e onde se encontra a Pragmática; os atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário de Austin e o que são as condições de felicidade/infelicidade; além das quatro máximas conversacionais de Grice, apresentando um exemplo que fere uma delas (por exemplo, tente explicar qual máxima de Grice é ferida quando uma pessoa pergunta

“que horas são?” e a outra responde algo como “ainda é cedo”).

Para auxiliar Rafaela a elaborar a última parte de sua matéria jornalística, você terá de refletir sobre os polos formalista e funcionalista dos estudos da linguagem, a Teoria dos atos de fala de Austin e as implicaturas conversacionais de Grice. Vamos começar a explorar a teoria da última seção desta disciplina?

Não pode faltar

Pragmática – conceituação

No século XX, após a publicação do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, você pôde ver uma clara divisão das pesquisas linguísticas em dois grandes polos: o **polo formalista** e o **polo funcionalista**. O primeiro enfatizava a forma linguística e considerava a língua como sistema ou estrutura, de forma a desconsiderar a fala, que seria somente sua contraparte individual e concreta. Um dos exemplos de vertentes formalistas seria o Gerativismo de Chomsky, que propõe uma visão homogênea da língua ao estudar a competência linguística. Já o segundo polo considerava a língua numa perspectiva sociointeracionista e funcional, destacando o estudo do uso da língua em situações reais de comunicação. Aqui entra em cena a **competência comunicativa ou pragmática**, que considera fenômenos de variação e mudança linguísticas, com a noção de falante/ouvinte ideal dando lugar à noção de falante/ouvinte real. A Pragmática, então, faria parte do segundo polo, distinguindo radicalmente do polo formalista ao propor teorias do uso linguístico considerando sua dimensão social (WILSON, 2011). Segundo Haberland e Mey (1977 apud PINTO, 2009), a Pragmática analisaria o uso concreto da linguagem considerando seus usuários e as condições que governam essa prática linguística.



Refleta

Pense na reflexão proposta por Wilson (2011): você pode encontrar termos na língua que, segundo a gramática tradicional, pertencem a uma determinada classe gramatical. Porém, em contextos específicos, esses termos podem exercer uma função diferente. Então, como compreendê-los? Qual é a importância da Pragmática nessa questão?

A Pragmática é um campo recente da Linguística, cujas fronteiras não são sempre muito bem definidas (DIAS; GOMES, 2015) e, segundo Wilson (2011), surge como afiliada à filosofia da linguagem, a partir da ideia de signo e suas relações em vários domínios. Dessas relações, teriam originado três vertentes: a Semântica (propondo o estudo da relação signos/objetos), a Sintática (estudando a relação entre os signos em si) e a Pragmática (estudando os signos e seus intérpretes).

Para Dias e Gomes (2015), basta você observar algumas trocas comunicativas em nosso cotidiano para perceber que não é suficiente apenas conhecer o código (a língua) para interpretar as ocorrências linguísticas em situações reais de fala. Por esse motivo, o objeto de análise da Pragmática é o significado da linguagem em uso. Por exemplo, ao encontrar um bilhete em sua casa em que está escrito somente “Chego amanhã”, você pode entender o **significado literal**. Mas, se não há assinatura, quem deixou a mensagem? E quando a deixou? *Amanhã* é um exemplo de **dêitico**, uma forma linguística que só pode ser interpretada em um contexto: ou seja, se o bilhete for lido no dia 25 de maio de 2007, então *amanhã* vai se referir ao dia 26 de maio de 2007. E se, no entanto, ele for lido hoje? Aliás, qual é a referência para *hoje*? Para resolver esse impasse, você precisará saber o **significado referencial**, que é aquele que depende das circunstâncias e serve para identificar o referente da palavra *amanhã*. Mesmo com esse impasse resolvido, ainda é possível se questionar: qual é o sentido de *Chego amanhã*? Seria uma ameaça, um aviso, uma surpresa? Para compreender esse sentido, você precisará saber qual é o **significado do falante ou intencional**, sendo esse o chamado significado pragmático (DIAS; GOMES, 2015).

Para Reyes (2003 apud DIAS; GOMES, 2015, p. 114), o significado intencional seria o significado completo de um enunciado – constituído tanto pelo que o falante quer comunicar (explicitamente) quanto pelo que ele comunica implicitamente – cuja interpretação deve resultar de “uma operação de decodificação dos signos linguísticos usados e de **inferências** do ouvinte em relação à intenção do falante”. Por sua vez, as inferências seriam “processos mentais que possibilitam a ‘descoberta’ do que está implícito no enunciado” (DIAS; GOMES, 2015, p. 114).

Conforme afirmam Dias e Gomes (2015), os estudos pragmáticos admitem como fundamentais na comunicação os **valores contextuais e intencionais**. No exemplo das autoras, quando o patrão diz “Está frio” ao seu mordomo, essa pode ser uma ordem para fechar a janela; porém, se for dita por uma mãe ao seu filho que quer brincar fora de casa, pode ser uma negação; se dita por um meteorologista, é uma informação; já em relação a uma bebida servida tradicionalmente quente, pode ganhar conotações negativas.



Assimile

De modo geral, a Pragmática entende **contexto** como o “conjunto de conhecimentos e crenças compartilhados pelos interlocutores de um intercâmbio verbal que são pertinentes para produzir e interpretar seus enunciados” (DIAS; GOMES, 2015, p. 117).

A noção de contexto, segundo Reyes (2003 apud DIAS; GOMES, 2015), ao estar diretamente relacionada à noção de enunciado, pode ser classificada em três tipos:

1. **Contexto linguístico:** formado pelo material linguístico que precede ou sucede o enunciado (também chamado de cotexto).
2. **Contexto situacional:** o conjunto de informações acessíveis aos integrantes de uma conversação (considerado o contorno físico imediato).
3. **Contexto sociocultural:** disposto a partir da relação entre condicionamentos socioculturais e comportamento verbal e sua adequação às diferentes circunstâncias (relevante em estudos pragmáticos sobre desentendimentos interculturais).

Você verá que duas das principais teorias que fundamentam os estudos pragmáticos atuais são a Teoria dos atos de fala, de John Austin (1962), ampliada por John Searle, em 1969, e a Lógica da conversação, de Paul Grice (1975), a partir da qual estudaremos as implicaturas conversacionais. Além delas, veremos a Teoria da polidez, proposta por Brown e Levinson, tendo como referência um dos princípios de Grice (DIAS; GOMES, 2015).

Os atos de fala

John Langshaw Austin (1911-1960) foi um filósofo inglês que propôs a teoria dos atos de fala, com base na ideia de que, ao falar, **realizamos atos**. Isso significa que a linguagem é vista como uma forma de ação, ou seja, quando falamos, não apenas declaramos mas também realizamos as ações de: ordenar, perguntar, pedir, desculpar-nos, lamentar, julgar etc. Para esse autor, não haveria outra forma de realizar essas ações senão por meio da linguagem. Daí Austin deriva o conceito de **performativo**: um enunciado é performativo quando ele realiza o ato que está sendo enunciado. Por outro lado, há os enunciados do tipo constativos, que afirmam ou falam de algo (WILSON, 2011; DIAS; GOMES, 2015).



Exemplificando

Exemplos de enunciado performativo e constativo:

Performativo: “Eu perdoo você.” – Ao afirmar essa sentença, ao mesmo tempo, ocorre também o ato do perdão.

Constativo: “Hoje o dia está ensolarado.” – É constativo, pois somente afirma algo (DIAS; GOMES, 2015).

De acordo com Dias e Gomes (2015) e Pinto (2009), dizer algo, segundo Austin, equivaleria a executar três atos simultâneos, que alguns autores, em português, chamam também de atos locutório, ilocutório e perlocutório. Veja, a seguir, como se caracteriza cada um desses atos:

- **Ato locucionário:** é o conteúdo linguístico usado para dizer algo, seguindo as regras da língua; por exemplo, você não diz “Rolou bola a”, mas “A bola rolou”.
- **Ato ilocucionário:** tem a força performativa; é o ato efetuado ao se dizer algo; por exemplo, se você enuncia “Eu prometo que estarei em casa hoje à noite”, você realiza o ato de prometer (SILVA, 2006).
- **Ato perlocucionário:** tem o objetivo de produzir certas consequências ou efeitos sobre quem diz, quem recebe a mensagem ou até sobre outras pessoas; por exemplo, ao ser

enunciada, a frase acima pode resultar numa ameaça, num agrado ou num desagrado, sendo esse ato (perlocucionário) realizado não na linguagem, mas por ela (SILVA, 2006).

Todo ato de fala é, simultaneamente, locucionário, ilocucionário e perlocucionário, pois nossos enunciados teriam uma força que produz efeitos (desejáveis ou não) no interlocutor. Dias e Gomes (2015) dão o exemplo do enunciado “Você tem uma caneta?”: se a pessoa a quem você perguntou só responde positivamente, mas não empresta uma caneta, seu ato de fala não teve o efeito desejado. É importante que você entenda que atos de fala podem ser **ambíguos**: por exemplo, se você diz “saí”, pode querer expressar um pedido, uma ordem, um conselho etc. (SILVA, 2006) – de acordo com a gramática normativa, a forma correta seria saia, mas optamos por usar a forma mais frequente no uso da língua para esse verbo no modo imperativo.

Para solucionar o dilema da ambiguidade, os falantes podem se basear em “indícios explicitados no momento da fala, ou amplamente percebidos na relação entre as pessoas que falam” (PINTO, 2009, p. 58). Por exemplo, ao dizer “saí”, você pode estar pedindo que alguém deixe você sozinho; pode estar ordenando que uma pessoa desagradável afaste-se de você; ou, até mesmo, aconselhando um amigo que pediu sua opinião sobre sair ou não (por exemplo, da empresa onde trabalha, para aceitar uma nova oportunidade, dizendo: “O que você acha que eu faço?” e você responde só: “Saí”). Repare como todas essas situações diferem entre si na intenção do falante, e essas diferenças são marcadas por elementos do contexto. Por exemplo, se “saí” é enunciado em um tom de voz alto e ríspido, ele tem um sentido. Mas, se ele for enunciado em tom suave e entre risos, pode ser uma criança que recebe cócegas de outra e está apenas pedindo que o colega pare com isso.

Silva (2006) ainda ressalta que as circunstâncias devem ser adequadas para que um enunciado performativo garanta sua realização; caso contrário, o enunciado fracassa em seu efeito performativo. Por exemplo, somente se o presidente da câmara disser “Declaro aberta a sessão”, a sessão da Câmara será efetivamente aberta, o que não aconteceria se fosse outra pessoa, pois, naquele momento, só ele tem a autoridade para executar esse ato, naquele local. Essas circunstâncias, adequadas ou não, configurariam as chamadas **condições de felicidade** (sucesso) e **infelicidade** (fracasso) dos atos de fala.



Segundo Kunz e Stumpf (2011), Austin desconsiderou a distinção entre enunciados constativos e performativos ao postular, posteriormente, que **todos os enunciados são performativos**. Considerando essa questão, pense na seguinte situação fictícia: você e seus amigos finalmente conseguiram marcar a tão esperada viagem para a praia, mas, no feriado escolhido, choveu muito quase todos os dias, obrigando-os a ficar dentro de casa a maior parte do tempo. Então, no último dia da viagem, um de seus amigos diz: “Hoje o dia está ensolarado”. Será que esse enunciado ainda poderia ser considerado estritamente constativo?

Uma das propostas de John Rogers **Searle** (1932-) para ampliação da Teoria dos atos de fala de Austin foi a ideia de **atos de fala indiretos**, que se refeririam às “construções linguísticas em que não há uma correspondência direta entre o significado proposicional e a força ilocucionária” (DIAS; GOMES, 2015, p. 119). Por exemplo, podemos ver os pedidos e as ordens em sentenças imperativas, como **atos de fala diretos** (“Querido, compra um suco de caju”), e também nas formulações indiretas associadas a perguntas (“Querido, você poderia comprar um suco de caju?”) ou a afirmativas (“Estou com muita vontade de tomar um suco de caju”), sendo este último o caso mais indireto de todos (DIAS; GOMES, 2015, p. 119).

Como podemos ver em Dias e Gomes (2015, p. 119), outra distinção de Searle na Teoria dos atos de fala é a divisão entre atos indiretos **convencionais** e **não convencionais**. No primeiro tipo, há certas construções sintáticas que se estabelecem pelo uso como formas idiomáticas modelo (“Você poderia comprar um suco?”, “Não quer trazer um suco para mim?”). Já no segundo tipo, não há convenções sistemáticas, como em “Estou com muita vontade de tomar um suco de caju”. Você pode se perguntar: como, então, o interlocutor entende tal ato de fala indireto, se o enunciado ouvido significa além do sentido literal? Para responder a essa pergunta, Searle defendia que “os ouvintes são governados por regras específicas, informação mutuamente compartilhada e princípios conversacionais gerais, na linha daqueles propostos por Grice (1982) [...]” (DIAS; GOMES, 2015, p. 119-120).

Implicaturas conversacionais

Um dos mais importantes estudos da Pragmática foi o do filósofo britânico H. P. **Grice** (1913-1988), sobre as chamadas implicaturas conversacionais. De acordo com Dias e Gomes (2015, p. 116), para Grice, “a linguagem natural comunica mais do que aquilo que se significa num enunciado”, pois, ao falar, comunicamos também conteúdos **implícitos**. Por exemplo: se uma mãe diz “Vai chover” à filha, não está realizando uma previsão do tempo; está implícito, na fala da mãe, que ela acha que a filha deve levar um guarda-chuva ao sair de casa (DIAS; GOMES, 2015).

Então, Grice propõe que, para interpretar o que a outra pessoa diz, precisamos **reconhecer a intenção comunicativa** da pessoa. Dessa forma, Grice entende a comunicação como uma forma de acordo prévio entre os falantes, e o princípio básico que regeria a comunicação humana seria o **princípio da cooperação**. Por meio dele, os usuários da língua que se propõem a interagir, geralmente, vão cooperar para que a interação ocorra da melhor forma possível (DIAS; GOMES, 2015). O princípio da cooperação de Grice é regido por **quatro máximas conversacionais**, como apresentadas por Wilson (2011):

- Máxima da quantidade: seja informativo.
- Máxima da qualidade: seja verdadeiro.
- Máxima da relevância: seja relevante.
- Máxima do modo: seja claro.

De acordo com Dias e Gomes (2015), a máxima da quantidade prevê que a pessoa diga somente o necessário (nem mais nem menos); a máxima da qualidade prevê que a pessoa seja sincera; a máxima da relevância prevê que a pessoa diga somente o que for relevante, e a máxima do modo prevê que a pessoa seja concisa e ordenada. No entanto, o locutor nem sempre segue uma ou mais dessas máximas, violando-as intencionalmente ou não. Veja o quadro seguinte sobre as máximas de Grice:

Quadro 4.2 | Princípio cooperativo de Grice: categorias, supermáximas, máximas e submáximas

Quantidade	Faça sua contribuição o mais informativa possível (tendo um propósito de troca)	Máxima
	Não faça sua contribuição mais informativa do que o necessário	Máxima
Quantidade	Faça sua contribuição de forma verdadeira	Supermáxima
	Não diga nada que acredite ser falso	Máxima
	Não diga o que carece de evidência	Máxima
Relevância	Contribuição relevante	Supermáxima
Modo	Seja claro	supermáxima
	Evite obscuridade na expressão	Máxima
	Seja breve (evite a prolixidade desnecessária)	Máxima
	Seja ordenado	Máxima

Fonte: Marchiori e Greef (2014, p. 472, adaptado de GRICE, 1989).

Conforme afirma Wilson (2011, p. 90) sobre a importância do contexto comunicativo para Grice: “nem sempre o que se diz corresponde à realidade ou é realmente aquilo que se quer dizer [...]”. Nesses casos, o interlocutor tem a tarefa de calcular, através de inferências, o motivo da violação. Geralmente, quando você quebra uma das máximas de Grice, há uma **implicatura conversacional**. Reyes (2003 apud DIAS; GOMES, 2015, p. 121) define implicatura como “o significado adicional comunicado pelo falante e inferido pelo ouvinte”. Os chamados **mal-entendidos**, para Dias e Gomes (2015, p. 122), resultariam da “não coincidência entre o significado comunicado pelo falante e o significado inferido pelo ouvinte”; por exemplo, quando só é inferido o sentido literal, sem se compreender o sentido implícito.



Exemplificando

“Mãe: Pedrinho, já é tarde! Você já fez a lição de casa e tomou banho?”

“Pedrinho: Já, mãe! Já fiz a lição sim!”

“Mãe: Então, vai já tomar seu banho, menino!”

No exemplo acima, de Dias e Gomes (2015, p. 122), fica evidente que Pedrinho, ao quebrar a **máxima da quantidade**, implica que ainda não tomou banho.

Grice distingue dois tipos de implicaturas: **convencionais** (ou lexicais), cuja significação é gerada dentro do sistema linguístico, e **conversacionais**, ligadas ao contexto extralinguístico, dependendo, por exemplo, de conhecimentos prévios dos falantes (WILSON, 2011; DIAS; GOMES, 2015). Por exemplo, no enunciado: “Ela é alta, mas não alcança a última prateleira”, a implicatura convencional é desencadeada pela conjunção *mas*: não alcança a última prateleira (que é algo que você poderia esperar de alguém que é considerado alto). Já no seguinte exemplo de Wilson (2011, p. 90), a resposta de B, que poderia até parecer inadequada, é interpretada através de uma implicatura conversacional, em que B implicitamente responde “não”:

A: Você vai ao cinema com a gente?

B: Estou com dor de cabeça.

Teorias da polidez

Como mencionamos no início desta seção, a Teoria da polidez de Penelope **Brown** (1944-) e Stephen C. **Levinson** (1947-) teve como referência o princípio da cooperação de Grice, que estudamos na subseção anterior. Brown e Levinson propuseram o quadro teórico sobre **polidez** mais explorado, mais elaborado (e, também, o mais criticado), com princípios universais de polidez baseados em dados empíricos de algumas culturas diferentes (MARCOTULIO; SOUZA, 2007).

Os teóricos da polidez perguntaram-se sobre como as pessoas se relacionavam entre si; se cooperam umas com as outras, se são solidárias e evitam conflitos (WILSON, 2011). Então, notaram que, nas interações cotidianas, não há eficiência como sugerido pelas máximas griceanas, supondo que “a preocupação em dar certa atenção a dois desejos básicos do ser humano – o de ser apreciado pelos outros e o de não ter as ações próprias impedidas pelos demais – seria um forte motivo para não se falar de acordo com tais máximas” (DIAS; GOMES, 2015, p. 125). Segundo Brown e Levinson (1987 apud SATHLER, 2011, p. 20), em todas as línguas há uma série de expressões idiomáticas reconhecidas por seus usuários pois, se assumirmos que a polidez está presente em todas as culturas, então essas normas podem ser definidas internamente, na cultura. Tais normas podem variar no grau de polidez; por exemplo: *O telefone está tocando?* é mais polido do que *Atenda o telefone!*

Sabendo que, ao nos comunicarmos, tendemos a evitar conflitos. Veja o exemplo de Wilson (2011): em uma situação de possível confronto, como uma reclamação que você precisa fazer: o que leva você a reclamar? Ou a optar por não reclamar? Como você reclamaria? Afinal, qual é o custo-benefício de reclamar? – essas e outras questões podem explicar quais **estratégias de polidez** seriam usadas por você, o falante. Outro exemplo, agora trazido por Dias e Gomes (2015), seria os diferentes procedimentos linguísticos mobilizados, dependendo do enunciado, se ele for um pedido ou uma ordem, por exemplo.

Tendo, agora, estudado algumas das principais teorias da Pragmática, você pode refletir sobre a língua em seu uso, a fim de considerar a influência dos diferentes tipos de contexto, da intenção do falante e de vários outros possíveis fatores extralinguísticos que contribuem para o processo de significação do enunciado. O estudo da Pragmática permitiu que você estudasse a performatividade da linguagem e a ideia dos atos de fala, de Austin; o princípio da cooperação de Grice e suas máximas conversacionais que devem ser respeitadas, entendendo a comunicação como um acordo prévio entre os falantes; e algumas noções de teorias da polidez, considerando algumas preocupações do homem em sua comunicação através da linguagem.



Pesquise mais

Sendo esta a sua última seção da disciplina Introdução aos Estudos Linguísticos, acesse o link da referência seguinte para ver a linha do tempo da Linguística produzida pela Prof.^a Aniela Improta França, e relembrar o conteúdo estudado:

FRANÇA, Aniela Improta. **Linha do tempo da Linguística**. Disponível em: <<http://www.acesin.letras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/timeline.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

Você chegou ao final da disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos. Esperamos que tenha podido conhecer e se interessar mais pela Linguística, de forma a ter uma boa noção de suas principais teorias e vertentes, desde o início dos estudos linguísticos até os dias de hoje. Sendo uma ciência como qualquer outra, a Linguística está

em constante inovação. Portanto, se você se interessou pela área, saiba que ainda há muito para ser estudado e compreendido pelos linguistas, o que faz com que seu aprendizado não deva parar por aqui. Consulte os livros e *links* sugeridos em cada unidade para aprofundar e consolidar seus conhecimentos.

Sem medo de errar

Para ajudar Rafaela a escrever a parte de sua matéria jornalística a respeito da Pragmática, você deve seguir o roteiro proposto no Diálogo Aberto. Uma proposta de resolução é a seguinte:

Diferença entre os polos dos estudos da linguagem no século XX:

- **Polo formalista:** ênfase na forma linguística, considerando a língua como sistema ou estrutura e desconsiderando a fala (a realização desse sistema). Exemplo: teoria gerativista de Noam Chomsky, que considera a competência do falante (em detrimento de seu desempenho).

- **Polo funcionalista:** considera a língua numa perspectiva sociointeracionista e funcional, destacando o estudo de seu uso em situações reais de comunicação. Exemplo: teorias pragmáticas, como as de Austin ou Grice, que levam em conta a competência comunicativa ou pragmática.

Teoria dos atos de fala de Austin e as condições de felicidade e infelicidade:

- Pressupõe que, ao falarmos, realizamos atos (noção de performatividade).

- Ato locucionário: conteúdo linguístico usado para dizer algo, seguindo as regras da língua. Exemplo: não dizemos “Rolou bola a”, mas “A bola rolou”.

- Ato ilocucionário: tem a força performativa; é o ato efetuado ao se dizer algo. Exemplo: ao dizer “Eu prometo que estarei em casa hoje à noite”, realizamos o ato de promessa.

- Ato perlocucionário: tem o objetivo de produzir certas consequências ou efeitos sobre quem fala, quem recebe a mensagem ou até sobre outras pessoas. Exemplo: a promessa citada como ato ilocucionário acima pode resultar numa ameaça, num agrado ou

num desagrado, sendo esse ato (perlocucionário) realizado não na linguagem, mas por ela (SILVA, 2006).

- Condições de felicidade e infelicidade: circunstâncias adequadas para que ocorram os atos de fala. Exemplo: somente se o presidente da Câmara disser “Declaro aberta a sessão”, a sessão da Câmara será efetivamente aberta, o que não aconteceria se fosse outra pessoa, pois, naquele momento, só ele tem a autoridade para executar esse ato, naquele local.

As quatro máximas de Grice:

- Máxima da quantidade: seja informativo.
- Máxima da qualidade: seja verdadeiro.
- Máxima da relevância: seja relevante.
- Máxima do modo: seja claro.

Exemplo:

Maria: *João, vamos nos atrasar. Que horas são?*

[João olha para seu relógio e entende que não se atrasarão para seu compromisso]

João: *Ainda é cedo.*

No exemplo acima, João fere a máxima da relevância ao não responder o que Maria perguntou (“que horas são?”), apesar de informá-la a respeito da relação entre o horário de seu compromisso e o horário atual, de ser verdadeiro ao não mentir e de se fazer entender de modo claro.

Faça valer a pena

1. Segundo Wilson (2011), a partir do século XX, após Saussure, as pesquisas linguísticas foram divididas em dois polos: o formalista e o funcionalista. O polo formalista enfatiza a forma, tomando a língua como sistema e estrutura, ou seja, um objeto autônomo, enquanto a fala era vista como parte individual e concreta da língua. A Pragmática faz parte do polo funcionalista de estudos da linguagem, considerando a língua numa perspectiva sociointeracionista e funcional. (WILSON, Victoria. *Motivações pragmáticas*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-110.)

Considerando a questão anterior, podemos dizer que o objeto da análise pragmática é:

- a) A fala da criança até sua vida adulta.
- b) O significado da linguagem em uso.
- c) A competência do falante ideal.
- d) O desenvolvimento da criança.
- e) A fala individual de cada pessoa.

2. Os dêiticos são formas linguísticas que dependem de um contexto para ser interpretadas. Por exemplo, num enunciado como “Ele é um mentiroso”, nós só saberemos a quem a forma ele faz referência se esse enunciado fizer parte de um contexto, ou se, por exemplo, a pessoa que o enuncia estiver apontando para alguém, com a intenção de mostrar a quem ele se refere.

Considerando essa questão, estabeleça a correlação entre o tipo de significado e sua respectiva descrição:

1. Significado literal	A. É o sentido intencional, para o falante.
2. Significado referencial	B. Depende das circunstâncias; identifica o referente.
3. Significado pragmático	C. É o significado claro, dado pelo conteúdo linguístico.

Assinale a alternativa com a sequência correta de correlação:

- a) 1-B, 2-A, 3-C.
- b) 1-A, 2-B, 3-C.
- c) 1-C, 2-B, 3-A.
- d) 1-B, 2-C, 3-A.
- e) 1-A, 2-C, 3-B.

3. Para o filósofo inglês John Austin, ao falar, estamos realizando atos. De acordo com ele, um enunciado é considerado performativo quando realiza o ato que está sendo enunciado. Por exemplo, se um padre diz “Eu os declaro marido e mulher”, ele está realizando a ação de casar duas pessoas. Por outro lado, um enunciado pode ser considerado constativo quando ele é somente declarativo, ou seja, faz uma afirmação sobre algo, como uma espécie de constatação, por exemplo: “Está chovendo”.

Com base na leitura do excerto e em seus conhecimentos sobre a teoria dos atos de fala de Austin, indique se as afirmativas a seguir são verdadeiras (V) ou falsas (F):

() Ato perlocucionário é o ato efetuado ao se dizer algo.

- () Ato locucionário é o conteúdo linguístico usado para dizer algo, seguindo as regras da língua.
- () As condições de felicidade dos atos de fala são as circunstâncias adequadas para garantir que um ato de fala tenha sucesso, ou seja, que seja efetuado ao ser dito.

Assinale a alternativa com a sequência correta de indicações, de cima para baixo:

- a) V-F-V.
- b) F-V-V.
- c) V-V-F.
- d) V-V-V.
- e) V-F-F.

Referências

BALIEIRO JUNIOR, Ari Pedro. Psicolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. Cap. 6, p. 171-202. v. 2.

COSTA, Vitor Hugo Chaves. Memória humana e atividades de linguagem no contexto escolar. **Linguagens & Cidadania**, Santa Maria, v. 15, n. 1, p. 1-15, jan./dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/download/22845/13501>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

DIAS, Luzia Schalkoski; GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Estudos linguísticos**: dos problemas estruturais aos novos campos de pesquisa [livro eletrônico]. 2. ed. Curitiba: InterSaberes, 2015. (Coleção Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, v. 1).

FRANÇA, Aniela Improta. Neurociência da linguagem. In: MAIA, Marcus (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2015. p. 171-188.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-176.

GODOY, Elena; SENNA, Luiz Antonio Gomes. **Psicolinguística e letramento** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012.

GRAVINA, Aline Peixoto. Sentenças "Garden Path": Orações Relativas Ambíguas e o Princípio Late Closure. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 8, n. 4, p. 1-13, set. 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistagatilho/files/2009/12/VOLUME-8-Sentencas-Garden-Path.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

GRICE, Paul. **Studies in the way of words**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

IN LOCO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [on-line], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/inloco>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

KUNZ, Júlio César; STUMPF, Elisa Marchioro. Constatativos e performativos: Austin e Benveniste sobre os atos de fala. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEXTO, ENUNCIÇÃO E DISCURSO, 1., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Pucrs, 2011. p. 277-282. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/JulioCesarKunzeElisaMarchioroStumpf.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2017.

LEITÃO, Márcio Martins. Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 217-234.

MACEDO, Cristian Cláudio Quinteiro. A influência da frenologia no Instituto Histórico de Paris: raça e história durante a Monarquia de Julho (1830-1848). **Humanidades em Diálogo**, São Paulo, v. 7, p. 127-145, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/113338/111294>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

MARCHIORI, Patricia Zeni; GREEF, Ana Carolina. Atividade de escrita colaborativa: percepção de alunos, princípio cooperativo de Grice e social loafing. **Educação e**

Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 467-482, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v40n2/aop1018.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; SOUZA, Sabrina Lima de. A teoria da polidez de Brown e Levinson aplicada ao português brasileiro: desafios e propostas. IX SEMANA NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, 2007, São Gonçalo, **Anais...** São Gonçalo: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/07.htm>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

MENEGOTTO, Elimar Mayara de Almeida; KONKIEWITZ, Elisabete Castelon. Neurobiologia da linguagem e afasias. In: KONKIEWITZ, Elisabete Castelon (Org.). **Tópicos em Neurociência Clínica**. Dourados: EDUFGD, 2010. Cap. 6. p. 79-93. (Cadernos Acadêmicos da UFGD). Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/?p=1706>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

MORATO, Edwiges. Neurolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras, v. 2. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. Cap. 5. p. 143-170.

OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca de; SÁ, Thais Maira Machado de. Métodos off-line em psicolinguística: julgamento de aceitabilidade. **Revele**: Revista Virtual dos Estudantes de Letras, Belo Horizonte, v. 5, n. 5, p.1-20, maio 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/viewFile/4350/4164>>. Acesso em: 9 mar. 2017.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras, v. 2. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. Cap. 2. p. 47-68.

SAMPAIO, Thiago; COSTA, Marília. História e métodos experimentais em Linguística e Neurociência da Linguagem. SCIENTIARUM HISTORIA III, 2010, Rio de Janeiro. **Proceedings...** Rio de Janeiro: HCTE/UFRJ, 2010. p. 2. Disponível em: <http://www.thiagomotta.net/uploads/7/0/5/2/7052840/historia_e_metodo.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2017.

SATHLER, Erika Hoth Botelho. **Estratégias de polidez utilizadas por brasileiros em situações de elogio: um estudo sociointeracional**. 2011. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8752/1/2011_ErikaHothBotelhoSathler.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2017.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro. Teoria dos Atos de Fala. X CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGOLOGIA, 2006, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viifelin/41.htm>>. Acesso em: 7 fev. 2017.

STREY, Cláudia. O objetivo de leitura em uma interface psicolinguística-pragmática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 51, n. 1, p. 217-233, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v51n1/v51n1a11.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

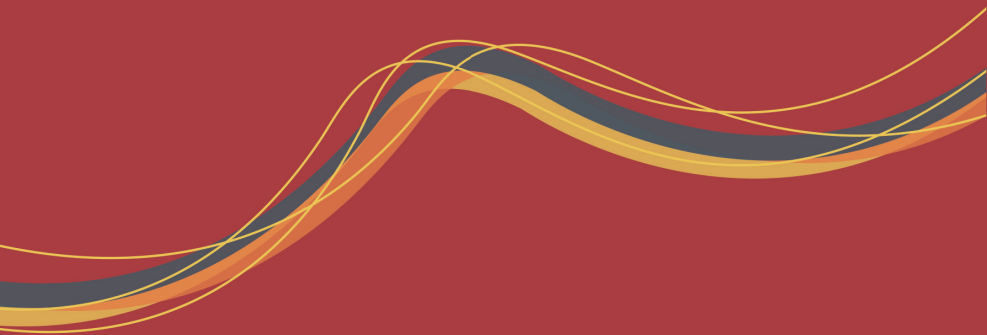
WILSON, Victoria. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-110.

Anotações

[illegible]

Anotações

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



ISBN 978-85-8482-905-7



9 788584 829057 >